



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM PROL
DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E ANIMAIS EM
ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS**

ANDRIARA NUNES NUNES

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Vânia Alves Martins Chaigar



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO – IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM
PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E
ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS**

ANDRIARA NUNES NUNES

RIO GRANDE
2021

ANDRIARA NUNES NUNES

**POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM
PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E
ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientação: Prof.^a. Dr.^a. Vânia Alves Martins Chaigar

Linha de pesquisa: Formação de professores e Práticas educativas

RIO GRANDE
2021

Ficha Catalográfica

N972p Nunes, Andriara Nunes.

Por uma Pedagogia antiespecista: experiências em prol de relações biocêntricas entre crianças e animais em escolas da cidade do Rio Grande/RS / Andriara Nunes Nunes. – 2021.
185 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS, 2021.

Orientadora: Dra. Vânia Alves Martins Chaigar.

1. Pedagogia antiespecista 2. Educação biocêntrica
3. Antiespecismo 4. Libertação animal 5. Crianças e animais
6. Cognição e afetividade 7. Escolas públicas I. Chaigar, Vânia Alves Martins II. Título.

CDU 372(816.5RG)

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

ANDRIARA NUNES NUNES

**POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM
PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E
ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Aprovado em: 31/08/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Vânia Alves Martins Chaigar (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Cláudio Tarouco, de Azevedo
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Orlando Ednei Ferreti
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.^a. Dr.^a Ângela Adriane Schmidt Bersch
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

RIO GRANDE

2021

AGRADECIMENTOS

Em tempos tão tortuosos de negligência e caos neste país, inicio agradecendo a Deus e à espiritualidade por tudo, principalmente pelas vibrações em continuar acreditando que é possível manter-se em pé, resistente, resiliente, vacinada e por TODOS nós!

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande, nossa tão estimada FURG, instituição pública de qualidade, por poder seguir construindo a ponte escola-academia na caminhada pela educação. Agradeço ao programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU por toda sensibilidade frente às necessidades enviadas em difíceis momentos durante a formação.

Sou grata a minha querida orientadora “Profe” Vânia por tornar possível ir além dos muros, acreditar na potência de professores e professoras cata-vento, espalhadas por todo o território brasileiro, nos fazendo crer e saber que nunca estaremos sozinhas. Por acreditar e praticar a educação sensível, resistente, amorosa e calorosa, nos levando à “cobertura”, sempre! Por compartilhar a tão cara e potente temática: a *boniteza* de saberes e parcerias com pessoas tão especiais, como as da minha banca, do Recidade e as vivências bichanas! Eh! Eh!

Agradeço ao meu companheiro Alex por toda luta, força, fé, idas e vindas, falas e escutas, carinho e amor dedicados a mim, a nós e aos nossos peludos, por toda preocupação, paciência, crítica, cuidado, ajuda e incentivos, dos mais diversos, a manter o meu foco. Nossa parceria realiza sonhos! *“Tá queridan, vamos lá que os paradigmas não se quebram sozinhos!”*

Agradeço às escolas e, em especial, às crianças por todos os momentos compartilhados, por tudo que aprendi com elas, pela confiança e por me fazerem acreditar que é possível!

Agradeço às companheiras de luta pelos direitos animais, por cada potente contribuição e (re)construção de nossas pegadas, pela possibilidade de enxergar e ler o mundo!

Sou muito grata a minha psicóloga Marcia por segurar minha mão todas as vezes que a caminhada se tornou frágil e me conduzir a um espaço seguro, por toda reflexão diária!

Agradeço infinitamente a minha família por tudo, tudo mesmo! Por nunca me deixar desistir, por acreditar em mim, quando eu mesma já não conseguia. Gratidão mãe Luecy, por me mostrar, desde a mais tenra idade, que a vida de TODOS importa e merece respeito. Gratidão pai Paulo Renato, por eu ter consciência de classe e me reconhecer como ser de luta contra todo tipo de opressão. Com vocês, meus maiores exemplos, meus portos seguros, chego aqui dando mais passos importantes nessa caminhada que carrega no peito todos os animais!

E agradeço aos outros animais, por transformarem minha luta na luta de todos NÓS!

Animastê!

RESUMO

A negação à ternura se faz presente em muitas instituições sociais. A complexa relação cognitiva-afetiva, principalmente no processo de ensino-aprendizagem, evidencia a fenda ainda maior ao encontro terno com o outro, que não o autoproclamado humano, separação advinda do paradigma antropocêntrico especista herdado pela sociedade ocidental, que consiste em uma suposta supremacia perante aos outros seres em suas mais diversas formas de vida. Considerando a educação como processo dialógico crítico-reflexivo para a libertação, propomos problematizar a influência da conexão afetividade-cognitividade no despertar de novos olhares para as relações com os animais, no percurso de reconhecimento e superação do especismo, e investigar que práticas pedagógicas antiespecistas, com vistas à sacralização da vida, que recuperem e aprofundem a conexão (perdida/banida/exilada) entre cognição e sensibilidade, são possíveis, no presente, nas escolas. Percorre a memória, a narrativa autobiográfica da própria pesquisadora, como fonte e ferramenta metodológica de pesquisa-formação, concomitantemente ao método de análise documental e bibliográfico, dialogando com referenciais teóricos importantes como Paulo Freire, Leon Denis, Sônia Felipe, Miguel Arroyo, Luis Carlos Restrepo, Marco Maurizi, na construção e defesa de pedagogias outras, aqui proposta como uma pedagogia antiespecista. O estudo recuperou fatias de um passado de lutas e resistências na defesa de políticas públicas conquistadas pelos direitos animais na cidade do Rio Grande/RS, inscrevendo, a partir das experiências docentes e discentes, outras possibilidades de comprometimento com o outro, como exigência ética ao (re)criar diferentes críticos/reflexivos/ternos olhares, pensamentos, comportamentos, com vistas à transformação, ao desfazer os nós internalizados do especismo, isto é, do preconceito e da estrutura social de exploração, através de uma educação centrada na vida.

Palavras-chave: Pedagogia antiespecista; educação biocêntrica; antiespecismo; libertação animal; crianças e animais; cognição e afetividade; escolas públicas.

ABSTRACT

Denial to tenderness is very present in many social institutions. The complex cognitive-affective relationship, especially in the teaching-learning process, highlights a much greater gap in the tender encounter with the other, rather than the self-proclaimed human. This separation comes from the speciesist anthropocentric paradigm inherited by the western society, which consists of an alleged supremacy before the other living beings in their most diverse forms of life. Considering education as a critical-reflexive dialogic process for freedom, this work proposes to problematize the influence of the affectivity-cognitive connection in the arousing of new perspectives towards the relationship with animals in the path of acknowledging and overcoming the speciesism. It also investigates which antispeciesist pedagogical practices, which are based on the sacralization of life, recovers and deepens the (lost/banned/exiled) connection between cognition and sensitivity, are possible nowadays in schools. Going through her memories, the researcher's autobiographic narrative is a source and a methodological tool of research-training, concomitantly to the method of bibliographic and documental analysis, and dialogues with important theoretical referential such as Paulo Freire, Leon Denis, Sônia Felipe, Miguel Arroyo, Luis Carlos Restrepo, Marco Maurizi in the construction and defense of other pedagogies, proposed here as an antispeciesist pedagogy. This study recollected slices of a past of struggles and resistance on the defense of public policies conquered by the animal rights in Rio Grande/RS, inscribing, from teachers and students' experiences, other possibilities of commitment with the other as an ethical demand in (re)creating different critical/reflexive/tender eyes, thoughts, behaviors with the objective of transformation when untying the internalized knots of speciesism, that is, the prejudice and social structure of exploration through an education centered in life.

Key words: Antispeciesist pedagogy; biocentric education; antispeciesism; animal freedom; children and animals; cognition and affectivity; public schools

Animal Sente
(Bruno Monteiro/Nana Lacerda/ 2017)

Animal sente
Tudo igual a gente
O porquinho quer viver
Bezerrinho quer viver
Quem sou eu
Quem é você
Pra dizer que não
Bicho não é pão

Animal sente
Dor igual a gente

Peixe, frango, pato, gato
Eu não quero no meu prato
A porquinha é minha amiga
Não vou pôr na minha barriga

Animal sente
É ser senciente

Boi, siri, querem viver
O franguinho quer viver
Igual eu
Igual você
Tem mãe
Tem irmão
Leitão não é pão

Animal sente
Fome igual a gente

Onça, zebra e o macaco
Não são pele pra casaco
Todo bicho na verdade
Tem direito à liberdade

Animal sente
Frio igual a gente

Animal não é brinquedo
Não é pra se aprisionar
No zoo, no circo ou na gaiola
Jaula não é lar
Deixa ele voar

Animal sente
Medo igual a gente

O que vem dos animais
É só deles companheiro
As peninhas são do ganso
Não são o seu travesseiro

Animal sente
Ama igual a gente

Animal sente
Ama igual a gente

Animal sente
Ama igual a gente

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da cidade do Rio Grande no estado do Rio Grande do Sul	35
Figura 2 - Localização das escolas e trajeto entre elas	35
Figura 3 - Lenir Amaral	40
Figura 4 - Placa de reconhecimento do município à Lenir Amaral	40
Figura 5 - Placa de reconhecimento da Amigo Bicho e Companhia à Lenir Amaral	40
Figura 6 - Logo Amigo e Bicho e Companhia	41
Figura 7 - Montagem das reportagens de jornais	43
Figura 8 - Montagem das fotos tiradas dentro do canil	44
Figura 9 - Aprovação da PL de apelo popular que proíbe o uso da carrocinha	45
Figura 10 - Veto da Lei que proíbe o uso da carrocinha	45
Figura 11 - Logo GAE Grupo de Abolição do Especismo Rio Grande	46
Figura 12 - Montagem de alguns momentos realizados pelo GAE Rio Grande	47
Figura 13 - Novas instalações para o canil	48
Figura 14 - Ongs contra um novo canil	48
Figura 15 - Repercussão no site ANDA	49
Figura 16 - Reunião para a criação da CMDDA	51
Figura 17 - Logo CMDDA	52
Figura 18 - Castramóvel	52
Figura 19 - Carrocinha virou unidade móvel	52
Figura 20 - Lançamento (conhecendo) castramóvel	53
Figura 21 - Voluntárias em operação da CMDDA (verificação de maus-tratos)	53
Figura 22 - Temas Contemporâneos Transversais BNCC	62
Figura 23 - Quadro Intra/Inter/Transdisciplinar BNCC	62
Figura 24 - Início da palestra	67
Figura 25 - Fulaninho	68
Figura 26 - Em frente ao ônibus	69
Figura 27 - Em frente ao castramóvel	69
Figura 28 - Conhecendo o castramóvel 1	69
Figura 29 - Conhecendo o castramóvel 2	70
Figura 30 - Conhecendo o castramóvel 3	70
Figura 31 - Lanche coletivo	71
Figura 32 - Alimentando um cachorro	71
Figura 33 - Ilustrando cartaz O gato	73
Figura 34 - Cartaz O gato	73
Figura 35 - Cartaz caldeirão	74
Figura 36 - Conversando sobre vegetarianismo/veganismo	76
Figura 37 - Primeira oficina de culinária vegana	76
Figura 38 - Montando o “cachorrão”	76
Figura 39 - Uso da água	79
Figura 40 - Selfie mortal 1	80
Figura 41 - Selfie mortal 2	80
Figura 42 - Selfie mortal 3	81
Figura 43 - Oficina de Páscoa	83
Figura 44 - Ovos de colher 1	84
Figura 45 - Ovos de colher 2	84
Figura 46 - Palestra sobre equinos 1	86
Figura 47 - Palestra sobre equinos 2	87
Figura 48 - Escrita de um aluno	87

Figura 49 - Analisando livros 1	92
Figura 50 - Analisando livro 2	92
Figura 51 - OKJA	93
Figura 52 - Turma com o cartaz	94
Figura 53 - Cartaz defender os direitos dos animais e o respeito a todas formas de vida	94
Figura 54 - Founde	94
Figura 55 - Passarinho na mesa	95
Figura 56 - Passarinho na mão da professora	96
Figura 57 - Passarinho com a turma	96
Figura 58 - Estrelinha com a turma	97
Figura 59 - Estrelinha deitada no corredor	98
Figura 60 - Estrelinha na mesa da professora	98
Figura 61 - Estrelinha recebendo carinho 1	100
Figura 62 - Estrelinha caminhando nas mesas	100
Figura 63 - Estrelinha recebendo carinho 2	100
Figura 64 - Estrelinha no colo, na sala de vídeo	101
Figura 65 - Estrelinha alimentando-se	101
Figura 66 - Filhotes da Estrelinha	101
Figura 67 - Páscoa Consciente: nesta Páscoa, o coelhinho não vem!	103
Figura 68 - Bolo 1	105
Figura 69 - Bolo 2	105
Figura 70 - Em frente a geladeira comunitária	106
Figura 71 - Geladeira vazia	106
Figura 72 - Fatias na geladeira	106
Figura 73 - Cesta de Páscoa	108
Figura 74 - Mostra fotográfica	110
Figura 75 - Cão no pátio da escola	113
Figura 76 - Cão na sala de aula	113
Figura 77 - Cão na caminhada pela vida	114
Figura 78 - Caminhada pela vida	114
Figura 79 - Passarinho 1 EI	117
Figura 80 - Passarinho 2 EI	118
Figura 81 - Passarinho 3 EI	118
Figura 82 - Folder 4ª Feirinha da FURG	123
Figura 83 - Capa do livro “Professora Andriara em: Gato Preto	123

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Leis municipais criadas no período de 2013 a 2020

50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais

ARGIPA – Associação Rio-grandina de Proteção aos Animais

BDBTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CMDDA – Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais

COVID-19 – Coronavírus disease 2019

DAC – Diretoria de Arte e Cultura

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

DOCTRG – Documento Orientador Curricular do território rio-grandino

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

GAE – Grupo de Abolição do Especismo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação

ONG – Organização Não Governamental

PATRAM – Patrulha Ambiental da Brigada Militar

PCD – Pessoa com Deficiência

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SMEd – Secretaria de Município da Educação

SVB – Sociedade Vegetariana Brasileira

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

EU, O OUTRO E O UNIVERSO	15
1 DE ONDE FALO? SE TIVER PERMISSÃO, FALAREI PELOS QUE NÃO TÊM VOZ, PELOS OUTROS ANIMAIS TAMBÉM	21
1.1 EXISTIR, NÃO USUFRUIR!	28
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	33
1.3 METODOLOGIA DE PESQUISA.	34
1.4 ESTADO DO CONHECIMENTO	36
2 2014 O ANO DOS ANIMAIS RIO-GRANDINOS	37
3 TU TE TORNAS ETERNAMENTE RESPONSÁVEL POR AQUILO QUE CATIVAS – SAINT-EXUPÉRY	54
3.1 E OS OUTROS ANIMAIS? COMO CHEGARAM À ESCOLA?	56
3.2 CRIANDO LAÇOS E DESATANDO NÓS NA ESCOLA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIESPECISTAS POSSÍVEIS	57
3.3 OUTUBRO DE 2016	60
3.3.1 <i>Abril de 2017</i>	77
3.3.2 <i>Junho de 2017</i>	84
3.3.3 <i>Setembro de 2017</i>	89
3.3.4 <i>Outubro de 2017</i>	91
3.3.5 <i>Novembro de 2017</i>	96
3.3.6 <i>Março de 2018</i>	98
3.3.7 <i>Ainda março de 2018</i>	102
3.4 PERMITA QUE EU FALE, NÃO AS MINHAS CICATRIZES, SE ISSO É SOBRE VIVÊNCIA, ME RESUMIR À SOBREVIVÊNCIA É ROUBAR UM POUCO DE BOM QUE VIVI	108
3.4.1 <i>Setembro de 2019</i>	109
3.4.2 <i>Outubro de 2019</i>	114
“NO ESCURO, A SÓS COM A MINHA VOZ...POR NÓS, QUEM? QUEM? QUEM? ANTES, DURANTE E APÓS, DESATANDO OS NÓS, HEIN? HEIN? HEIN?”	119
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICES	130
APÊNDICE A - ESPECISMO	130
APÊNDICE B - RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS – EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA	132
APÊNDICE C - RELAÇÃO CRIANÇAS E ANIMAIS - CRIANÇAS E ANIMAIS	138
ANEXOS	140
ANEXO A - EMENTA DISCIPLINA A CIDADE, AS CRIANÇAS E OS ANIMAIS	140
ANEXO B - ESTATUTO ARGIPA CAPÍTULO I	142
ANEXO C - OFÍCIO CONSTATAÇÃO DE CRIME DE MAUS-TRATOS CONTRA ANIMAIS NO CANIL MUNICIPAL	143
ANEXO D - MANIFESTAÇÃO DOS GRUPOS LIGADOS À PROTEÇÃO ANIMAL EM RIO GRANDE	144
ANEXO E - ATA	145
ANEXO F - OFÍCIO REMOÇÃO DOS ANIMAIS DO “MINI-ZOOLÓGICO” DA PRAÇA TAMANDARÉ	146
ANEXO G - RELATÓRIO CMDDA	149
ANEXO H - MEMORANDO À SMED - COELHO	156

ANEXO I - PRÉ-PROJETO DIREITOS ANIMAIS NA ESCOLA	157
ANEXO J - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO.	180

EU, O OUTRO E O UNIVERSO

Vivemos em um mundo onde a educação ainda sofre distorções, em função de uma cultura ocidental que, como afirma Restrepo (1998), distanciou razão e emoção em seus mais variados contextos, erguendo a bandeira da importância da cognição em detrimento da sensibilidade, causando um grande bloqueio cultural e levando a um abismo entre o conhecimento e a afetividade. Sofremos do que intitula analfabetismo afetivo, afirmando que

Sabemos da A, do B e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros, campo em que qualquer uma das culturas chamadas exóticas ou primitivas nos supera de longe (RESTREPO,1998, p.19).

Nesse sentido, Restrepo (1998, p.13) afirma que, tanto o homem como a mulher, a criança ou o velho, todos são tentados por símbolos culturais inimigos do encontro terno, que, ao regulamentar seus comportamentos, aspirações e convicções, os levam a aplicar na vida diária a lógica arrasadora da guerra. Corroborando com Restrepo, Schettini Filho (2017, p.15), em seu livro *Pedagogia da Ternura*, afirma que vivemos numa época em que se reverberam os maus-tratos às crianças, aos idosos e aos desvalidos de oportunidades, pois estamos condicionados ao pensamento da *lei do mais forte*. Enfatizando que

Esquecemos de que maus-tratos são também a negação da ternura no dia a dia da convivência com aqueles a quem pretendemos educar para a vida, sem nos darmos conta de que a educação para viver é simplesmente *viver e permitir viver*. A ternura se consubstancia no respeito, na espera e na valorização do patrimônio de cada um por restrito que possa parecer. (SCHETTINI FILHO, 2017, p. 15).

Logo, se ainda há um hiato ao encontro terno com o outro, encontramos um espaço relativamente maior quando este outro são outros seres, que não o humano. Segundo Leon Denis (2010), a criança desde pequena aprende “o exercício da irreflexão e da ausência de pensamento” quando se trata a questão dos animais, primeiramente em seu ambiente familiar e em seguida no ambiente escolar, afirmando que diariamente estão expostas ao que ratifica por “banalização do mal” (conceito que traz da filósofa Hanna Arendt), passando por um intenso processo de naturalização do homem como centro do universo, atrelada a

Uma tradição antropocêntrica, uma cultura especista e os bons costumes sacralizados de toda expressão do mal. Ao crescer num ambiente familiar banalizador do mal, o jovem não pode herdar outra coisa senão o “vazio de pensamento”, a irreflexão, a superficialidade no trato com a vida, seja ela humana ou não-humana. Portanto, herda-se o direito de manter hábitos e tradições que não podem ser justificados do ponto de vista ético (DENIS, 2010, s.p.)

No entanto, pesquisas com crianças pequenas têm sido animadoras e indicam também modos delicados nessa relação com os animais. Muitas delas demonstram ainda uma relação bem-estarista¹ utilitarista (como, por exemplo, o uso de animais como “recursos terapêuticos” aos humanos, desconsiderando o animal como sujeito de uma vida), outras assistencialistas, há ainda, pesquisas que valorizam o animal em sua essência, inclusive com trabalhos nas escolas, com diálogo e discussões, apresentando, buscando e promovendo mudanças no olhar, pensamento e comportamento frente à vida. Chaigar e Redin (2018) afirmam que:

Colocar os animais no centro de debates ético-existenciais desdobra repensar a maneira como a escola e também nós na universidade, temos focado o assunto. Restrepo critica a forma como a escola educa as crianças no campo da ternura e da afetividade. Para ele, "as salas de aula, tão propícias à formulação de uma verdade abstrata e metafísica, não parecem sê-lo ao tema da ternura. Há vários séculos a ternura e a afetividade foram desterradas do palácio do conhecimento. (RESTREPO, 2000, p. 21)". (CHAIGAR; REDIN, 2018, p.201).

Partindo do “lugar escola”, considerando-o como “espaço de acontecimento” (CHAIGAR, 2008), esta pesquisa ocorre no âmbito do miúdo, a partir das minhas implicações/experiências (LARROSA, 2011) como professora da escola pública fundamental, ativista dos direitos animais, participante do Núcleo de Pesquisa e Extensão Educação e Memória (EDUCAMEMÓRIA - CNPq), mais especificamente na linha Redes de cultura, estética e formação na/da cidade (RECIDADE), da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Concentra-se na linha de Formação de professores e práticas educativas do Mestrado em Educação a qual “congrega pesquisas no campo da formação inicial, continuada e permanente de professores, bem como investiga as práticas educativas em espaços escolares e não escolares” (Regimento PPGEDU, 2018, p. 2).

É desse cotidiano cidadão, na escala da escola, que emerge a minha pesquisa. Na ação e reflexão da prática docente em escutar as crianças, entender o que pensam, sentem, imaginam, observam, sonham de modo a favorecer o desenvolvimento de sua autonomia, ampliar o universo de conhecimento que já possuem e estimular, desde a mais tenra idade, uma consciência crítica sobre o mundo, sobre nossas atitudes, sobre o meio ambiente e tudo que o compõe, como seres “praticantes” (CERTEAU, 1998) da cidade.

Com ênfase em minhas experiências como docente, vivenciando dia a dia a construção de saberes dessa relação entre nós e os animais, a presente pesquisa buscou compreender e

¹ O bem-estarismo disseminado leva a crer que é possível usar os animais sem maltratá-los. Nunca tal concepção se questiona se, além do corpo, há algo mais que pode ser tão machucado que leve o sujeito à infelicidade e à perda do bem próprio que sua vida representa para ele. Os bem-estaristas ignoram o sujeito da própria vida em cada indivíduo animal. (FELIPE, 2020, p.14).

problematizar as aprendizagens com crianças, na escola, através de uma abordagem antiespecista, crítica, para além da constatação de preconceito em relação aos animais, que supere a visão funcionalista, mercadológica antropocêntrica, como bem define Laerte Levai.

O antropocentrismo, corrente de pensamento que faz do homem o centro do universo e, conseqüentemente, o gestor e usufrutuário do nosso planeta, perdura há mais de 2000 anos na cultura ocidental. [...] estendendo ao ser humano o pretensão direito de subjugar a natureza para alcançar os fins que almeja. Tal postura arrogante, ao longo da história, desencadeou a contínua degradação do ambiente e a subjugação dos animais, gerando na era contemporânea o que se pode chamar de *crise ambiental*. (LEVAI, 2011, p. 8)

Subjugação dos animais, sencientes, seres capazes de experienciar sensações de forma consciente, isto é, de receber e reagir a estímulos, vivenciar e manifestar sentimentos que os afetam negativa ou positivamente, que *sentem igual a gente*. Gente que resiste a admitir sua animalidade, como bem retrata Maciel (2016, p.16), quando afirma que “foi precisamente pela negação da animalidade que se forjou uma definição de humano ao longo dos séculos no mundo ocidental”, separação que tratou de criar e reforçar uma suposta superioridade que Felipe (2020) elucida no seguinte trecho:

A concepção de supremacia e a separação dos “superiores” frente aos “inferiores” nos foi legada pelo antropocentrismo especista despótico de Tomás de Aquino. Seres superiores devem tudo poder na busca do bem para si. Não havendo como provar a supremacia humana frente às demais espécies animais, Aquino dá um golpe moral (mortal) nos animais outros, ao criar um quarto reino (além dos reinos mineral, vegetal e animal): o humano. Este separatismo que nos formatou domina a filosofia moral tradicional. (FELIPE, 2020, p. 92).

Iguais por natureza, dotados de interesses e tão sencientes quanto nós, os autoproclamados humanos, os animais são diferentes dos humanos, assim como humanos possuem características diferentes entre si. No entanto, essas diferenças não deveriam ser passíveis de discriminações, exploração, opressão, dominação ou qualquer ato danoso, cruel que legitimasse um sofrimento, uma supremacia. Se há tudo isso, é porque a humanidade firmou incontáveis hábitos especistas. E, por essas razões, me oponho ao especismo².

O especismo pode ser definido basicamente como qualquer forma de discriminação praticada pelos seres humanos contra outras espécies. Como o racismo, ou o sexismo, o especismo é uma forma de preconceito que se baseia em aparências externas, físicas, etc. Ou seja, a simples constatação de uma diferença é usada como um pretexto ou motivo para não aplicação do princípio

² Conceito cunhado pelo psicólogo e ativista dos Direitos Animais Richard D. Ryder em 1970 e que posteriormente veio a ser popularizado pelo filósofo Peter Singer em seu livro *Libertação Animal*, no ano de 1975.

ético de igualdade, entendida como igual consideração de interesses. (BRÜGGER, 2004, p.39).

Esse antropocentrismo especista de nossa sociedade vem sendo cada vez mais discutido, e tentativas de combater esse padrão são evidenciadas em muitas lutas, e principalmente pelos movimentos de defesa animal, desde o utilitarista, passando pelo bem-estarista, direitos animais e o mais atual, abolicionista. Movimentos extremamente importantes e caros que serão aprofundados e movem o decorrer desta escrita, pois

Defender os animais é defender o direito fundamental à consciência emocional e natural de suas espécies, seu direito de acessar em paz, a seu próprio modo, os arquivos de sua espécie, para orientar-se no ambiente externo nas interações com seus pares. Quem defende animais levando em conta somente os suprimentos básicos, água, comida, temperatura e abrigo, esquece que uma constituição animada, aninha o movimento em uma alma. (FELIPE, 2020, p.12-13).

Ao defender os animais, esses movimentos não podem lutar apenas em defesa de um assistencialismo, mas, sobretudo, devem fazer parte do processo educativo crítico e reflexivo da humanidade nas suas relações, e valorização da vida e não-violência, escrevendo, a partir da nossa condição de racionalidade e afetividade, outra possibilidade de comprometimento para com os outros, com o mundo, entendendo-se como parte do todo buscando o respeito como exigência ética. Ética do respeito à vida, como bem denominou um dos precursores da bioética³, Albert Schweitzer, que, em sua filosofia de reverência à vida, une inteligência emocional e racional, “sugerindo-nos que uma ruptura entre essas esferas é uma arbitrariedade” (COSTA JR. apud ANDRADE, 2016, p. 66-67).

Por sua vez Paulo Freire, ao assumir-se um educador humanizador, vê na afetividade, no querer bem, a abertura para selar o seu compromisso com os educandos numa prática específica do ser humano, e afirma que é preciso “descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. [...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (1996, p. 141). Do mesmo modo, Rolando Toro, em sua educação biocêntrica, tem como prioridade o desenvolvimento e cultivo de uma inteligência afetiva para a superação de toda forma de discriminação. Para ele

A aliança entre inteligência e afetividade é a base do processo de reflexão. [...] inteligência e afetividade são dois conceitos encarnados, que ganham força material quando se coloca em cena a identidade de cada um e o exercício cotidiano da alteridade. (GONSALVES, 2009, p.19-20).

³ Bioética é um ramo da ética aplicada que se dedica a estudar e refletir quanto à influência das ações humanas sobre os seres vivos. A palavra se origina do grego *bios* (vida) e *ethiké* (ética), ou, em uma tradução simples, a “ética da vida.” (PULZ, 2013, p.36).

Ambos os teóricos têm como base e compromisso o processo contínuo de desenvolvimento humano nas suas mais profundas dimensões, bem como a integração da consciência e afetividade. Afetividade como sentimento de alteridade e ética, pois, como propõe Emmanuel Lévinas (2005), a relação de alteridade é condição para a ética e

A ética consiste, pois, em eu sentir a obrigação de encarar todo e qualquer desejo de viver com o mesmo respeito que tenho a meu próprio desejo de viver. Com isso obtemos o princípio básico e infalível da Moral. O bem é: conservar e fomentar a vida; o mal: destruí-la e estorvá-la. (SCHWEITZER apud ANDRADE, 2016, p.67).

E através dessa relação (de alteridade), nessa dimensão entre eu, o outro e o universo, sustento o referencial em teóricos sensíveis, a fim de aproximar, compreender, aprofundar e refletir criticamente as pedagogias tecidas por tais autores, na possibilidade de uma educação centrada na vida, em suas mais variadas formas. Como diz a canção da banda Nx Zero, “entre razões e emoções a saída é fazer valer a pena⁴”, então cá estou neste rigoroso e incessante trabalho de organizá-las mental e estruturalmente, a fim de compor essa pesquisa!

Pesquisa, esta, que buscou percorrer entre a dualidade complexa que a relação cognitivo-afetiva exerce sobre a “humana docência” (ARROYO, 2013), que a almeja em equilíbrio, mas encontra déficits formativos e auto formativos que rechaçam esse encontro educativo com o outro. Como “formadores de dimensões humanas”:

Descobrimos os educandos, as crianças, adolescentes e jovens como gente e não apenas como alunos. Mais do que contas bancárias, onde depositamos nossos conteúdos. [...] Reaprendemos que nosso ofício se situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos. Por aí reencontramos o sentido educativo do nosso ofício de mestre, docentes. Descobrimos que nossa docência é uma humana docência. (ARROYO, 2013, p. 53).

Longos e contínuos processos formativos que estão diretamente ligados ao *ser mais* e não ao ter mais, isto é, segundo a pedagogia libertadora freiriana, homens e mulheres como seres inconclusos, conscientes de sua inconclusão e, portanto, inacabados, em processo constante de humanização, em permanente movimento de busca de sua vocação ontológica, a

⁴Versos da canção *Razões e Emoções* da banda brasileira de emocore (termo que significa emotional hardcore ou hardcore punk emocional que teve sua origem nos anos 1980, mas que em 2000 transformou o “emo” mundialmente em uma cultura popular, principalmente entre os jovens e adolescentes, com canções confessionais e que falavam de amor, influenciando uma geração que, através do respeito, se mostrou emotiva, tolerante, amorosa e afetiva com os outros, conduta que, na época, levaram adeptos como eu a serem hostilizados sofrendo muito preconceito, violências e críticas, também pela influência do estilo das vestimentas que mesclavam o preto com cores alegres e cabelos coloridos) Nx Zero escrita por Di Ferrero e Gee Rocha.

de *ser mais*. “Educar para desenvolver valores éticos e não apenas para se obter o lustro de uma inteligência duvidosa” (CAMARGO, 2010, p.22).

Nesse sentido, é imprescindível que se comece pela educação pautada no respeito à vida em todas as suas manifestações, como nos alerta Ailton Krenak, para o obsoletismo da espécie que, embora por um fio, continua a saga de sentir-se apartado dos demais organismos, afirmando que

[...] a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há lista de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios, animais. Somos piores que a Covid-19. Esse pacote chamado humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (KRENAK, 2020, p.7).

Nesse sentido, para melhor delinear a escrita desta dissertação, no **capítulo 1** (*De onde falo? Se tenho permissão, falarei pelos que não têm voz, pelos outros animais também*) discorro sobre o “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017), lugar que ocupamos socialmente, ao narrar minha trajetória, experiências de vida junto aos animais, reconhecendo que ali se encontram demarcadas possibilidades que evidenciaram, mais tarde, a raiz do surgimento do problema da pesquisa. Isto porque a vida é existência e memória, é ela que dá sentido e significa a experiência, como instrumento e como elemento constitutivo do sentimento de identidade. Vou traçando um arranjo novo ao refletir sobre o olhar do passado, da lembrança dentro dos arranjos construídos e, agora, pronunciados e interpretados. Apresento também o estado do conhecimento.

No **capítulo 2** (*2014, O ano dos animais Rio-Grandinos*) trago o importante histórico sobre o ativismo em prol dos animais, concepções e direitos na cidade do Rio Grande, RS, de seres invisibilizados no passado, ao novo momento demarcado em 2014, com a criação da Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais, e as lutas e conquistas que seguem até o atual momento.

No **capítulo 3** (*Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas*) discorro sobre a escola, as experiências da docência, as relações das crianças com os animais, as investigações e os atravessamentos com teóricos que justificam o exercício de um trabalho pedagógico, centrado na ética antiespecista e postura biocêntrica, que como afirma Levai (2011, p.15) “ainda está em seu nascedouro, mas urgente, já que, talvez, seja a única capaz de deter os desmandos do homem em sua desenfreada sede de ganância e poder”.

Por fim, na última parte, (“*No escuro, a sós com a minha voz...por nós, quem? Quem Quem? Antes, durante e após, desatando os nós, hein? Hein? Hein?*”) apresento as **considerações finais**.

DE ONDE FALO? SE TIVER PERMISSÃO, FALAREI PELOS QUE NÃO TÊM VOZ, PELOS OUTROS ANIMAIS TAMBÉM⁵

Nesta investigação, como professora pesquisadora, evidencio o entendimento do conceito lugar a partir da filósofa Djamila Ribeiro, ao afirmar que esses questionamentos são fundamentais para que possamos entender lugares de fala (RIBEIRO, 2017, p.77).

Conceito entendido, também, pela geografia com destaque para estudos de Milton Santos. Em ambos o lugar tem uma conotação social e política. Conceito antigo ganhou destaque recente na voz de subalternos que o apresentam como possibilidade de quebrar com o discurso único produzido por grupos hegemônicos. Sim, uma coisa é o lugar no qual as normatividades estão presentes e não é preciso nem falar para ser escutado; outra é o lugar dos invisibilizados cujos discursos, mesmo quando gritados não são ouvidos (NUNES; BARBOSA; CHAIGAR, 2019, n.p.).

Neste lugar dos invisibilizados, inclusive na escola, preciso enfatizar aqui, que me deterei aos animais e suas relações com esses outros animais, nós, seres considerados conscientes, racionais, humanos.

Desde Darwin sabemos que todos somos animais. E se levarmos a sério a contribuição darwiniana, teremos que revisar nossa opinião sobre o tratamento que damos aos animais. A implicação ética do darwinismo seria a de que um parentesco biológico carrega um parentesco moral, em face do compartilhamento de habilidades (cognitivas, emocionais, sociais, etc.) derivado da identidade genética comum entre humanos e não-humanos. (NACONECY, 2006 in PAZZINI, 2016, p.47).

Sendo assim, busco, revivo, e faço uso de minhas memórias como recurso intelectual e “elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204), para dizer de onde eu falo.

Eu tenho uma relação cósmica com os animais que a cada dia vai se revelando de diferentes formas e transformando esse “eu” que lhes escreve. Pois bem, conta minha mãe que, quando recém-nascida, não podia de forma alguma desprender o olhar de quando me colocava

⁵ Parte deste capítulo está publicado no livro *Narrativas, Geografias e Cartografias – para viver é preciso espaço e tempo*, Vol.II, sob o título *Experiências de Vida e Aprendizagens com Animais: A formação no Atravessamento com Outras Subjetividades e Racionalidades Plurais*.

no berço, pois segundos eram suficientes para o *Amarelo* (gato da família) arranjar um jeito de adentrar o espaço e deitar-se em volta da minha cabeça ou mesmo em cima de meu pequeno corpinho. Naquela época, não era costume os animais “tomarem conta” de nossas casas (refiro-me principalmente à minha e de colegas apaixonados por animais) como hoje.

No cenário nacional, essa relação interespecie é notável (PULZ, 2013, p. 122). De acordo com censo pet realizado pelo IBGE e pela inteligência comercial do Instituto Pet Brasil, em 2018, a estimativa total chegava a 139,3 milhões de animais de estimação nos lares brasileiros.

Do *Amarelo*, o primeiro, não lembro. Lembro dos tantos outros que passaram por mim e do meu desejo em ficar com todos que encontrava; acho que algumas coisas não mudaram muito, porém meu consciente, hoje, alerta para os meus limites bichanos.

Minha mãe nunca quis ter bichos em casa, sempre soube de toda a responsabilidade que envolve a tutoria de um animal, no entanto, sempre alimentou os “de rua” (termo usado para referenciar um animal que tinha um tutor e foi cruelmente descartado ou já nascera em condições adversas nas ruas e becos da cidade), servia de lar temporário para as fêmeas prenhas (foram tantas cadelinhas lindas, a maioria sarnosa, desnutrida, vítima da invisibilidade da sociedade) e eu amava. Naquela época, com olhos de criança, apenas via um ser que ia dar à luz a vários peludos lindos que eu poderia apertar, afofar, brincar e acompanhar cada passo de seu crescimento, as andadas “cegas”, a disputa na hora da amamentação, as caminhadas desengonçadas, a abertura dos olhinhos, o balançar das caudas felizes, os primeiros latidos, a mãezinha super protetora...

Quanta beleza, quanta emoção!

“- Não fica tocando na cadela sarnosa guria, vai passar para ti!” me diziam, concordava com o movimento da cabeça e quando ninguém estava olhando, lá estava eu acariciando aquela pele dura, ressecada, com meia dúzia de pelos. Eu não entendia o que era aquilo, só entendia que, cada vez que fugia para tocar nelas, já me esperavam com “olhos sorridentes”, barrigas para cima e caudas que não paravam de sacudir. Ali, éramos felizes, com nosso segredo.

Desde pequena meu ouvido parece ter sido treinado para ouvir e saber distinguir miados, latidos e choros de qualquer outro barulho existente nos ambientes. O que me diziam ser perereca coaxando, seguia e comprovava ser um animalzinho perdido, abandonado, preso em algum lugar e isso perdura por toda a vida. Lembro de estar no pátio, capim alto, havia madeiras e restos de obras no fundo e fui proibida pelos meus pais de ir até lá verificar um barulho. O dia

passou e eles saíram, esperei uns segundos e corri até lá e, sim, eu estava certa. Era a *Gatonona* (ganhou esse nome depois, claro), havia dado à luz a cinco gatinhos lindos, ela estava muito apertada entre uma madeira e uma telha, minhas mãos pequeninas não tinham forças para levantar, chamei minha irmã mais velha e conseguimos tirá-la dali, infelizmente o chorinho que eu ouvi e me angustiou o dia todo era de um deles, que ficou esmagado embaixo dela e já havia falecido quando chegamos. Eu acordava já querendo ver os gatos, todo santo dia. Quantas vezes me escondia para conseguir tocá-los e ouvia: “- *Pára de alisar os gatos Andriara!*” É preciso concordar que algumas coisas não mudaram com o passar dos anos e... Que bom!

Saía, por vezes, com a mãe para colocar água para os cavalos que os tutores amarravam nos terrenos e os esqueciam lá, fosse verão ou inverno. Os olhares de tristeza e os relinchos me incomodavam muito, mas, ao nos enxergarem com os baldes d’água, eles vinham “felizes”, em nossa direção. Porém, eu tinha receio (ou seria respeito?) em chegar perto demais, havia certa estranheza que não sei bem explicar.

No entanto, a minha relação afetiva com os bichos era tanta que eu sabia que colocavam ratoeiras em casa à noite, mas não sabia o que, de fato, acontecia com os ratos porque sempre acordava e a ratoeira já não estava mais pelo cômodo. Até que um dia acordei cedo, fui ao banheiro e depois à cozinha, e me deparei com uma cena horrível; sim, a ratoeira estava lá e nela um pequeno camundongo que foi atraído por uma comida, estava morto. Quanta tristeza! Chorei tanto! O tirei da ratoeira e fiz carinho no seu pelo macio, lindo que só, até que minha mãe me encontrou e perguntou espantada: “- *O que tu estás fazendo????*”.

Para quem não sabe, as ratoeiras são armadilhas que “oferecem” um alimento aos ratos que pela vontade/necessidade de comer são mortos de forma cruel, sofrendo muito, pois suas colunas vertebrais são quebradas, e ficam ali sem poder movimentar-se, sentindo agonia, desespero e dores horríveis, morrendo lentamente. De lá para cá, comecei a ver o mundo de outro jeito, já não existia mais o querido e amado “Jerry” (personagem de Tom e Jerry da Metro-Goldwyn-Mayer MGM), era tudo mentira, o vídeo era entretenimento, usava-se cadernos, estojos, roupas com o Jerry estampado, mas “ninguém” gostava do rato de verdade, assim como o Mickey e a Minnie (personagens da Disney). Pura decepção!

E decepção foi o que mais encontrei durante a saída da infância e entrada na adolescência; eu sofria muito com cada animal machucado, rejeitado, agredido, abandonado, morto. Em minha mente, parecia que só eu via e me importava com isso; nenhum deles era meu, mas todos me pareciam tão próximos.

Quando estava com 15 anos, apareceu um cachorro enorme na minha quadra, todas as pessoas tinham medo dele, o corriam, jogavam pedras, o ameaçavam com vassoura, pedaços de pau. Eu também tive medo, no início. A minha família colocava comida para ele, mas como era muito arisco, um latido dele era o suficiente para “matar” uma pessoa do coração. Pobrezinho! O que ele tinha era medo. Todos os dias quando voltava da escola de ônibus eu descia e ia fazendo figa com os dedos e pedindo:

- “*São Roque, São Roque que esse cachorro não me toque!*”⁶.

Ele me acompanhava com aqueles olhos estalados até o portão de casa, quando eu o abria, ele latia e eu corria pátio à dentro. Nessas idas e vindas, comecei a conversar com ele, ganhou nome e aprendeu a reconhecer que não precisava ter medo de mim; já me esperava fazendo festa, os latidos altos, fortes eram música para meus ouvidos, até carinho aceitava. Tempos depois foi atropelado, uma vizinha, da rua detrás, o levou ao veterinário, colocou uma casinha ao lado do muro de sua residência e o medicava, mas ainda era preciso fazer fisioterapia, então, todos os dias, fizesse chuva ou sol, lá estava eu esticando e empurrando as patas do *Nigão*, a alegria foi imensa depois de vê-lo dar os pequenos passos e saber que não mais rastejaria. Eu o havia auxiliado a se recuperar!

Porém, não fomos felizes para sempre. Um vizinho chamou a carrocinha⁷, a coisa mais horrorosa que conheci em toda a minha vida. Ele fez questão de avisar que, à tarde, os cachorros iriam “virar sabão⁸” (não sabia o que era e também não entendia por que ele havia feito isso se o cachorro dele também andava solto), coloquei o *Nigão* dentro do pátio e fui para escola, quando retornei minha irmã disse que a carrocinha o tinha levado, que bateram lá em casa e queriam que ela assinasse um termo de guarda dizendo que o cão era nosso e que iríamos nos responsabilizar por tudo que acontecesse com pessoas, caso ele mordesse, causasse acidentes, adoecesse e transmitisse doenças e tantas outras responsabilidades, que, nitidamente, não se referiam à tutoria e bem-estar da vida dele, como se tivesse culpa de estar vivo no mesmo ambiente que nós. Infelizmente não éramos donas do nosso próprio nariz e o levaram. Chorei muito e quis saber como eu podia resgatá-lo. Descobri que o haviam levado ao Canil Municipal (depósito e extermínio de animais), pedi para ir lá, pedi para irem lá. Uma vizinha que fora

⁶ Reza popular para afastar animais bravios.

⁷ Como era conhecido o veículo dos centros de controle de zoonoses (CCZ's), encarregados de capturar e sacrificar cães e gatos ‘sem donos’.

⁸ Antigamente havia um veículo que retirava dos açougues carcaças de bois e porcos que posteriormente serviriam para a fabricação de sabão, isto é, usavam a gordura animal. Hoje entendo a relação, já era esperada a morte dos cachorros recolhidos aos centros de zoonoses por parte daqueles que eram insensíveis à vida do outro.

buscar o dela (que haviam recolhido no mesmo dia) me contou que já havia passado alguns dias e, então, como ninguém o buscara, o eutanasiaram, isto é, o mataram.

Revoltada com tudo isso, só ouvia dizer que era o procedimento e não observava ninguém ir contra. Foi, então, que me senti muito mal e comecei a desacreditar do mundo. Continuei a minha jornada em prol dos animais, sozinha, sem saber onde e em quem confiar. Naquela época, as informações não eram tão difundidas, atendimento veterinário era coisa de *outro mundo* e de leis eu não sabia nada, só que retiravam das ruas e matavam. Simples assim.

Outro vizinho matou vários gatos da quadra envenenando-os, um deles foi o meu *Amarelo*⁹, filho da *Gatonona*, sim, nós ficamos com ele e com a Preta, que era, na realidade, o Preto, mas não sabíamos. A minha dor era imensa, minha mãe chamou um veterinário (foi o primeiro contato que tive com um), mas infelizmente não havia o que fazer, ele aplicou uma injeção “para cessar a dor”, porque o gato se contorcia gritando. Uma vizinha da outra quadra nos alertou sobre o vizinho, pois vários dela foram mortos, ela estava em *pedaços*.

Anos se passaram até a entrada na universidade, o curso de Pedagogia e maior conhecimento sobre crianças e infâncias. Pouco antes desse período, me apareceu o *Xinho*, um gatinho com no máximo um mês, trazido pelo meu sobrinho. Fora abandonado e a Andriara, apaixonada pelos seus estudos, pelas infâncias, agora retomava, também, a Andriara “bichenta” (definição familiar da pessoa que ama os animais), já que me permitiram adotá-lo.

Não precisaria nem dizer que ele entendia tudo o que eu falava ou fazia. Para alguém que não tenha contato com animais, o fato pode parecer estranho ou até mesmo duvidoso, mas afirmo com todas as letras, éramos muito agarrados, uma relação de amor, dos melhores sentimentos possíveis. Passamos o período quase todo da graduação juntos, até um cachorro *gigante* o matar. Eu corri, mas o tempo desse movimento não foi o suficiente. Apenas recolhi seu corpinho do chão e, enquanto eu o pegava, esse cachorro tentou abocanhar meu pescoço, mas fui salva pelo *Alemão*, cachorro sarnento de pata torta da quadra, que nos adotou quando nos mudamos para o local (tinha sarna demodécica e carcinoma, foi tratado e medicado até a sua partida).

No dia seguinte a esse fato, eu tinha uma prova no curso de Pedagogia e sabia tudo sobre a matéria, mas meu emocional foi incapaz de terminar a avaliação; na verdade, eu respondi a primeira questão, metade da segunda e fui embora. Não tinha condições, estava de luto, a dor era imensa. Sabe a perda de um ente querido? Então? É assim!

⁹ Minha mãe sempre foi apaixonada por gatos de pelagem amarela/alaranjada. Fomos tutores de Amarelos de várias gerações.

Minhas colegas comentaram o ocorrido com a professora da disciplina e, ao encontrá-la, estava muito sensibilizada com o ocorrido, por amar animais também, disse que eu poderia tê-la avisado do ocorrido e ela compreenderia perfeitamente, inclusive quis dialogar sobre a possibilidade de rever tal momento da avaliação. No entanto, não são todos que enxergam como algo tão visceral um enlutado por um animal.

Não demorou muito para *Dona Bê*, uma gata prenha, aparecer lá em casa. Jurei que iria cuidar, castrar e colocar para a adoção (fiquei com todos). Aqui, na nossa cidade, já se falava em castrar (na verdade, já se falava muito antes, mas sofri com a falta de acesso à informação), em direitos animais, eu já conhecia pessoas parecidas comigo em grupos de protetores e, com muita luta, desativamos o canil, extinguímos a carrocinha (que mais tarde, se tornou a unidade móvel de transporte e resgate de animais até o ‘castramóvel’, outra unidade móvel aparelhada para atendimento e castração gratuita de animais) e ajudamos a criar a Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais (assunto que tratarei no próximo capítulo).

Conheci a médica veterinária Vanilda Pintos, vegana, uma das fundadoras/diretoras da ONG Amigo Bicho e Companhia – Grupo de conscientização da vida animal e uma das maiores referências aos meus passos para a Educação Animal. Pessoa dotada de um conhecimento, de uma luta, de uma retórica sobre os animais e de uma sensibilidade na abordagem sobre o assunto formidável. A cada encontro perdia a noção do tempo, pois ela falava a minha língua, a língua do sensível, do amor e respeito aos outros seres, da amizade, formamos assim um vínculo afetivo, tornando-nos aliadas no movimento, difusão e ativismo pelos direitos animais através da educação, principalmente em nossa cidade.

Nessa mesma época as redes sociais começaram a unir pessoas com seus mais diversos afins, o que contribuiu de forma significativa para fazermos uma rede de colaboradores e ativistas pelos direitos animais. No entanto, a maioria desse grupo (em pares ou não, isto é, formalizados como grupo ou protetores individuais) atentava-se ao assistencialismo do animal, que se faz tão importante quanto a educação das pessoas em relação ao assunto. Buscando encontrar o equilíbrio para essas ações, surge, então, com mais vivacidade, o meu trabalho como educadora e multiplicadora dos saberes animais, em prol do antiespecismo.

Desde o meu estágio obrigatório na graduação, busco oportunizar discussões sobre os direitos animais, através de abordagens que potencializem nossas relações também com os animais, abordando o assunto de forma a qual considero efetivamente contribuinte para a superação de um ensino que ainda se faz reprodutor de um *habitus* naturalizador da exploração animal. Pulz (2013) afirma que o objetivo da ética animal é expandir a ética humana para os

animais, assim como aconteceu com a inclusão das mulheres, das crianças e de outras *minorias* na comunidade moral, sem igualar o tratamento. No entanto, para que possamos estudar sobre a ética animal, precisamos reconhecer que os animais são seres “sencientes”, visto que têm a capacidade de sofrer, e habituar as crianças a zelar pelos direitos dos animais, para que cada vez mais a sociedade compreenda essa dimensão emocional e possa estender a ética e o respeito a todos os seres, independentemente de sua espécie.

Corroborando com o pensamento de Paulo Freire (1991), quando afirma que o respeito ao outro, à alteridade é uma exigência ética, busco em Arthur Schopenhauer (apud BARBOZA, 2008), esse outro que se estende aos animais, aproximando-me dessas e de outras teorias na *práxis* educativa, ao expandir o respeito para com as diferentes formas de vida, através de uma educação que não pode ser conivente com nenhum tipo de violência, na luta por uma sociedade e um mundo mais justo também para os “não-humanos”.

Sendo assim, recorro novamente a Djamila Ribeiro, ao afirmar que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social.

E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, p. 86).

Quando reconheço que a pedagogia freiriana luta pela libertação, por mais que não tenha mencionado os animais, compreendo que, como educador-educando humanista, há de se expandir à libertação dos oprimidos, de todos os oprimidos, todas as chamadas minorias, incluindo os viventes animais. Nesse sentido, o princípio biocêntrico formulado por Toro, como princípio ético ao traduzir-se em atividades humanas, é visceral na sua posição política em defesa da vida contra a exploração e a injustiça (GONSALVES, 2009, p. 67). Uma educação biocêntrica, inspirada nesse princípio ético que se baseia no respeito e cuidado da vida em suas mais variadas formas.

Restituir ao ser humano a possibilidade de aprender cognitiva, visceral e vivencialmente é uma radicalidade profunda, porque é a afirmação plena que aprender é sentir o mundo, a natureza na inteireza, com todos os sentidos humanos, mobilizando todas as nossas potencialidades. Este é o sentido maior de uma educação que se quer libertadora. (GONSALVES, 2009, p. 43-44).

E, nessa relação cósmica, esta pessoa, protetora, pedagoga, professora torna-se, a cada dia, mais *bichenta*, com seus dez gatos, um cachorro e outros tantos comunitários: veganizo,

problematizo, construo, milito, busco, narro, aprendo, dialogo, amo e falo; pois o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir (RIBEIRO, 2017, p 64).

Poderia escrever inúmeras páginas de experiências e aprendizagens que tive com os animais, ao longo desses anos, tão significativas como as que já descrevi anteriormente, falaria, por exemplo, do *Peludo*, *Mun-rah*, *Pocoto*, *Billy*, *Melo*, *Dinho*, *Willy*, *Neimar*, *Batuta*, *Musta*, *Chaplin*, da *Juju*, *Berê*, *Mandy*, *Gica*, *Kekê*, *Negaloira*, *Mãezona*, *Eaí*, *Pequena*, *Mi*, *Tonha*, *Filho*, *Pequeno*, *Gritona*, *TimTim*... E de tantos outros “Totós e Gatíneos” que podem não aparecer nesta escrita, mas, certamente, estão em todas as minhas entrelinhas. Hoje, são memórias e interações que constituem o meu ser.

1.1 Existir, não usufruir!

Desde criança, sempre busquei me relacionar com os animais de forma afetiva, carinhosa, adorava ir à casa de parentes que os tinham. Era maravilhoso chamá-los pelos nomes, afagar seus pelos, brincar, pegar no colo, olhá-los atentamente a fazer coisas simples e naturais, como balançar a cola, espreguiçar, abrir e fechar os olhos; tudo me encantava, até mesmo o inclinar da cabeça ao se coçarem. Momentos que, por instantes, se tornavam mágicos. Sempre admirei cada um na sua essência, nunca me ative, nem por cor, nem por tamanho, nem por idade, muito menos por raça. Todos eram lindos e sempre acreditei que todos queriam carinho, fosse físico ou uma maneira mais amorosa de falar com eles. De uma coisa eu tinha certeza, queriam ser vistos.

Esse contato, sempre foi mais com os animais ditos de estimação, pela proximidade, sempre haveria um jeito de ter um contato, nem que fosse visual com um cachorro ou gato. Cavalos, também, os observava, mas, na maioria das vezes, não gostava de vê-los, pois os que via, geralmente estavam maltratados, eram explorados em carroças, e dessas nunca gostei. Ficava horrorizada em vê-los encilhados, humilhados, machucados, presos e com os olhos vendados, ficava torcendo para que pudessem fugir, eu era ingênua, mas tinha esperança. Sobre isso

É comum que pessoas se indignem com o tratamento cruel a que muitos equinos são submetidos por carroceiros, suas más condições de saúde e sua carga excessiva de trabalho. Existe, porém, uma série de práticas comumente realizadas que não são consideradas redução de bem-estar e muito menos vistas como maus-tratos. [...] são muitas as formas de crueldade disfarçadas. (PULZ, 2013, p.114-115).

Os maus-tratos com equinos vão além do visível, como no caso da prática de hipismo que, para que ocorra, ao treiná-los, estes são castigados e/ou torturados fisicamente. Os cavalos são forçados e machucados, a fim de que aprendam. “Além dos revulsivos, há quem use varas com pregos ou caneleiras com tachinhas na intenção de machucar o animal no caso de ele tocar o obstáculo.” (PULZ, 2013, p.114-115)

A violência e crueldade sob os cavalos vai da cavalgada que os obriga muitas vezes a suportar muito peso, na forma cruel, violenta e dolorosa da doma, bem como do manejo em embarque e desembarque, realizados em transporte de carga viva (as longas, confinadas e cansativas viagens) e exposições já que “em algumas raças de cavalos, conforme o desejado em relação ao movimento da cauda durante exposições, tanto são introduzidas substâncias irritantes no reto, para que a cauda fique erguida, como também são aplicados anestésicos na base da cauda, a fim de deixá-la imóvel para baixo.” (PULZ, 2013, p.114-115). Esses excertos nos mostram claramente que a violência praticada em equinos é marcada por uma série de práticas de exploração do corpo e da mente desses, para o uso humano.

No entanto, lembro nitidamente de um dia que, na ida para escola, acabei me atrasando porque na travessia do campo estava acontecendo algo divino, naquele dia, muitas mães atrasaram seus filhos para a escola, pois assistimos ao espetáculo da vida, uma égua deu à luz, e acompanhamos todo o momento. Nos emocionamos ao ver o potrinho se levantar, lembro dos gritos que as crianças deram quando viram que ele saiu perfeito e já cambaleando, forçando seu equilíbrio em ficar de pé. Mas a relação com cavalos ainda estava distante, e distante era a visão que a sociedade tinha desse animal, que a escola, os professores, os livros e os conteúdos tinham. Por vivência, arrisco-me a dizer que ainda têm.

Esse distanciamento, não era apenas com ele, mas sempre ficou muito visível por sermos gaúchos¹⁰, sendo sua vida sempre vista de forma utilitarista ao homem e, para grande maioria, estava tudo bem. Afinal, o “gaúcho” “tendo um vínculo muito forte com sua montaria, não raro compara a mulher com a égua que, conforme a tradição oral, lhe “serve como montaria e como

¹⁰ O hábito do rio-grandense de ser designado - e se designar - como gaúcho-gaúcha é resultado da produção de identidade alienada e conservadora. Essa “identidade inventada” consolida o encobrimento do passado escravista real, através da construção fantasiosa de um “gaúcho” que em tudo se parece com um fazendeiro. Essa “invenção da tradição” é reiterada incessantemente pela escola, literatura, cinematografia, grande mídia etc., consciente ou inconscientemente a serviço das classes dominantes. A própria historiografia serve-se estranhamente desse “cretinismo categorial”. Mesmo em trabalhos sobre o século XIX, é habitual o uso de “fazendeiro gaúcho”; “colono gaúcho”; “oficial gaúcho” etc. Qualquer coisa como “banqueiro bancário”, “mini-proprietário latifundiário” etc. Seria hilário, se não fosse erro que dissemina a confusão. Fonte: MAESTRI, Mário 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6616-mario-maestri-4>. Acesso em: 19 out.2019.

mulher”, e sobre a qual possui todo o domínio, servindo esta, apenas para lhe obedecer.” (GUEDES, 2009, p. 55).

Minha visão sobre esse pobre animal sempre foi tão doída, tão sentida, que sempre achei degradantes os rodeios, gineteadas e desfiles a cavalo. O olhar de medo, de dor e de sofrimento desses animais sempre me invadiu e me questionava se mais ninguém percebia situações como essas, como conseguiam rir, gozar, se aproveitar do sofrimento alheio. Sempre via o cavalo como o animal mais sem sorte do mundo, tão grande e tão impotente frente aos maus-tratos que lhe infligiam.

Por efeito arrasador dessas tradições, advindas de um imaginário que forjou o “mito do gaúcho”, por muito tempo senti vergonha em ser gaúcha, palavra hoje reconhecida como adjetivo pátrio, mas que ainda carrega o peso de uma simbologia violenta, de dominação. Não pretendo, aqui, adentrar o campo da historicidade da criação do gauchismo, mas sim elucidar essa visão forjada e mitificada do gaúcho, que ainda se configura como um padrão de comportamento a seguir, mas que urge ser desmistificada, não obstante o contexto em que foi construída fosse outro. Assim como, corroborando com Rafael Bán Jacobsen:

Não falo nem dos cavalos que serviram de bucha de canhão nas frentes de batalha ao longo dos séculos, carregando sacripantas sanguinários no lombo[...]Falo dos muitos cavalos que, a exemplo da galinha do Nico, viram carne de açougue. [...] O mercado consumidor é, basicamente, Ásia e Europa, pois, ao gaúcho, repugnaria mastigar bifes de um animal de estimação, causaria enjoos churrasquear um símbolo do estado. Explorar e matar, tudo bem; comer, jamais. [...]. Para mim, é perfeitamente coerente dentro da esquizofrenia moral reinante. (JACOBSEN, 2009, s/p).

Ao descobrir de onde as carnes vinham, fui surpreendida por outro momento de vergonha e tristeza. Na infância, pensava que as carnes que chegavam ao meu prato, bem como os materiais em couro, vinham de um animal que havia morrido naturalmente, que lhes eram retirados após sua longa vida feliz e morte natural nos campos. Quanta desinformação! Lembro que fiquei horrorizada em saber que matavam e, mesmo assim, por muitos anos, acreditei na falácia de animais nos campos, desconhecendo a crueldade por trás da criação de animais, das grandes empresas e do mundo capitalista especista que se diz bem-estarista.

O discurso bem-estarista da usança para matança não reduz nem uma nem a outra. Pelo contrário, “multiplicou-as”.[...] Não é possível tratar bem um animal, arrastando-o para rampas de sangria, pendurando-o em ganchos por uma perna só, degolando-o e passando-lhe motosserras em seu corpo vivo, esquartejando-o em menos de dois minutos. Nenhuma célula está morta em menos de oito minutos sem oxigênio. Nem os neurônios o estão. Portanto, o esquartejamento de qualquer animal é feito com ele ainda vivo[...]É assim que a carne é extraída do corpo dos animais. (FELIPE, 2020, p.16-17).

No entanto, desconhecia a alimentação vegetariana e fui conhecê-la muito tempo depois, já adulta, quando a minha relação com os animais já estava envolvendo outras espécies. Mas, como isso aconteceu? Vou explicar.

Por muito tempo, e por influência direta da educação que recebemos, os animais são subcategorizados, ou seja, assim como nós somos divididos em humanos e não humanos, esses últimos ainda são subdivididos em inúmeras categorias, a começar por úteis e não úteis, da floresta e da fazenda, domésticos e de estimação, do zoológico e do circo, e por aí vai. Toda essa fração nos levou a um abismo que permitiu o ser humano coisificar vidas nas suas mais diferentes manifestações, a ponto de não se reconhecer como natureza.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2020, p.8).

Natureza dividida, classificada, nomeada, coisificada, explorada a serviço do homem. Essa foi a representação que também a escola reproduziu por muito tempo (e ainda reproduz). Para além dos conteúdos que tratavam vagamente das espécies em extinção, da poluição das águas, ar e solo, somente na disciplina *Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências* (ministrada pela Professora Raquel Pereira Quadrado), já no final da graduação, fui contemplada por um diálogo que considerava o animal como sujeito em seu valor subjetivo e não pela visão humana especista. Ressalto, a partir de diversos referenciais, que:

Os argumentos que fundamentam essa linha de pensamento são o reconhecimento da senciência, que é a capacidade de ter sensações e sentimentos, de ter consciência do mundo ao seu redor (SINGER, 2004); o reconhecimento de que os animais têm diferentes graus de consciência (MATTHEWS, 2007); o princípio de igualdade de interesses (SINGER, 2004); a tese de que são sujeitos de uma vida, com valor intrínseco, considerando-se a extensão dos direitos fundamentais à vida, à liberdade, à integridade física (REGAN, 2006). A etologia cognitiva, ciência que se preocupa em estudar a consciência animal, vem avançando nos estudos tentando responder a questões intrigantes como: o que pensam os animais? O que sabem? (PULZ, 2013, p.28-29).

Após uma saída de campo da turma de pedagogia ao zoológico de Sapucaia, retornamos com a tarefa de escrever sobre, e somente após a escrita, fomos convidados a refletir criticamente sobre esse espaço de aprisionamento, juntamente com a leitura de textos. Um dos textos apresentados marcou definitivamente o seguimento de meu ativismo pró animais nas escolas, na inserção do tema direitos animais aos componentes curriculares. Ele era intitulado

“*Tem alguma utilidade estudar a utilidade dos seres vivos*”, e buscava introduzir uma narrativa não antropocêntrica em relação à vida.

[...] quero, especialmente, advogar a favor de uma *narrativa que desloque* as explicações acerca do mundo vivo de uma visão pautada no humano. Mais do que descrever os insetos como polinizadores, incômodos ou úteis a nós, nojentos, feios ou bonitos, venenosos, limpos ou sujos, entre outras denominações que podemos dar, cabe – penso eu – contar uma outra história. Essa história deve levar em consideração as adaptações dos seres vivos aos seus ambientes, bem como suas relações com os demais seres vivos sem uma leitura antropocêntrica de suas ações. Além disso, deve contar, sobretudo, a história das ações humanas sobre o ambiente, promovendo algumas espécies em detrimento de outras. (SANTOS, 2000, p. 17).

Convidando à reflexão, reconhece e enfatiza, ainda

[...] à necessidade de se discutir as representações que nos são passadas acerca dos animais. A imagem de uma aranha dirigindo-se para o ralo, como algo sujo, descartável, que não nos serve, é significativa do modo como esses animais têm sido tratados no currículo. O que se ouve acerca delas e de seus congêneres: são animais de oito patas, que têm veneno; você deve saber reconhecê-los, evitar os locais por onde eles circulam; por via das dúvidas, matá-los – afinal, nunca se sabe se são venenosos ou não. (SANTOS, 2000, p. 17).

Questionando e constatando que

entre vários outros animais considerados feios, nojentos, escorregadios, transmissores de doenças, perigosos, venenosos, sujos, etc., dificilmente são considerados “dignos” de sobreviverem – as nossas aulas, os livros didáticos e científicos, as narrativas dos filmes de história natural (os mais antigos pelo menos), os filmes de cultura popular de grande circulação (*Tubarão, Aracnofobia, Anaconda, Piranhas*), as revistas de divulgação científica, entre outros produtos e práticas culturais, não contribuem para tais representações acerca dos animais? Se dependesse da grande maioria dos humanos, de seus gostos, medos, superstições, etc., esses animais teriam poucas chances de sobrevivência, e o ralo ou a lata de lixo talvez fossem os lugares mais adequados para muitos deles. (SANTOS, 2000, p. 20).

In-feliz-mente, esse diálogo não pôde ser continuado na academia, visto que, em seguida, graduei (até o ano de 2014, quando retorno à universidade, mas falarei desse momento no próximo capítulo), no entanto, contribuiu para abertura de pesquisa, planejamento e desenvolvimento permanente em meu ofício, além de ratificarem meu engajamento e ativismo a favor dos animais. Por mais que o referido texto não tenha usado o conceito especismo, é possível perceber tal preocupação em relação à naturalização das representações de superioridade do humano aos outros animais também no ensino. Um ensino antropocêntrico do qual necessita de outro olhar, de outra narrativa, de outro paradigma na relação humano-animal a que essa dissertação pretendeu discorrer.

1.2 Problema de pesquisa

Assim como Amaral (1997), acredito que estamos em um momento fecundo e oportuno para a discussão e a investigação das novas narrativas que têm sido construídas sobre a natureza, e isso requer também uma renovação e reconstrução no olhar, bem como uma nova atitude em relação a ela e tudo que a compõe. Como educadores, precisamos ter sensibilidade para abordar o tema, visando a formação de uma sociedade mais responsável, consciente e solidária, pois “a tarefa do pedagogo é formar sensibilidades e, para isso, deve passar da razão teórica à razão sensorial e contextual, cinzelando o corpo sem pretender atracá-lo à dureza do código ou esmagá-lo a arrogância professoral que desconhece da singularidade humana.” (RESTREPO, 1998, p. 35).

Alves e Cortivoni (2007) afirmam que as emoções e os sentimentos ficam fora do aprendizado intelectual, já que a escola atua ignorando os afetos e separando-os dos conteúdos racionais que procura ensinar. Porém, sabemos que, mesmo de forma intencional, não ocorre na realidade, pois a indiferença, por exemplo, também é um sentimento associado à desafetação, uma espécie de *anestesia* (DUARTE JR, 2001) diante de questões.

Cabe salientar que as autoras enfatizam que aprender significa estabelecer relações de sentido com outros seres e com o mundo, sem receitas prontas, pois a caminhada “é única, pessoal e intransferível. Porém, sem iniciá-la negamos a nós mesmos e aos nossos educandos o direito de irmos ao encontro das nossas possibilidades, ao desvendar mágico e poético dos nossos mundos interiores.” (ALVES; CORTIVONI, 2007, p.55).

Dessa forma, a presente pesquisa teve por objetivo geral: *Problematizar a influência da conexão afetividade-cognitividade ao despertar novos olhares às relações com os animais no percurso de reconhecimento e superação do especismo*. E o problema central desta pesquisa buscou responder: *Que práticas pedagógicas antiespecistas, com vistas à sacralização da vida que recuperem e aprofundem a conexão (perdida/banida/exilada) entre cognição e sensibilidade, são possíveis, no presente, nas escolas?*

Desdobrando, foram objetivos específicos da investigação:

- *Construir estratégias para desfazer os nós do antropocentrismo especista a partir da transformação de novas consciências.*
- *Ressignificar práticas pedagógicas partindo da transversalidade do currículo escolar como possibilidade de valorização da vida e combate ao especismo.*

1.3 Metodologia de pesquisa.

Escrever é tão re-fazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática de nossas relações com, é tão recriar, tão redizer o antes dizendo-se no tempo de nossa ação quanto ler seriamente exige de quem o faz, repensar o pensado, re-escrever o escrito e ler também o que antes de ter virado o escrito de autor ou da autora foi uma certa leitura sua. (FREIRE, 1997, p.54).

Pensando em como escrever sobre metodologia, percebo que muitos “pês” me estão presentes e potencialmente amalgamados, pois o processo pessoal não está apartado do profissional. Ao escrever esse “re-fazer”, citado no excerto de Freire, (re)conheço que sou pesquisadora, professora, pedagoga, protetora e pessoa, rememorando e ressignificando a própria história de vida. “A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.” (JOSSO, 2007, p. 419).

Memórias e trajetórias de vida, perante abordagem de investigação qualitativa, que “tem suas bases na fenomenologia, nos aspectos subjetivos do comportamento das pessoas, na maneira como se relacionam com o cotidiano e constroem a realidade.” (CHAIGAR, 2001, p.60).

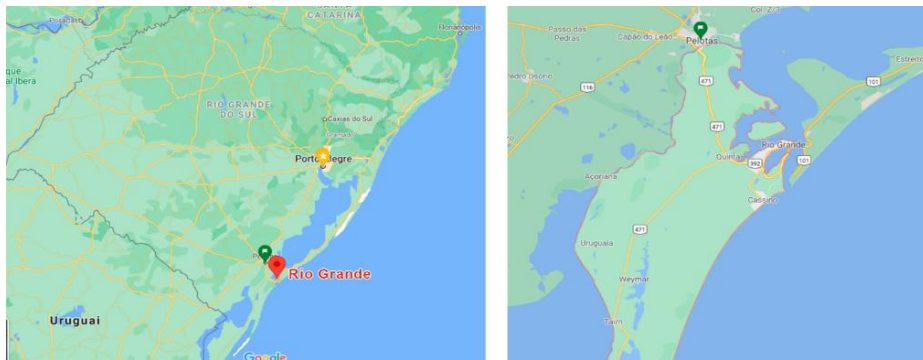
Considerando que a realidade é múltipla, dinâmica, holística e, portanto, passível de interpretações podemos entender a pesquisa qualitativa como a expressão de um paradigma interpretativo cujo objetivo é estudar "significados e ações humanas na vida social e educacional" (Engers, 1994, p. 66). (CHAIGAR, 2001, p.60)

Sendo o caminho interpretativo percorrido sob a forma de narrativas de experiências, a presente pesquisa é de natureza autobiográfica, caracterizada como pesquisa-formação, porque “contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas, e situa-se em seu percurso de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu(s) projeto(s) de vida e sua(s) demanda(s) de formação atual” (JOSSO, 2007, p.421). Essa pesquisa-formação ocorre

De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido. (JOSSO, 2007, p.420).

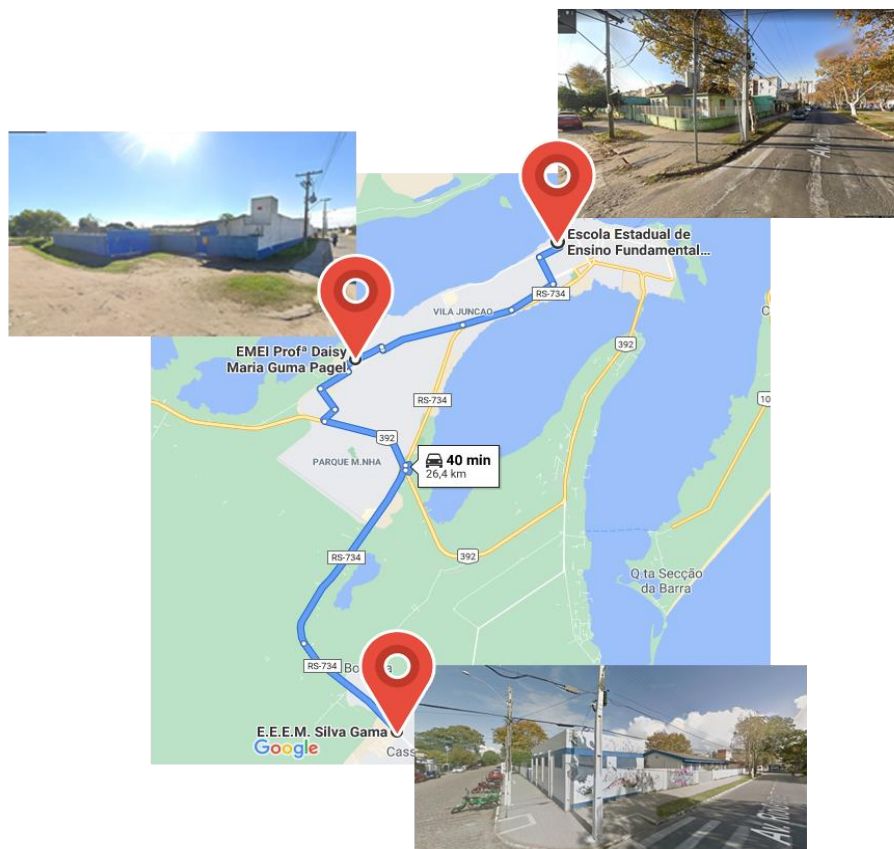
Nesse sentido, fundamentada tanto como pesquisa autobiográfica, quanto pesquisa documental e bibliográfica, esta percorreu as memórias, trajetórias de vida, formação e atuação docente da pesquisadora, bem como das experiências sob a ótica de relações antiespecistas, desenvolvidas junto às crianças na Escola Estadual de Ensino Fundamental Miguel Couto, na Escola Municipal de Educação Infantil Prof.^a Daisy Maria Guma Pagel e na Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, em um recorte entre os anos de 2016 e 2019, na cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Conforme localização nos mapas a seguir:

Figura 1- Localização da cidade do Rio Grande no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: *Google Maps*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>, editado pela pesquisadora.

Figura 2 - Localização das escolas e trajeto entre elas



Fonte: *Google Maps*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>, editado pela pesquisadora.

Tais experiências foram desenvolvidas, sobretudo, a partir das brechas encontradas na transversalidade do currículo, incorporadas no dia-a-dia da escola e narradas a partir de uma linha do tempo (re)construída sobre os possíveis “nós” desfeitos no percurso da prática docente. Narradas, muitas vezes em áudios gravados no celular e enviadas pelo aplicativo *whatsapp* ao meu companheiro, a fim de registrar e ouvir as conversas comigo mesma com rigor teórico, argumentando, refletindo, sintetizando e produzindo ressignificações da empiria e da memória, no diálogo com os teóricos presentes no decorrer desta dissertação.

O levantamento de dados e relatos constituintes dos acervos, sobretudo, particulares carregados de empiria, compõe a narrativa a partir de cadernos, fotografias, reportagens e postagens em redes sociais; bem como análise das bases legais nacionais de educação do Ministério da Educação - MEC (Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCN's e Base Nacional Comum Curricular - BNCC), referentes a possibilidade de uma educação antiespecista frente a relação de conteúdos referência e/ou obrigatórios para o ensino fundamental dos anos iniciais.

1.4 Estado do conhecimento

Muitas pesquisas acadêmicas no campo da educação são realizadas anualmente, a fim de problematizar e contribuir sobre temas que envolvem a formação docente, seja ela inicial ou continuada. A referida pesquisa baseou-se em demarcadores utilizados no título desta dissertação, para a realização do levantamento e averiguação de escritas de tais temáticas, usando como fonte a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. São eles: “Pedagogia Antiespecista”, “Relações Biocêntricas”, “Crianças e animais”. O período delimitado para esse levantamento de dados foi das produções entre 2000 e 2020.

Ao utilizar o demarcador “Pedagogia Antiespecista” não obtive resultados, foi preciso buscar por “antiespecismo”, “não especismo” e, novamente, nenhuma produção foi encontrada. Em mais uma nova tentativa, com demarcador “especismo”, foram devolvidas quatro produções (apêndice A), no entanto, nenhuma delas no campo da educação, mas que se tornaram importantes para o desenvolvimento da pesquisa e reforçam a necessidade urgente de um aprofundamento sobre o assunto.

Sobre o marcador “Relações Biocêntricas”, a pesquisa abarcou vários campos, precisando delimitar a área da educação. Foram encontradas sete produções (apêndice B).

Já aos demarcadores “relação crianças e animais”, “crianças e animais” a maioria dos resultados voltavam-se para o impacto na utilização dos animais em terapias, experiências e uso de animais em laboratórios ou fármacos, e ocorrências de doenças, a qual vai de encontro à pesquisa que defende o antiespecismo. Sendo assim, duas produções (apêndice C) foram selecionadas, sendo uma na área de bioética e uma na área de educação.

Ao realizar tais levantamentos, percebo que a temática da referida pesquisa em andamento é algo que ainda está se construindo, mas já desponta em trabalhos na área da educação, sobretudo em investigações sobre formação de professores, e demarca a urgência de novos olhares a tal temática. Temática que, assim como a educação, não pode ser *bancária*¹¹ fragmentada, mas integrada, interdisciplinar, dialógica libertadora criando pontes entre os conteúdos e a realidade, na construção da práxis¹² contra hegemônica, isto é, contra a ordem dominante existente/estabelecida, em busca da transformação da sociedade.

Na relação com a pesquisa que realizei, foi possível estabelecer conexões teórico metodológicas com tais levantamentos, ratificando referenciais encontrados nas pesquisas como Paulo Freire, Rolando Toro, Sônia Felipe, Elisa Gonsalves, entre outros, bem como das bases legais nacionais de educação.

2014 O ANO DOS ANIMAIS RIO-GRANDINOS

Ainda vivemos num mundo onde o homem, de geração em geração, propaga indiferença ou crueldade aos animais, seja por meio das influências culturais/históricas ou por desacreditar, desconsiderar ou pensar que a luta pelos animais é um absurdo. No entanto, felizmente, cada vez mais ativistas, estudiosos ligados à causa animal estão empenhando-se para que esses seres tenham seu direito à vida respeitado. Inclusive, a cidade do Rio Grande-RS faz parte desse novo paradigma.

Em 2014, depois de lutas de muitos anos, foi criada a Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais como órgão central de formulação, proposição, estabelecimento e coordenação das políticas públicas voltadas à defesa e promoção dos direitos animais. Suas diretrizes foram elaboradas por protetores, representantes da população e autoridades em constante diálogo em muitas reuniões. Foi criada, em decorrência, uma conferência e

¹¹ Educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1991, p.58).

¹² Reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. (FREIRE, 1991, p.38).

acertados fóruns mensais para o cumprimento de todos os quesitos elencados como: discussões, guarda responsável, proteção animal, combate aos maus-tratos, controle populacional através da castração, trabalhos educativos junto à população e às escolas.

No mesmo ano de concepção da Coordenadoria em Rio Grande, RS, 2014, foi criada a disciplina “A cidade, as crianças e os animais” (anexo A) no curso de Pós-Graduação em Educação, sobre a responsabilidade da professora Dr^a Vânia Chaigar, aqui na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Participei da seleção, fui aprovada como aluna especial e, a partir das discussões realizadas em aula, foi possível reconhecer e ampliar o estudo sobre a invisibilidade dos animais enquanto parte da natureza e seus direitos, a cidade como espaço educador, bem como os anseios por uma educação que se fundamente nos direitos animais e na forma de nos relacionarmos com eles a partir da linguagem da afetividade e da ternura.

Entender o ensino como uma formação da sensibilidade dá ao pedagogo o perfil de um esteta social, alguém que tem como matéria-prima o corpo, a fim de modelá-lo a partir de uma certa idealidade, provocando o gesto a partir da linguagem com o propósito de favorecer a emergência de sensibilidades e afeições que têm como paradigma a aproximação delicada à realidade do outro. Convocadora de mediações culturais que estão sempre sujeitas ao escrutínio público, a estética pedagógica exige uma atitude de precisão e cuidado que só pode ser alcançada se aceitarmos o importante papel que a dinâmica afetiva desempenha no ambiente educativo. (RESTREPO, 1998, p. 36).

Senti-me ainda mais respaldada a seguir com meu trabalho docente em sala de aula, com as crianças e suas interações com os animais, afinal se faz necessário problematizar a conexão/relação do estudo da afetividade e da cognição, entendendo a influência positiva e complexa dessa unidade. Relação essa muito forte nas obras e vida de Paulo Freire, pois, como afirma Gadotti (2005), o educador não envolvia as pessoas emocionalmente só por meio de suas encantadoras falas, mas também pelos seus escritos.

As mensagens recebidas, logo depois de sua morte, revelavam o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos, de todas as partes do mundo. Essas manifestações terminavam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e às instituições para dar continuidade ao seu legado, ao seu compromisso, não o compromisso com os oprimidos deste ou daquele lugar, mas com os oprimidos de todo o mundo. (GADOTTI, 2005, p. 29).

Pelo excerto acima, parece clara a relação ética-estética presente na obra do educador, na qual teoria e afetividade andam amalgamadas e promovem desejos por outras racionalidades não excludentes e compromissos com todos os “oprimidos”, inclusive (consideramos) os animais.

Ao reconhecer o ano de 2014 como um ano importante para os animais da cidade do Rio Grande, é imprescindível que nos reportemos a um passado de intensa luta e ativismo fundamentais para tal feito, que remonta meados dos anos 1950, com a fundação da primeira ONG do Estado do Rio Grande do Sul, ARGIPA - Associação Rio-grandina de Proteção aos Animais, presidida por Lenir Amaral, protetora referência na atuação da defesa dos animais. Precisamos traçar uma rica, resistente e resiliente linha do tempo, que busque evidenciar a criação e permanência dessas raízes que beneficiam o momento presente.

A Argipa foi fundada no dia 04/10/1956 (quatro de outubro de mil novecentos e cinquenta e seis) e reconhecida como de utilidade pública em 1959. Lenir Costa Amaral foi pioneira na proteção e defesa dos direitos animais em nossa cidade e estado, sempre esteve à frente, lutando pela causa animal por longos anos, encorajando e angariando muitos simpatizantes a essa luta. É importante salientar que, já em 1956, a Argipa preocupava-se com a relação dos animais e a educação. No parágrafo terceiro do artigo segundo capítulo 1 do Estatuto da Associação Rio-grandina de Proteção aos Animais, está escrito o seguinte (anexo B): “Aprimorar a educação do povo e especialmente da infância e da juventude, no sentido de inspirar-lhe e desenvolver-lhes o sentimento de amor, caridade, respeito e justiça, que deve orientar o homem no trato com os seres irracionais”.

Dentre outras situações, que hoje não são mais vistas como bem-estar animal, cabe lembrar que a sociedade está em permanente mudança, portanto, algumas das propostas da Argipa para os animais, hoje, não fariam tanto sentido em relação aos direitos animais, mas certamente foram pensados para eles naquela época. Muitas lutas, embates e divergências com o poder público, muitas ações preventivas, tentativas punitivas e, sobretudo, assistencialistas aos animais de nossa cidade foram realizadas. Lenir desativou a Argipa em 17 de Março de 1999, no entanto seguiu na luta pelos direitos animais até os últimos dias de sua vida.

Eu tive o prazer de conhecer a Sra. Lenir em uma reunião em sua casa, no dia 03 de janeiro de 2014, ouvi um pouco sobre suas grandes histórias, ela tinha muita gratidão pela Brigada Militar, em especial alguns soldados que sempre a acompanharam em suas andanças na defesa de maus-tratos, fazia questão de frisar a importância dessa parceria. Também pude prestigiar a homenagem da Prefeitura Municipal do Rio Grande pelo trabalho pioneiro na proteção e defesa dos direitos animais em 10 de abril de 2014, com entrega da placa de reconhecimento à Sra. Lenir Amaral, guardem essa data, mais adiante retorno a ela.

Figura 3 - Lenir Amaral



Fonte: Prefeitura Municipal do Rio Grande. Disponível em: <https://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/index.php/noticias/detalhes+4e94f,.prefeito-assina-lei-que-institui-coordenadoria-em-defesa-dos-animais.html#.YOuGwuhKhnI> Acesso em: 23 fev.2020.

Figura 4 - Placa de reconhecimento do Município à Lenir Amaral



Fonte: acervo de Fátima Maier, cedido à pesquisadora.

Mas essa não foi a primeira placa que a Sra. Lenir recebeu, ela já havia recebido outra placa de reconhecimento no ano de 2003, em um dos muitos jantares promovidos pelo Grupo Amigo Bicho e Companhia. As figuras, na sequência, evidenciam o momento.

Figura 5 - Placa de reconhecimento da Amigo Bicho e Companhia à Lenir Amaral



Fonte: acervo de Katia Moreira cedido à pesquisadora.

O Grupo Amigo Bicho e Companhia foi organizado em 1997, realizava abaixo assinados com a sociedade em prol de iniciativas políticas para os animais citadinos. Composto por três diretoras: a advogada Katia Duarte Moreira, a editora do Jornal Agora, Rosane Leiria Ávila, e a veterinária Vanilda Moraes Pintos, com o slogan “conscientização da vida animal”, o grupo foi, então, formalizado como Organização Não Governamental, com seu estatuto sob a lei para ser atuante e abrir um canal de diálogo formal com o poder público. Nessa época, Rio Grande vivia uma situação de total indiferença e crueldade em relação a vidas dos animais, principalmente à dos cães tidos como “de rua”, abandonados, negligenciados, procriando sem controle, invisibilizados, desrespeitados, sofrendo pela irresponsabilidade das pessoas, da sociedade e do governo. Nessa época, a cidade do Rio Grande era conhecida como exemplo do que não fazer, um anti-modelo.

Com a urgência de mudança, o Grupo Amigo Bicho e Companhia, então, percebeu que havia a necessidade de educar as pessoas frente à vida e direitos animais, olhar os animais sobre outra ótica, era necessária outra abordagem que mostrasse que a realidade dos animais da nossa cidade era consequência das atitudes egoístas, indiferentes e irresponsáveis da população humana. Focadas em construir um novo olhar frente à dignidade e respeito à vida desses animais, as diretoras do Grupo, que reconheciam a dívida histórica dos humanos em relação aos outros animais, entendiam que era imprescindível despertar novas consciências, sendo assim usavam a seguinte frase em suas lutas diárias: “Despertemos os homens para que os animais possam dormir em paz.”.

Figura 6 - Logo Amigo e Bicho e Companhia



Fonte: acervo de Vanilda Pintos, cedido à pesquisadora.

O Grupo criou um projeto chamado “Amigo Bicho construindo novas relações com o humano”, que inclusive foi entregue à Prefeitura. Foram realizadas incontáveis ações em prol da conscientização e de arrecadação de fundos que foram revertidos para os animais. Dentre eles, diversos eventos como jantares, palestras, seminários e entrevistas em diferentes espaços como escolas, universidades, comunidades, assembleias, feiras do livro, congressos com presença de autoridades no assunto etc. Realizaram inúmeras mostras de vídeos, exposições de cartazes, panfletagem, redigiram textos e manifestos para os jornais, *blogs*, moveram ações contra o poder público e reuniam sempre um número considerável de pessoas que lotavam as plenárias em relação aos direitos animais da cidade.

O Grupo Amigo Bicho e Companhia sempre fez sua parte educativa, mostrando que somente o assistencialismo não dava conta de romper com a invisibilidade e indiferença aos animais, visto que era preciso mais, era preciso mostrar a responsabilidade individual e coletiva de cada cidadão, bem como do poder público sobre a realidade desses animais. Não era mais aceitável esse tipo de conduta, era preciso educar as pessoas e isso foi feito incansavelmente pelo grupo.

Embora as lutas do coletivo, eis que surge, no final dos anos 1990, o canil municipal, local para onde eram levados animais após serem capturados em via pública, pela carrocinha. Nesse local, os cães que lá estavam, em pouco tempo, eram mortos, tornando-se um local de extermínio de animais. O canil municipal foi denunciado diversas vezes por irregularidades, negligências, maus-tratos, as pessoas desconheciam os efeitos arrasadores desse tipo de instituição onerosa aos cofres públicos, deseducativa da população e cruel em relação ao trato com a vida dos animais. No ano de 1999, reportagens e fotos estamparam as capas dos jornais, mostrando a realidade do canil municipal e, em 20 de outubro desse ano, foi expedido o ofício (anexo C) que constatou crime de maus-tratos contra os animais nesse local. Conforme montagem (feita pela pesquisadora) das manchetes abaixo.

Figura 7 - Montagem das reportagens de jornais

Canil em situação irregular abriga quase 40 cães

O Canil do Cassino, apesar de estar "oficialmente" fechado em razão de não ter veterinário concursado para trabalhar, estava abrigando até ontem, cerca de 40 cães. A reportagem do Agora recebeu a informação de que os animais, que continham diarréias nos locais onde estavam detidos, não tinham onde procurar-lhes, já que foi realizado por todo o município o fechamento de depósitos.

De longe já se podia ouvir os abúfidos latidos dos cães, apesar do enorme cuidado na entrada principal tentar indicar que o Canil estava sem atividades. A reportagem, após fazer insistentemente no portão e aguardar por algum tempo a presença do antigo "maestro" que morava numa casa ao lado, resolveu entrar "espiando" por cima do muro, visando para sua finalidade de obter fotos e gravar vídeos. Lá dentro, cerca de 40 cães estavam distribuídos em quatro banis, sem nenhum sinal de alimentação ou água por perto. Alguns portavam coleiras, e que indicava claramente que são animais capturados, mas que possuem dono. Apenas um cão estava com aspecto de sarça e desidratado, os demais eram aparentemente saudáveis e bem cuidados dos lugares de onde provinham.

CÂMARA - A vereadora Maria de Lourdes Lima (PT) fez certa de dois meses ingressou na Câmara com um pedido de encaminhamento à Prefeitura Municipal sobre o contrato emergencial do médico veterinário Carlos Ivoni Mizuni, feito na época em que o Canil ficou pronto, e que, após renovação, exigiu por prazo deste ano, tendo o médico veterinário respondido pelo Canil até meados do mês de maio. A vereadora explica após o vencimento do segundo contrato, o cargo deveria ser ocupado por médico veterinário concursado, e que o Canil não pode operar sem um responsável técnico em hipotéticas condições.

SECRETÁRIO - Segundo o secretário de Saúde Luiz Fernando Hornum, o Canil do Cassino teve problemas administrativos de funcionários e contratos após a renovação. Mas no momento, foi feita nova contratação, a partir de funcionários reconhecidos da SMMT e ABC. A manutenção do Canil é uma parceria entre a SMMT, responsável pela parte de captação, da ABC, com a responsabilidade da administração e limpeza, e da SMC, pela custódia do médico veterinário, que continua sendo Ivan Mizuni.

Hornum diz que o ideal seria Rio Grande contar com um Centro de Zoonoses e foi enviado a Brasília projeto a respeito, que infelizmente não foi aprovado. Rio Grande consorcia com outros 300 projetos de zoonoses de todo o Brasil, e foram aprovados apenas 19 - nenhum para o Estado.

O secretário de Saúde diz ainda que a SMC está desenvolvendo um Projeto Educativo, onde professores da rede pública municipal receberiam treinamento para orientar alunos e pais a respeito dos animais em vias públicas. Adicionalmente, existe um convênio com a UfpeI que dá assistência e frangido de cães, sacões e entomias, sendo alguns doados ao Hospital da Universidade, outros devolvidos aos donos e outros, doados. Quando necessário, é feita eutanásia, aprovada pela Argipa. Ele reconhece ainda que o Canil, que teve obra orçada em R\$ 1,5 mil, não é o ideal, mas é o que no momento, o Município pode fazer. (GIZANE AVILA)

JORNAL AGORA - 24/06/99

Extermínio de cães e gatos causa revolta

ANÁLISE

MONTELEONE CORRÊA

REPO-REPERA

A revolta dos moradores do bairro de Montealegre, em Rio Grande, foi alimentada por notícias de que o município estava exterminando cães e gatos. Segundo fontes locais, a Prefeitura Municipal estaria realizando um trabalho de controle de zoonoses, visando a erradicação de doenças transmitidas por esses animais. No entanto, os moradores afirmam que os animais são capturados e mortos sem qualquer processo legal, causando grande preocupação e indignação na comunidade. Muitas famílias possuem animais de estimação há anos e não entendem a necessidade de um extermínio em massa. Além disso, há relatos de que alguns animais foram encontrados mortos em locais públicos, sem identificação e sem qualquer cuidado pós-mortem.

RIO GRANDE

Policia investiga extermínio de cães

Os animais foram mortos em canil municipal

MARCO JOSÉ DOS SANTOS

A Polícia Civil de Rio Grande está investigando a morte de vários cães e gatos encontrados mortos em um canil municipal. Segundo fontes policiais, os animais foram encontrados em condições deploráveis, com sinais de desidratção e fome. A investigação visa identificar quem autorizou o extermínio e se houve cumprimento das normas sanitárias. O canil municipal é administrado por uma comissão formada por representantes da Prefeitura e da comunidade. A polícia também está verificando se houve registro adequado dos animais antes de serem levados ao canil.

Descoberto cemitério de cães na Querência

ANÁLISE

MONTELEONE CORRÊA

REPO-REPERA

Uma investigação realizada por estudantes da Prefeitura de Rio Grande descobriu um cemitério de cães abandonados na localidade de Querência. Os restos mortais foram encontrados em um local inadequado, sem qualquer proteção ou cuidado sanitário. A descoberta gerou grande preocupação na comunidade local e levou a autoridades a tomar medidas para evitar a propagação de doenças. O caso evidencia a falta de infraestrutura adequada para o manejo de resíduos animais e a necessidade de políticas públicas para o controle de zoonoses.

Prefeitura, Argipa e MP não chegam a acordo sobre o canil

A Prefeitura Municipal de Rio Grande, a Argipa (Associação dos Veterinários e Médicos Veterinários) e a Promotoria da Defesa Comunitária não chegaram a um acordo sobre a administração do Canil Municipal. A Prefeitura deseja manter o canil sob sua gestão, enquanto a Argipa defende a necessidade de um profissional veterinário concursado para garantir a saúde dos animais e dos cidadãos. A Promotoria da Defesa Comunitária atua como mediadora, buscando soluções que atendam às necessidades de todas as partes envolvidas. Até o momento, as negociações não tiveram êxito, e o canil continua operando em condições precárias.

Novas denúncias contra o Canil do Cassino

No local, os animais estavam devorando uns aos outros, segundo a denúncia

MONTELEONE CORRÊA

REPO-REPERA

Novas denúncias foram recebidas contra o Canil do Cassino, alegando que os animais estavam devorando uns aos outros. Segundo a denúncia, os animais estavam em condições deploráveis, com falta de alimentação e água, e estavam sendo mortos sem qualquer processo legal. A denúncia foi encaminhada para as autoridades competentes, que estão tomando providências para investigar o caso e garantir o bem-estar dos animais. O caso reforça a necessidade de maior transparência e controle sobre a administração do canil municipal.

Veterinário diz que há alimentação e quer debate público

MONTELEONE CORRÊA

REPO-REPERA

Um veterinário afirmou que há alimentação adequada para os animais no Canil do Cassino e que quer um debate público sobre a situação. Segundo ele, os animais recebem ração diariamente e estão sendo cuidados adequadamente. No entanto, ele reconhece que a situação do canil é precária e que é necessário discutir alternativas para melhorar as condições de abrigamento e cuidado dos animais. Ele defende a realização de audiências públicas e a participação da comunidade na tomada de decisões sobre a administração do canil.

JORNAL AGORA / 25 OUTUBRO / 1999

Fonte: acervo de Katia Moreira, cedido à pesquisadora.

Realidade chocante e cruel que podemos ver nas fotos tiradas dentro do canil municipal de nossa cidade, com lotação de cães desnutridos, alguns mortos (seja por alguma doença ou morte natural) em meio aos demais, animais devorando (e sendo devorados por) outros, animais enfermos, amedrontados, fêmeas prenhas, feto caído no chão, filhotes recém-nascidos apartados da mãe caindo no ralo do canil, além da forma cruel de captura de animais.

Figura 8 - Montagem das fotos tiradas dentro do canil



Fonte: acervo de Katia Moreira, cedido à pesquisadora.

Podemos perceber o horror vivido pelos animais no canil. Como contraponto, de 1999 a 2006, intensificou-se a luta pelo fim da captura de animais errantes por meio da carrocinha e pelo fim da manutenção do canil. Com encaminhamento à Câmara Municipal, o projeto de lei de apelo popular, com aproximadamente oito mil assinaturas de rio-grandinos, foi aprovado pelos parlamentares. No entanto, mesmo com a votação da câmara a favor do documento, Janir

Branco (PMDB), o então prefeito na época, vetou o projeto dando-o como inconstitucional, o que foi encarado pela população como “golpe de 2006”.

Figura 9 - Aprovação da PL de apelo popular que proíbe o uso da carrocinha



Aprovado projeto que proíbe o uso da carrocinha

Depois de cinco tentativas, o projeto de lei de apelo popular que proíbe a captura de animais errantes do município, através da carrocinha, foi aprovado ontem pela Câmara Municipal. Com isso, a Secretaria Municipal da Saúde (SMS) não poderá mais utilizar a carrocinha para capturar os animais

Fonte: acervo de Márcia Chaplin, cedido à pesquisadora.

Figura 10 - Veto da Lei que proíbe o uso da carrocinha



Fonte: acervo de Márcia Chaplin, cedido à pesquisadora.

Os anos de lutas e resistência da causa animal seguiram, já que havia desentendimento entre integrantes dos grupos de proteção animal e parlamentares na discussão e construção de políticas públicas efetivas. No entanto, é importante ressaltar que, em 2004, foi aprovada a Lei N°5.970 de 09 de agosto de 2004, do então vereador Júlio Martins (PcdoB), a qual proibiu a participação de animais em espetáculos circenses e assemelhados no município do Rio Grande, primeira cidade do Estado a editar tal lei.

Em meados de 2006, foi criado O GAE - Grupo de Abolição do Especismo Rio Grande, pela advogada Márcia Libório Chaplin e pela veterinária Bruna Ribas, inspiradas no GAE

Porto Alegre e com apoio deste. Logo em seguida, juntaram-se ao grupo Antonio Carlos Rodrigues Nunes e mais tarde Rafaela Egues e Felipe Molon. Hoje permanecem Márcia Chaplin e Antonio Nunes, sendo que está momentaneamente desativado.

O objetivo do grupo foi o de divulgar e promover o veganismo e direitos animais. Foram realizadas, juntamente à ONG Amigo Bicho, muitas palestras com a participação de nomes importantes à causa, como Laerte Fernando Levai¹³, Heron José de Santana Gordilho¹⁴, Carlos Michelin Naconecy¹⁵, Sônia Teresinha Felipe¹⁶, Jaime Nudilemon Chatkin¹⁷, dentre outros. Além de cursos de culinária, hortas urbanas, participação em eventos com venda e/ou distribuição de livros, panfletos, alimentos e outros, organização de almoços e jantares veganos, caminhadas e protestos.

Figura 11 - Logo GAE Grupo de Abolição do Especismo Rio Grande



Fonte: acervo de Márcia Chaplin, cedido à pesquisadora.

O GAE participou ativamente na luta contra o recolhimento de cães e contra a manutenção do canil público na cidade, procurando conscientizar a comunidade para o respeito e cuidado com o cão comunitário. Também manteve um programa de rádio com o nome de Momento Animal, por cerca de seis anos, trabalho totalmente voluntário na emissora FURG FM, com apoio da Universidade. Para esse programa fui convidada a dialogar sobre práticas pedagógicas escolares voltadas aos direitos animais, a partir de uma perspectiva não especista, bem como do quadro Direitos Animais (realizado uma vez por mês dentro do programa Paralelo

¹³ Promotor de justiça em São José dos Campos, no Estado de São Paulo. Especialista em Bioética.

¹⁴ Promotor de justiça do Meio Ambiente de Salvador-BA, primeiro pesquisador a escrever, no Brasil, tese de doutoramento em Direito Animal com o título Abolicionismo Animal.

¹⁵ Filósofo especialista em Ética Animal e Ética da vida.

¹⁶ Filósofa especialista em Bioética - ética animal. Pioneira na reflexão filosófica prática sobre ética animal e ambiental no Brasil.

¹⁷ Promotor de Justiça da Promotoria de Justiça Cível de Pelotas.

30, também na FURG FM).

Figura 12 - Montagem de alguns momentos realizados pelo GAE Rio Grande



Fonte: acervo de Márcia Chaplin, cedidos à pesquisadora.

As lutas travadas em prol dos animais em nossa cidade seguiram pelos próximos anos até que, em 2011, uma proposta de construção de novas instalações para o canil municipal, por parte da vereadora Luciana Compiani (PMDB), foi aprovada pela câmara municipal, contrariando todas as reivindicações dos grupos de defesa animal, bem como a organização mundial de saúde. A luta sempre foi pelo fechamento do canil, por um projeto eficaz de

esterilização de animais, educação e conscientização da população sobre a vida dos animais. Mais uma vez, a população foi às ruas, tendo inclusive repercussão nacional em vários blogs e sites, como é o caso da foto sobre a reportagem no site ANDA - Agência de Notícias de Direitos Animais.

Figura 13 - Novas instalações para o canil

Canil poderá ganhar novas instalações

Proposta para construção em outro local foi aprovada na Câmara, mas ONG discorda

Giane Fagundes

Rio Grande. Na tarde de ontem a Câmara de Vereadores do Rio Grande aprovou a proposta da vereadora Luciana Compiani (PMDB) que pede a construção de novas instalações para o Canil Municipal. Apenas o voto do vereador Julio Martins (PCDOB) foi contrário. A proposta, porém, não agradou o Grupo Amigo Bicho & Companhia da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB).

De acordo com Luciana, a proposta é uma solução às reivindicações de ONGs e profissionais que trabalham no local pelo fato de que as instalações de canil são antigas

e ficaram pequenas para a demanda. Em um novo espaço seria possível inclusive a adequação de mais salas para atendimento veterinário. O local hoje abriga cerca de 60 animais, quantidade insuficiente em relação ao número de atendimentos que precisariam ser feitos. A proposta ainda não estabelece a definição do novo endereço onde o canil poderá passar a funcionar. O controle populacional de cães e gatos foi tema de um seminário regional no último final de semana em Rio Grande. O objetivo foi promover esclarecimentos à comunidade e às autoridades do município sobre a legislação vigente além de incentivar a discussão sobre adequações de atividades de zoonoses recomendadas pela Organização Mundial de Saúde. Desde 2009 uma lei estadual proíbe o extermínio de animais encontrados em situação de abandono e determina que permaneçam no

canil, aqueles em situação de doença em fase terminal ou agressivos. A proposta da vereadora, no entanto, causou estranhamento à coordenadora do Grupo Amigo Bicho & Companhia da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), Vanilda Moraes. "É absurdo acreditar que ela não tenha entendido o que foi ressaltado no seminário. Fiquei surpresa quando vi a votação na Câmara já que ela poderia ter aproveitado o espaço para discutir conosco a proposta", disse. A coordenadora resalta que o município precisa de um programa eficaz de esterilizações. Segundo Vanilda, aplicar investimentos na ampliação do canil seria desperdício de dinheiro público, uma vez que as obras não resolveriam o problema de animais em situação de abandono na cidade. Pelos dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), nos países com pro-

blema de controle da população de cães e gatos, como o Brasil, a média é de um cachorro para cada quatro habitantes.

Legislativo

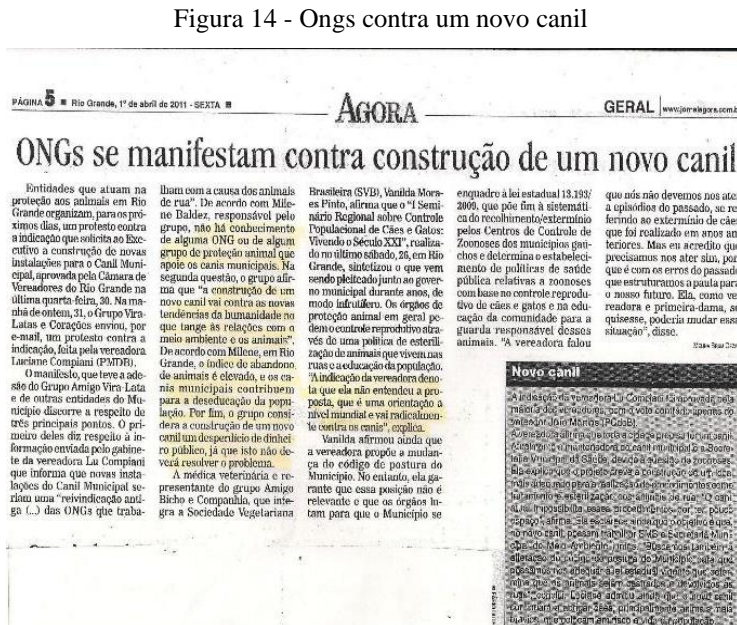
Presidente visita comissão da Festa do Mar

Rio Grande. O presidente da Câmara do Rio Grande, Paulo Renato Gomes - Beneditino (PPS), visitou ontem a Comissão Organizadora da 13ª Festa do Mar. Ele foi recebido pelo presidente Márcio Neves

aproximadamente possibilita somar forças políticas ao trabalho da comissão organizadora. Foi acordado o agendamento de uma reunião na Câmara, com os deputados estaduais rio-grandinos Alexandre

Detector de metais. Na reunião também foi discutida a lei municipal 17001/2011, que será oficialmente publicada hoje e que dispõe sobre o uso do detector de metais. O objetivo é cobrir a ocorrência

Fonte: acervo de Márcia Chaplin cedido à pesquisadora.



Fonte: acervo de Katia Moreira cedido à pesquisadora.

Figura 15 - Repercussão no site ANDA



Fonte: acervo de Márcia Chaplin cedido à pesquisadora.

A proposta acabou não passando e, em 13 de agosto de 2012, houve uma manifestação por escrito de representantes ligados à causa animal de Rio Grande, enviada à câmara municipal, reafirmando o posicionamento contrário à manutenção ou readequação do canil ou abrigo para animais, por ser uma prática deseducativa enfatizando que:

“Não queremos melhorias nem outras instalações, queremos que a Lei Estadual 13.193/ 2009 seja cumprida. Esta dispõe sobre o controle da reprodução de animais, estabelecendo os procedimentos de identificação, esterilização e devolução à comunidade. Estabelece claramente a figura do “cão comunitário” que tem direito de permanecer junto a comunidade onde fez vínculos. Paulatinamente com a efetiva implementação dos programas de esterilização, os animais irão desaparecer das ruas.” (trecho retirado do manifesto em anexo D).

Em 2013, com a troca do governo municipal e contínua mobilização dos ativistas, a pauta animal passou a ter voz no executivo, que, em seus primeiros meses, de mandato do então Prefeito Alexandre Lindenmeyer (PT), reuniu-se muitas vezes com as entidades voltadas à defesa animal, para estudos e tratativas e, em ATA (anexo E) do dia 10 de Maio 2013, entre outras medidas, visou a aprovação da unidade móvel, programas educativos e de controle populacional e fechamento do canil, com encerramento de suas atividades em junho do mesmo ano. Ainda promulgou a Lei Nº 7456, de 30 de agosto de 2013, a qual “estabelece multa e sanções administrativas para maus-tratos a animais no âmbito do município do Rio Grande.”.

Abrindo um espaço dialógico de construção de políticas públicas para os animais rio-grandinos, a nova gestão tornou 2014 um importante marco à promoção e garantia dos direitos animais, através da Lei Nº 7581, de 1º de abril de 2014, que criou a Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais, o Fundo Municipal dos Direitos Animais, “instituiu o

Programa Permanente de Controle Populacional de Animais Domésticos de Pequeno Porte, dentre outras providências”; tais como fomento a campanhas educativas voltadas à proteção e adoção/guarda responsável, além de registro e verificação de denúncias de maus-tratos. Dessa forma, assegurou o compromisso, respeito e direitos também aos animais não-humanos cidadãos, incluindo-os nas pautas e políticas públicas, após décadas de reivindicações junto ao poder público.

A cerimônia de assinatura da Lei Nº 7581/2014 aconteceu no dia 10 de abril do mesmo ano, com a presença de representantes do executivo municipal, entidades de proteção animal e comunidade. A partir desse dia, considerado como um divisor de águas para a causa animal rio-grandina, vários passos foram dados frente às políticas públicas para os animais, tais como contratação emergencial de médica veterinária para o atendimento de cães e gatos, credenciamento de clínicas veterinárias para a realização de castrações, licitação para a aquisição do castramóvel e atuação desse, concurso para a nomeação de dois médicos veterinários com dedicação exclusiva, contratação de médico veterinário para o atendimento de equinos, desativação e remoção dos animais do mini zoológico da Praça Tamandaré (anexo F), entre outros, conforme leis municipais criadas no período de 2013 a 2020 (durante a gestão do prefeito Alexandre Lindenmayer) disponíveis no quadro abaixo:

Quadro 1 - Leis municipais criadas no período de 2013 a 2020

Ano	Lei Municipal
2013	LEI Nº 7456, de 30 de agosto de 2013. Estabelece multa e sanções administrativas para maus-tratos a animais no âmbito do município do Rio Grande.
2014	LEI Nº 7581, de 1º de abril de 2014. Cria a Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais, cria o Fundo Municipal dos Direitos Animais e institui o programa permanente de controle populacional de animais domésticos de pequeno porte e dá outras providências.
2014	LEI Nº 7724, de 25 de setembro de 2014. Autoriza o executivo municipal a contratar emergencialmente por tempo determinado, 01(um) médico veterinário para atuar na Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais.
2014	LEI Nº 7837, de 22 de dezembro de 2014. Institui a Semana de Conscientização dos Direitos dos Animais no município de Rio Grande e dá outras providências.
2015	LEI Nº 7933, de 15 de outubro de 2015. Fica obrigatório o registro de equinos no âmbito do município de Rio Grande.
2016	DECRETO Nº 14.009, de 10 de junho de 2016. Nomeia e constitui o comitê gestor de defesa dos direitos animais.
2017	LEI Nº 8146, de 04 de setembro de 2017. Dispõe sobre a campanha de conscientização a ser desenvolvida nas escolas da rede pública municipal sobre a posse e propriedade de animais domésticos de estimação e dá outras providências.
2018	LEI Nº 8201, de 04 de abril de 2018. Dispõe sobre o programa “defensores dos animais” do município do Rio Grande.
2018	LEI Nº 8234, de 13 de julho de 2018. Institui o programa "Banco de ração e utensílio para

	animais” no município do Rio Grande, e dá outras providências.
2018	LEI Nº 8235, de 16 de julho de 2018. Proíbe a queima e a soltura de fogos de artifício e artefatos pirotécnicos com potencial de produzir danos à saúde e a vida de pessoas e animais, em espaço público no município de Rio Grande e dá outras providências.
2018	LEI Nº 8254, 29 de agosto de 2018. Autoriza e regulamenta o transporte de animais domésticos de pequeno porte acompanhados por seus responsáveis no transporte coletivo do município do Rio Grande, altera LEI Nº 5602 de 22 de janeiro de 2002. E dá outras providências.
2018	LEI Nº 8303, de 28 de dezembro de 2018. (Regulamentada pelo Decreto nº 16192/2019) Institui o programa de redução gradativa de veículos de tração animal no âmbito do município.
2019	LEI Nº 8.442, de 30 de outubro de 2019. Institui o dia municipal de incentivo à castração animal no município do Rio Grande.
2020	LEI Nº 8.532, de 31 de agosto de 2020. Institui o dia municipal dos defensores dos direitos dos animais.
2020	LEI Nº 8.573, de 28 de outubro de 2020. Acresce inciso V no Art. 4º da LEI 7.456 de 30 de agosto de 2013.

Fonte: Prefeitura do Rio-Grande, quadro elaborado pela pesquisadora.

Como podemos perceber, a aprovação de leis é conquista relevante, no entanto “não é necessariamente uma forma de compromisso que suavizará a luta, mas pode ser um ponto de partida para avançar e exigir mais.” (MAURIZI, 2020, s.p).

De acordo com o relatório de gestão da CMDDA, desde a sua criação (anexo G):

Foram realizadas 8.255 esterilizações cirúrgicas, sendo 3.932 em cadelas, 1.099 em cães, 2.065 em gatas e 1.159 em gatos. Os números de atendimentos clínicos a cães, gatos e cavalos ultrapassam os 3,5 mil. Foram verificadas mais de 3 mil denúncias de maus-tratos e realizados cerca 500 eventos como feirinhas de adoção, intervenções assistidas por animais, palestras e atividades educativas. Mais de 2 mil animais foram doados com termo de adoção responsável, que garante a castração de forma gratuita através do Castramóvel.

Abaixo, estão algumas imagens sobre esse período.

Figura 16 - Reunião para a criação da CMDDA



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 17 - Logo CMDDA



Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais

Fonte: acervo de Fátima Maier, cedido à pesquisadora.

Figura 18 - Castramóvel



Fonte: acervo Fátima Maier, cedido à pesquisadora.

Figura 19 - Carrocinha virou unidade móvel



. Fonte: acervo Fátima Maier, cedido à pesquisadora.

Figura 20 - Lançamento (conhecendo) castramóvel



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 21 - Voluntárias em operação da CMDDA (verificação de maus-tratos)



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Como podemos perceber, esse capítulo ressalta a importância do ano de 2014 para os animais rio-grandinos. A fala da coordenadora Fátima Maier, cedida à pesquisadora e transcrita abaixo, na íntegra, corrobora com a breve historicidade da caminhada pelos direitos animais em nossa cidade, narrada nesta dissertação.

“A criação da Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais, em abril de 2014, foi a continuidade de um compromisso maior assumido pelo Prefeito Alexandre Lindenmeyer com os grupos de proteção animal que o procuraram quando ainda era candidato. Tínhamos na cidade um canil fisicamente precário e com um histórico de sofrimento amplamente combatido por protetoras e entidades representativas. O acolhimento do nosso clamor contra aquele local culminou no seu fechamento total em 2013, no dia do padroeiro da nossa cidade. Foi, para quem sempre lutou pelos direitos animais, uma vitória sem precedentes e uma atitude política corajosa. Não foi uma escolha política fácil. Houve grande repercussão e muitas críticas,

visto que o senso comum é sempre de que os animais precisam ser recolhidos e levados para algum lugar. Para nós, que conhecemos a história daquele e de tantos outros canis, foi o início de uma nova forma de o Poder Público e a comunidade verem e tratarem os animais não humanos. Pessoalmente, estar à frente da Coordenadoria do início de 2015 até o fim de 2020 foi um desafio muito grande e uma oportunidade única. Muitos momentos foram extremamente desgastantes e doídos, mas a consolidação de políticas públicas e uma nova mentalidade social é um legado que só foi possível quando o anseio dos grupos de proteção animal recebeu apoio político e governamental. Hoje, até mesmo pessoas que foram contra o fechamento do canil inicialmente entendem que a castração é a única forma de diminuir as populações de cães e gatos e que os animais que vivem em situação de rua merecem tratamento digno por parte da comunidade.”

Consolidação de uma nova mentalidade que foi possível sob muita luta de defensores dos direitos animais (mesmo que, em parte, anônimos) junto ao poder público, eles foram indispensáveis na construção e elucidação dessa breve historicidade. Breve no sentido de compor uma linha do tempo significativa em termos de reconhecimento de uma luta que nos proporciona, hoje, ter políticas públicas a partir de um comprometimento ético com os animais, situando as possibilidades de escrita dessa dissertação, e não no sentido de pouco tempo de luta, haja esta ser de 65 (sessenta e cinco), intensos e resilientes, anos. “Luta como categoria social e histórica, tem, por isso, historicidade” (FREIRE, 1997, p.43) que merece pesquisa, visto sua potencialidade grandiosa, valiosa de contribuição política, educacional, afetiva, social.

Portanto, fica aos leitores, o convite a adentrar ainda mais os capítulos dessa história.

TU TE TORNAS ETERNAMENTE RESPONSÁVEL POR AQUILO QUE CATIVAS – SAINT-EXUPÉRY

... disse o príncipe: - Que quer dizer “cativar”?

- É uma coisa muito esquecida – disse a raposa. – Significa “criar laços”.

E como isso acontece na escola? Pode acontecer? Precisa acontecer? De que forma? Acredito que não há outra forma de criar laços, senão na relação de confiança estabelecida através do comprometimento ético, terno, amoroso entre educador e educando. Já nos disse Paulo Freire que a “escola é, sobretudo lugar de gente” e que “importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de amizade”.

Sendo assim, criar laços-cativar é algo imprescindível dentro da escola, no convívio, nas relações e vínculos, tornando-se propulsora de uma educação que se quer afetiva, que se quer biocêntrica, isto é, uma educação em função da vida, que promova relações de alteridade, que estabeleça redes, conexões, teias que nos possibilitem sentir parte do todo, com o compromisso e responsabilidade do eu com o outro.

Dizer que o aluno é gente, que o professor é gente, que os funcionários de uma escola também são gente pode parecer algo bobo, insignificante ou óbvio, no entanto, nos entendermos como gente ainda é um processo diário, em construção e desconstrução de pensamentos, teorias e práticas, exige que saibamos e reconheçamos nossa condição essencialmente humana, de comunicação, de diálogo, de respeito, solidariedade e afetividade nas relações com os outros. Relações que caminhem na horizontalidade, reconhecendo que não sabemos tudo, não ignoramos tudo, aprendemos sempre, docentes e discentes, afinal, não há docência sem discência (FREIRE, 1996, p.21).

Chegar a essa compreensão exige estudo, exige pesquisa, exige prática, reflexão crítica, diálogo, muito diálogo problematizador e a segurança de saber-se inacabado, portanto, gente, em processo contínuo de humanização, de “ser mais” (FREIRE, 1991, p.72). Exige a não aceitação de uma realidade que representa o contrário de tudo isso, exige o enfrentamento, a libertação do medo da mudança, o confronto diário, interno e externo, resistência, resiliência. Não bastasse a luta dos profissionais em educação por respeito, dignidade, valorização por parte dos governos (e da sociedade), exige a luta diária da construção da autonomia do professor, em escolas dirigidas muitas vezes de forma autoritária, verticalmente, sem escuta, em que professores são recebidos por expressões de “dureza” que os amedrontam e os afastam a ponto de não questionarem, não se posicionarem com medo de represálias e negações com rispidez, encontram-se oprimidos, desumanizados e desacreditados de seu ofício, trabalhando mecanicamente. Ou mesmo, desistindo da docência.

Após a graduação, em 2011, fui colaboradora do Programa Mais Educação no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - Caic, atuando nas áreas de alfabetização e letramento, dança e teatro. Em 2012 e 2013, trabalhei em escolas de educação infantil particulares, no entanto, não permaneci por muito tempo. Em algumas, inclusive, fiquei pouco mais de um mês. Essas experiências não foram boas, a começar pelo baixo salário, sem carteira assinada, sem organização, lugares que mais pareciam “depósitos” de crianças, estruturados verticalmente. Acabei, em 2014, por trabalhar em outro ramo, em um shopping recém inaugurado na cidade. No início, o movimento foi bem intenso, mas em seguida baixou

proporcionalmente. Eu passava horas sem atender. Durante essas horas de total silêncio, realizava minhas leituras, meus estudos, foi quando fui aprovada na disciplina "A cidade as crianças e os animais" como aluna especial do curso de pós-graduação em Educação, e a vontade de estar na escola, ressurgia.

Em 2015, comecei a trabalhar em uma escola particular de educação infantil, mas em seguida fui empossada na rede estadual. Fui chamada para assumir uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, após as férias de julho, de uma greve e da turma ter passado por várias professoras. Aí, recomeçou, então, minha prática docente, buscando aproximar a escola da vida, desatar os nós já existentes e criar laços de integração afetiva na relação pedagógica com os pequenos.

3.1 E os outros animais? Como chegaram à escola?

Bem, como já afirmei anteriormente, desde a graduação, sempre busquei promover diálogo problematizador sobre os animais. No entanto, foi a partir do ano de 2016 que comecei a me aventurar, sem medo, com mais profundidade no assunto, quando me tornei regente de turma, de um segundo ano do ensino fundamental, desde o início do ano letivo.

Ao chegar na escola, muitas famílias eram acompanhadas por seus cachorros e eu cumprimentava todos, bichos e gente, isso chamava a atenção de todos e rendia bons sorrisos por parte das crianças, que antes chegavam "enxotando" os animais, por entenderem que a escola não era lugar para eles, depois já se despediam dos animais até o horário da saída, quando muitos deles retornavam com suas famílias. Frases como "*sai cachorro, passa!*" tornaram-se, "*tchau, até mais Rex, Totó, Bili!*". Ratifico a importância da atitude docente frente à questão, do exemplo corporificado na pessoa professora.

Lembraram de seus nomes, de seus tutores, do quanto aqueles cachorros eram especiais. E muitas conversas surgiram, haviam dezenas de histórias marcadas pela presença desses ou de tantos outros cachorros e gatos, cavalos, galinhas, ovelhas, vacas, passarinhos...e gente! Gente miúda, gente grande, gente que amava os animais, mas que, por algum motivo, os invisibilizavam. Uns me diziam que não eram de raça, já com a tristeza (vergonha) no olhar, marcada pelo receio do desprezo de cuidar de um "vira-lata", justificando:

"- mas não dá né sôra, um cachorro de raça é caro, a gente não tem dinheiro pra isso, e se compra, o cachorro vai morrer de fome, porque a gente não tem dinheiro pra comprar essas comidas caras, nem levar no médico, se a gente não tem nem pra gente." "A gente é pobre." "Tem cachorro de pobre!" "Esses não precisam de cuidado, tem um monte por aí."

Ao analisarmos essas falas, conseguimos perceber as marcas da herança da desigualdade social, em seres tão pequenos, que buscam uma lógica dentro desse sistema capitalista, opressor, desumano para justificar o trato à revelia com a vida de um animal e com a sua própria vida. Direito à alimentação, saúde é coisa “de rico”, a gente é pobre! E pobre não precisa ou não tem direito. Exemplificam a naturalização da exclusão.

É imprescindível desacomodar-se, enxergar o espaço da sala de aula, para além do quadro e do giz, das cadeiras enfileiradas, dos cronogramas curriculares. É compreender que esse ambiente é muito mais que um espaço físico, que é preciso ir em busca das mais variadas possibilidades, observando, sentindo, ouvindo, falando, tateando cada movimento, cada lembrança, cada encontro e desencontro, vivenciando, estando e sendo presente, todos os dias. E isso exige conviver! Ora! Com as gentes! Com os bichos! Com o mundo! Este o qual habitamos chamado planeta Terra e os tantos mundos particulares (paralelos) que criamos, sentimos e estamos inseridos. Vivenciando e experienciando um mundo de possibilidades.

3.2 Criando laços e Desatando nós na escola: práticas pedagógicas antiespecistas possíveis

Comumente usamos a palavra “nós” como expressão referindo-se a problemas em nossas vidas, os quais são ou estão muito difíceis de resolver; como se estivéssemos com uma linha cheia de pequenos, médios, grandes e emaranhados nós, uns mais soltos outros nem tanto, alguns tão apertados que parecem não ter mais como soltá-los. O que não nos falta são nós e, com eles, o desejo de desatar um a um. Assim enxergo os movimentos que fizemos durante esse período de docência, uma enorme linha com muitos nós, de diferentes tipos e ordens, dos mais comuns aos mais detalhados e complexos, que nos instigam a desvendar maneiras de soltá-los.

Recentemente, em uma live chamada “Diálogos Veganos”, a filósofa Sônia Felipe disse que, ao se tornar vegano abolicionista¹⁸, esse desfaz os nós que está ao alcance de suas mãos, com paciência, resiliência e com as pessoas, ajudando a dar um passo na direção de um exercício moral oposta à tradição de milênios, na trama de crenças internalizadas que justificam e legitimam o trato maléfico com os animais. Desfaz-se para libertar os animais dos muitos nós da malha do sistema supremacista machista especista, de tudo que os impedem de viverem suas

¹⁸ Quando se fala de abolicionismo, fala-se da luta pela eliminação de todas as formas de aprisionamento, exploração e privação de liberdade, praticadas pelos seres humanos contra outros seres vivos animados, humanos e não-humanos. No Brasil, conhecemos o termo abolicionismo através da luta pelo fim do sequestro, tráfico, comercialização e escravização dos africanos. Na ética contemporânea, em países de língua inglesa, o termo abolicionismo tem sido empregue para designar a luta em prol do fim de todas as formas de uso, exploração e matança com finalidade comercial de animais não-humanos. A luta abolicionista animalista praticamente ainda nem começou em nosso país. (FELIPE, 2008, p. 95).

respectivas almas. Sônia (2021) enfatizou ainda, que não espera ver o resultado dessa luta abolicionista, o fim do sistema de exploração do corpo dos outros, ainda em sua geração, mas ressaltou a grande contribuição moral, pedagógica, estética, afetiva e política, de compensação à toda forma de escravização animal, sejam eles da espécie humana ou não. E, para isso, precisamos construir estratégias afetivas, pedagógicas no tempo presente.

Sendo assim, corroborando com o pensamento de Felipe, apresento alguns “nós” que como docente me foram possíveis desatar, ao problematizar as aprendizagens pautadas em uma abordagem antiespecista e postura biocêntrica na relação cognitivo-afetiva do trabalho pedagógico desenvolvido com crianças, nas escolas públicas que atuei da cidade em que resido, Rio Grande. Relembrar o primeiro nó desfeito na relação com os animais se torna algo quase impossível, pois envolve muitas situações das quais fui descobrindo, aprendendo, compreendendo e incorporando em minha vida. Ao percebermos que somos especistas e sentirmos a necessidade de transformar essa realidade, começamos a desatar os nós que estão mais próximos a nós, muito próximos mesmo, ao alcance de nossas mãos, como no cotidiano das escolas, em nossas salas de aulas, na convivência com crianças rio-grandinas.

Quando passamos a compreender que todos os animais são seres sencientes, um nó é desfeito e, com ele, passamos a enxergar outros tantos. Compreendermos que os animais são usados, violentados e mortos à serviço do homem, nos faz desatar outro nó, o nó de não querer fazer parte dessa crueldade. Quando tomamos essa decisão, encontramos muitos e muitos nós que, ao pensarmos e buscarmos formas de transformar essa realidade, aos poucos vão se desfazendo, o que Sônia Felipe tem chamado de “metáfora dos nós”.

Quando optei por uma alimentação livre de origem animal, foi-se um nózão. Quando passo a trocar os produtos que uso por marcas que não testam em animais, outro nó se vai. Quando troco minhas roupas, sapatos, móveis, etc., por outros sem material animal, outro nó é desfeito. Quando compreendo que não se compra outra vida, que não há pesca esportiva, nem outro esporte, muito menos espetáculo, trabalho, zoológico, transporte, teste ou terapia que envolvam animais, sem sofrimento, opressão e exploração, dou adeus a muitos outros nós.

Quando percebo que minhas escolhas de hoje me tornam diferente do que eu era antes em relação ao direito à vida, de todas as vidas, muitos nós que estavam próximos e acessíveis a mim foram sendo desfeitos, assim, sigo ciente e feliz por poder me libertar e buscar libertar os outros desse sistema de *usança à matança*. No entanto, ainda havia e há, muita linha a percorrer, não somente na minha vida pessoal, mas profissional e acadêmica.

De protetora à ativista, na luta pelos direitos animais, mais um grande nó se desfaz.

Quando resgatamos um animal em situação de vulnerabilidade, assistimos esse animal e, então, nos intitulamos de “protetores”, conceito que traz consigo um equívoco na compreensão por parte de muitas pessoas, isto porque, muitas acreditam que há um grupo específico em nossa sociedade a quem recorrer, crendo que assistencialismo é sinônimo de dom, amor e proteção aos animais. Em linhas gerais, qualquer pessoa pode (e deve) socorrer um animal em uma situação de risco, alimentar e saciar a sede, se for o caso, porém, muitas preferem não se envolver e transferir essa (responsabilidade) possibilidade/oportunidade de desatar esse nó para outrem, justificando não saber, não poder, não conseguir e tantos outros não.

E isso, resulta (não só, mas principalmente) de um assistencialismo sem educação dialógica para a conscientização crítica e reflexiva. Brugger (2004, p.19) destaca que “é preciso desmistificar a ideia de que protetores de animais são masoquistas que gostam de perder seu tempo de lazer resolvendo problemas criados por outros.”

Protetores de animais ajudam os animais por compaixão, não por prazer em lidar com situações estressantes. Como quaisquer outras pessoas, eles gostam de praticar esportes, ir ao cinema, sair para conversar, cuidar do jardim e de estar com seus amigos e familiares, obviamente. O que move suas atitudes altruístas é o senso de dever que deveria fazer parte das ações cotidianas de todos.[...]Os que amam os animais, mas que não podem ou não desejam tê-los, também podem ajudar[...]Existem várias outras maneiras de ajudar[...]Ajudar um ser vivo é um presente duradouro que ofertamos a ele e a nós. (BRUGGER, 2004, p.19).

Outro ponto que vale ressaltar é o especismo dentro dos próprios grupos que se intitulam de proteção animal, os chamados “protetores de cão e gato”, entendido como especismo eletivo¹⁹, pois só auxiliam/gostam de cães e/ou gatos, estendendo no máximo à cavalos.

Quem pratica o especismo eletivo não se dá conta de que todo seu amor “pelos animais” (uma categoria tão abrangente que chega a reunir formigas, baratas, aves, répteis e vertebrados, como se entre uma e outra dessas milhões de espécies não houvessem mistérios sequer estudados, traduzindo em cada indivíduo uma singularidade não repetível) de fato se esgota na fronteira do modelo no qual o corpo do animal eleito para estima veio à vida. (FELIPE, 2014, s.p).

Se uma pessoa ama, protege e defende os animais, não deveria partir do princípio, que são TODOS os animais? Ser vegana? Abolicionista? Antiespecista?

Essas provocações são exatamente para pensarmos os tantos nós que existem quando

¹⁹ Eleger uma ou duas espécies animais como prediletas para estima e compaixão. Apegar-se a esses animais e pensar que a predileção por uma espécie de animal, uma raça de animal ou por um pedigree é tudo o que “devemos” moralmente aos animais em geral. É pensar que amar esse animal em particular já compensa a dor e o tormento causados aos que não se enquadram na espécie eleita nem atendem aos requisitos da raça predileta. (FELIPE, 2014, s.p). Disponível em: <https://www.portalveganismo.com.br/artigos/o-que-e-especismo-eletivo/>. Acesso em: 25 jun.2021.

nos reportamos à luta pelos animais, são des-construções necessárias para pensarmos e refletirmos sobre a necessidade de construir laços de afetividade através de uma educação, de uma pedagogia que se opõe ao especismo “como uma estrutura social de exploração” (MAURIZI, 2020, sp), que busque, desde a mais tenra idade, o direito pela liberdade, de viver e deixar viver. “É defender – com leis, braços ou ternuras – o patrimônio mais valioso da Terra.” (LEVAI, 1998, p.80).

Portanto, por essas razões descritas acima, não sei dizer, exatamente, quando foi o primeiro nó desatado, mas trarei alguns, que consideramos importante narrar, que aconteceram dentro das escolas, em prol de relações biocêntricas entre crianças e animais.

3.3 Outubro de 2016

Mês de outubro nas escolas é mês de comemoração. Intitulado mês das crianças, as escolas geralmente organizam e programam as atividades do mês com festividades, brincadeiras e saídas de campo, não que durante o ano letivo não ocorram, ocorrem, mas de forma mais espaçada. Sendo também, no mês de outubro, o dia internacional dos animais, propus que pudessemos incluir atividades que possibilitassem abordar e dialogar sobre os direitos dos animais, o que obteve grande receptividade de toda a comunidade escolar.

Sendo prática educativa integrada, foi interpretada como conteúdo transversal/parte diversificada na grade do currículo escolar. Isso porque nenhum dos dois documentos curriculares norteadores educacionais apresentavam o tema animais ou direito dos animais, como assunto/conteúdo de alguma área específica do currículo de anos iniciais.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1997), referenciais não obrigatórios para a elaboração dos currículos de 1ª a 4ª série são conteúdos de ciências naturais, o estudo do ciclo de vida dos animais, seu habitat, suas relações com humanos e outros seres vivos sob a perspectiva de comparação de características de corpo/comportamento, e também como parte de recursos naturais e/ou tecnológicos para alimentação, medicação, vestuário e etc.

Encontramos nos temas transversais²⁰, no entanto, a abertura para inserir diferentes experiências sobre essas relações entre os humanos e os demais animais, já que

Em coerência com os princípios da educação ambiental (tema transversal Meio Ambiente), aponta-se a necessidade de reconstrução da relação homem-natureza, a fim de derrubar definitivamente a crença do homem como senhor

²⁰ O conjunto de temas aqui proposto (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual) recebeu o título geral de Temas Transversais, indicando a metodologia proposta para sua inclusão no currículo e seu tratamento didático. (BRASIL, 1997, p.21).

da natureza e alheio a ela e ampliando-se o conhecimento sobre como a natureza se comporta e a vida se processa. (BRASIL, 1997, p.35).

Já nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica - DCNs (BRASIL, 2013), que estabelecem e fixam as regras e estruturas obrigatórias, encontramos, na parte diversificada²¹, o respaldo para incluir determinados assuntos da comunidade local, regional no currículo escolar, isso porque

O currículo não se esgota, contudo, nos componentes curriculares e nas áreas de conhecimento. Valores, atitudes, sensibilidades e orientações de conduta são veiculados não só pelos conhecimentos, mas por meio de rotinas, rituais, normas de convívio social, festividades, visitas e excursões, pela distribuição do tempo e organização do espaço, pelos materiais utilizados na aprendizagem, pelo recreio, enfim, pelas vivências proporcionadas pela escola. [...]Desse modo, a escola pode contribuir para que eles construam identidades plurais, menos fechadas em círculos restritos de referência e para a formação de sujeitos mais compreensivos e solidários. (BRASIL, 2013, p.16).

Com as DCN's para a Educação Ambiental, dentre seus objetivos, encontramos:

I. estimular: d. vivências que promovam o reconhecimento, o respeito, a responsabilidade e o convívio cuidadoso com os seres vivos e seu habitat; [...] II. Contribuir: d. a promoção do cuidado e responsabilidade com as diversas formas de vida, do respeito às pessoas, culturas e comunidades; [...] III. Promover: ações pedagógicas que permitam aos sujeitos a compreensão crítica da dimensão ética e política das questões socioambientais, situadas tanto na esfera individual como na esfera pública; [...] (BRASIL, 2013, p.552-553).

Cabe destacar ainda, que

Se a Educação Ambiental é marcada, no seu surgimento, por uma tradição naturalista, que fragmenta a análise da realidade, que estabelece a dicotomia entre natureza e sociedade, torna-se fundamental ao pensar as Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental que se busque superar essa marca. (BRASIL, 2013, p.542).

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no ano de 2017 (e obrigatoriedade a partir de 2020), este documento orientador (a base) passou a ser uma norma nacional obrigatória da educação básica, tanto pública quanto privada. Dividida em parte comum e parte diversificada, a primeira de abrangência nacional comum de conteúdos obrigatórios é normatizada pela base, já a segunda, os conteúdos contemporâneos transversais, ficam a critério de cada região, estado e município, atendendo à diversidade regional, não

²¹ Os conteúdos curriculares que compõem a parte diversificada do currículo serão definidos pelos sistemas de ensino e pelas escolas, de modo a complementar e enriquecer o currículo, assegurando a contextualização dos conhecimentos escolares diante das diferentes realidades. (BRASIL, 2013, p.113).

estando na BNCC definida unidade temática nem os conceitos, processos e conteúdos a serem trabalhados pelas instituições de ensino. Pois

cabe aos sistemas e redes de ensino. Assim como as escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. (BRASIL, 2017, p. 19).

Sendo assim, a BNCC apresenta 6 (seis) “macroáreas temáticas” com um total de 15 (quinze) temáticas em sua parte diversificada, nas quais “as propostas podem ser trabalhadas tanto em um ou mais componentes de forma intradisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar, mas sempre transversalmente às áreas de conhecimento” (BRASIL, 2019, p.7), como ilustram as imagens abaixo.

Figura 22 - Temas Contemporâneos Transversais BNCC



Fonte: MEC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 25 jun.2021.

Figura 23 - Quadro Intra/Inter/Transdisciplinar BNCC



Fonte: MEC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 25 jun.2021.

Portanto, compreendemos a relevância em abordar o tema animais, ou mesmo, direitos animais de forma interdisciplinar e transversal, devido a sua impossibilidade de abordagem

individual. Sua complexidade perpassa todos os componentes curriculares, não se restringindo a apenas uma área ou dimensão do saber.

Sendo assim, por mais que em outras oportunidades durante o ano já tivéssemos realizado outros diálogos sobre os animais, uma das atividades realizada no mês de outubro, e que envolveu todas as turmas do turno vespertino da escola, abriu novas possibilidades de abordagens mais profundas ao tema. Isso porque, as crianças assistiram ao filme “Pet’s, a vida secreta dos bichos”, que, para além da socialização²², serviu de análise.



Sinopse: “Pets - A Vida Secreta dos Bichos. A mais nova animação da Illumination Entertainment, que é tão aguardada por sinal, conta a história de Max, um cachorro que mora em um apartamento de Manhattan. E quando sua dona traz para casa um novo cão chamado Duke, Max não gosta nada, já que seus privilégios parecem ter acabado. Mas logo eles vão ter que pôr as divergências de lado quando um incidente coloca os dois na mira da carrocinha. Enquanto tentam fugir, os animais da vizinhança se reúnem para o resgate e uma gangue de bichos que moram nos esgotos se mete no caminho da dupla”.

Ficha técnica do filme:

Título Original: The secret life of Pets.

Gênero: Animação, comédia.

Ano de lançamento: 2016.

País de produção: Estados Unidos.

Tipo de vídeo: Longa infantil.

Duração: 1h 27min.

Roteiro/direção: Brian Lynch, Cinco Paul, Ken Daurio/Yarrow Cheney, Chris Renaud.

Fonte: www.adorocinema.com

Quando em cartaz, e em primeiro lugar nas bilheterias do país, o filme Pets, como toda comédia infantil, garantiu a diversão e a risada das crianças, que aguardavam, envolvidas por uma mistura de sentimentos, pelo tão esperado final feliz. Durante a apresentação do filme na escola, foi possível perceber alguns sentimentos de desconforto das crianças frente a situações de algumas cenas que envolviam a relação dos animais com alguns humanos, principalmente quando esses mostravam-se contra ou indiferentes aos personagens animais. Também vislumbramos a alegria pela finalização tão esperada e a curiosidade sobre acontecimentos na

²² [...] revistas, jornais, narrativas de novelas, imagens de publicidade, desenhos animados entre outros – usados por alunos e professores expressam e/ou renovam o currículo e o cotidiano escolar. Utilizo o enfoque oferecido por Certeau (1994), que entende por artefatos culturais todos os produtos disponibilizados pelo poder proprietário, constituídos através de ideologias ou políticas, variando de produtos tecnológicos a simples recursos materiais ordinários que são usados pelos praticantes em seus cotidianos. (SILVA, 2006, p. 11).

vida real, no cotidiano, a começar por: “- *Os bichos não fazem aquelas coisas todas quando estão sozinhos.*”

Ao abordarmos “aquelas coisas todas”, ficou claro que as crianças se referiam ao comportamento dado aos bichos na animação, de forma exagerada e característico de humanos, a antropomorfização, sendo possível fazer um levantamento e comparação dos comportamentos animais humanos e não-humanos presentes nos personagens. Além, é claro, de situações das quais seriam impossíveis os animais passarem sem no mínimo se machucarem, como cair de lugares altos ou sofrerem acidentes.

As crianças analisaram muitos pontos do filme e foram traçando algumas constatações, a partir da aproximação com as suas realidades e seus conhecimentos. Nessa perspectiva, foram abordados e mediados muitos assuntos: o cuidado, a adoção, o abandono, as diferentes espécies de animais domesticados, a relação entre os animais, a relação dos humanos com os outros animais, a relação com a cidade, leis, entre outros.

A cada fala, uma situação era colocada para dialogarmos sobre: - “*Como é que eles moravam em apartamento? Isso não pode.*”

As crianças, compartilharam suas vivências e opiniões sobre a proibição da tutela de um animal quando se mora em um apartamento, condomínio, casa de aluguel, ou mesmo, quando se é criança e não se tem autorização da família. E a tristeza em saber que, muitas vezes, não é permitida a presença de animais porque causam ‘danos’ aos demais humanos, na maioria das vezes, sonoros, simplesmente por latirem ou miarem. Sabendo que não é uma regra, as crianças afirmavam que não morariam em lugares em que seus bichos não pudessem estar, afinal, os consideravam parte de suas famílias.

As crianças, ao abordarem a cena dos animais tidos como “de rua”, não compreendiam porque esses eram retratados como maus, afinal eles tinham sido abandonados.

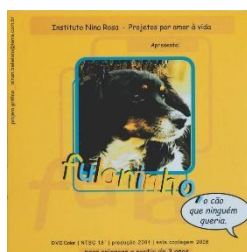
No filme, os animais que foram abandonados pelos humanos, viviam em bueiros sujos, o “subimundo”, inclusive, formavam a “turma do bueiro”, liderada por um coelho aparentemente fofinho e inofensivo, mas que, por ter sido descartado pelo seu humano - quando passou a não ter mais serventia já que o show de tirar coelho da cartola, do qual fazia parte, não deu mais lucro ao seu “dono” -, tornou-se malvado e buscava a vingança contra os humanos, chamando-a de “revolução”. Assim como ele, vários outros animais estavam na mesma condição. Porco, furões, sapos, jacarés, cobras, hamsters, tartarugas, gatos, aranhas, iguanas, ratos, cachorros, pássaros, peixes... Muitos animais, de várias espécies, foram cruelmente maltratados e descartados por humanos que diziam amá-los.

Ao dialogarmos sobre essa relação de usos e descartes de animais, buscamos relembrar o que na aparência desses animais denunciava maus-tratos. Dentre elas, foi muito visível marcas de mutilação, de correntes, bem como machucados da vida em cativeiros e nas ruas. Foi então que surgiu a pergunta que mais preocupou as crianças: “– *Quem eram aqueles homens que pegavam os bichos enforcados, sem coleiras, eles existem de verdade?*”.

Aqui o assunto rendeu muito e voltamos ao histórico de luta pelos direitos animais. Elas não podiam acreditar que a carrocinha um dia existiu também em nossa cidade, e funcionava assim mesmo, com captura cruel seguida de morte, no canil. Quem dera eu também não tê-la presenciado, mas agora a luta segue, para que essas crianças e as futuras sigam lutando para que nunca haja tal retrocesso. O que elas afirmaram, seguir pelos animais!

Foram abordados, então, a Declaração Universal dos Direitos dos Animais²³ (UNESCO - 1978), a necessidade e preocupação de investimentos em políticas públicas, principalmente para os animais em nossa cidade, a partir de 2013, com o fechamento do canil e com a criação da Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais em 2014, que possibilitou implementar políticas de controle populacional através da castração gratuita, exemplificando com dados e estatísticas o número de animais originados a partir de um casal de animais, no período de dez anos, em sucessivas gerações. Para dar seguimento a essas discussões, convidamos a Coordenadoria de Defesa dos Direitos Animais para uma palestra em nossa escola, seguida de uma saída de campo ao castramóvel.

No dia 14 de outubro, então, houve palestra com duas veterinárias, Lisiane (veterinária atuante no castramóvel) e Vanilda (veterinária coordenadora Amigo Bicho e Companhia), que apresentaram o filme “Fulaninho, o cão que ninguém queria”²⁴ do Instituto Nina Rosa²⁵.



Sinopse: “Fulaninho, o cão que ninguém queria. Um cãozinho abandonado relata sua vivência e ensina sobre a guarda responsável dos animais de estimação”.

Ficha técnica do filme:

Título Original: Fulaninho, o cão que ninguém queria.

Gênero: Curta.

Ano de produção: 2001

País de produção: Brasil.

Duração: 18 minutos

Roteiro/Direção: Miguel Filiage e Denise Gonçalves

²³ Disponível em: <https://www.svb.org.br/205-vegetarianismo/saude/artigos/756-declaracao-universal-dos-direitos-dos-animais>. Acesso em: 15 jun.2021.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gn1ISZY31H0>. Acesso em: 16 fev.2020.

²⁵ Para conhecer mais sobre o Instituto Nina Rosa acesse: <http://www.institutoninarosa.org.br/>.

Produção: Instituto Nina Rosa – projetos por amor à vida
Fonte: www.institutoninarosa.org.br

Já pelo título do vídeo, as crianças ficaram curiosas em saber o porquê de ninguém querer o cão Fulaninho, levantaram algumas hipóteses, que acabaram indo ao encontro da questão abordada pelo filme: a guarda responsável de animais. Antes da chegada das veterinárias, as crianças estavam muito empolgadas porque iam conhecer “médicas de bichos”, profissão muito desejada entre elas e acredito que por muitas crianças no mundo. Essa relação de cuidar dos animais inspira um desejo muito grande de poder ter contato direto com eles, cuidar e muitas vezes “salvar” a vida dos animais. A expectativa era grande, seus olhos brilhavam e tinham muitas perguntas a serem feitas às convidadas.

Com toda a abordagem, discussões, provocações e reflexões geradas durante o ano sobre os animais, as crianças começaram a interagir com as veterinárias com muita autonomia e espontaneidade. Sabiam que os animais eram seres sencientes, capazes de sentir, donos de uma vida que queria ser vivida, cuidada, amada sem explorações. Compreendiam que os animais queriam ser livres, que muitos foram domesticados pelos humanos, tornando-os de certa forma dependentes deles, necessitando buscar resolver problemas originados de tal processo.

A emoção tomou conta durante os quase vinte minutos de vídeo, inclusive da professora que vos escreve. Quando o filme chegou ao final, mostrando a realidade do que acontece com os animais quando não são adotados no canil, as crianças fizeram relação com o personagem Duke, do filme *Pets*, que afirmava não poder retornar ao canil, pois seria o fim para ele. E questionavam com repúdio o tão pouco tempo de vida proporcionado a eles para encontrar um novo lar, bem como, a necessidade de morrerem se estavam vivos, saudáveis. Estavam indignados, também, com a capacidade de abandono, por parte das pessoas.

Pouco antes de Fulaninho ser capturado pela carrocinha, parte do filme em que as crianças reagiram com *“Ah não! Esses homens de novo! Foge Fulaninho!”*, uma criança, acompanhada de uma adulta, deu atenção a ele, mas a adulta não permitiu que a criança tivesse contato com ele. Quando Fulaninho estava no canil, uma família passava pelo local, as crianças chegaram até a sua cela e fizeram carinho, mas a família não permitiu que seguissem esse contato com Fulaninho. Sobre ambas as cenas, as crianças refletiram sobre a dificuldade de suas opiniões, gostos e interesses serem levadas em consideração em muitos aspectos da vida, pelos adultos, principalmente com os de suas famílias.

Assim que o vídeo deu outra possibilidade de final à história de Fulaninho, as crianças vibraram, bateram palmas, felizes por ter sido adotado por uma família, porém diziam-se muito

tristes em saber que todos os outros que apareceram no vídeo não tiveram a mesma oportunidade. E demonstravam grande empatia por todos os animais que foram cruelmente abandonados por humanos, desejando poder ajudar todos que necessitassem.

Percebemos, nesses relatos, o quanto as crianças estão abertas ao diálogo e a novas e diferentes relações para com os outros, que não os humanos. O sentimento de querer bem, de respeitar, valorizar e buscar atitudes responsáveis a vida dos animais, por parte dessas crianças, faz com que o trabalho pedagógico antiespecista mostre a sua relevância, suas possibilidades, proporcionando o desatar de mais nós referentes ao trato com a vida, de todas as vidas, tanto por parte das crianças, quanto da professora e do ensino.

Durante o diálogo, as veterinárias levantaram algumas questões sobre tudo que envolve a guarda responsável e as necessidades dos animais, havendo grande envolvimento e participação, como, por exemplo, quando questionaram sobre a castração, todas as crianças souberam dizer o que era e qual a importância dessa cirurgia, bem como sobre a aquisição por parte do governo municipal de um castramóvel e a transformação da carrocinha em unidade móvel de transporte para os animais serem atendidos e operados pelos veterinários. Após a palestra, com a autorização dos responsáveis, nos dirigimos com ônibus cedido pela prefeitura da cidade, até o bairro onde o castramóvel estava instalado. As figuras a seguir evidenciam momentos da visita das veterinárias à aula e, posteriormente, a saída de campo ao Castramóvel.

Figura 24 - Início da palestra



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 25 - Fulaninho



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Quase chegando ao local, as crianças enxergaram um cavalo deitado no campo e entraram em prantos, pedindo para pararmos o ônibus e ir até o animal, que, ao ver deles, estava necessitando de ajuda médica especializada. Nesse momento, as veterinárias prontamente foram verificar, no entanto, e para a alegria de todos, o animal estava apenas descansando e saudável, assim foi possível dialogar sobre a necessidade de descanso que todos temos, afinal, nem sempre um cavalo deitado está doente, ele pode estar apenas nessa posição mesmo. E os aprendizados não pararam por aí. Cabe ressaltar que, muitas vezes, a imagem que se tem dos cavalos é “em regime de trabalho”, montaria (forçados) ou atados a cordas, pastando em locais inadequados, vê-los realizando algo de seu interesse ou necessidade, como um simples descansar, espanta os olhares acostumados a vê-los como máquinas.

Já no local, junto ao castramóvel, aos poucos, em grupos, as crianças foram adentrando a unidade de castração, acompanhadas pelas veterinárias, que guiavam e respondiam as questões das crianças, que, muito curiosas, atentavam aos detalhes, comentavam sobre suas experiências, suas aprendizagens, suas dúvidas e suas impressões. As imagens abaixo mostram alguns desses momentos.

Figura 26 - Em frente ao ônibus



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 27 - Em frente ao castramóvel



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 28 - Conhecendo o castramóvel 1



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 29 - Conhecendo o castramóvel 2



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 30 - Conhecendo o castramóvel 3



Fonte: arquivo da pesquisadora

Ao final dessa atividade, fizemos um lanche coletivo na praça ao lado do posto de saúde (onde estava o castramóvel), alguns cachorros foram se aproximando e as crianças prontamente repartiram seus lanches com eles. Muito felizes, as crianças voltaram cheias de novidades para contar, narravam à gestão da escola, muito entusiasmadas, os mínimos detalhes vivenciados nessa tarde. Queriam aprender mais, dialogar mais, vivenciar mais, essa relação com os animais. As figuras logo a seguir registram momentos do lanche na Praça.

Figura 31 - Lanche coletivo



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 32 - Alimentando um cachorro



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Nossas discussões se estenderam por todo o mês de outubro. Ainda nesse mês, é comum as crianças quererem realizar atividades e festividades referentes ao dia das bruxas, usar fantasias, criar personagens, brincar! Muitas festividades tem um forte apelo midiático, capitalista, e faz-se necessário dialogar e buscar, junto com as crianças, com as famílias e com as escolas, refletir criticamente sobre a intenção e influência dessas datas comemorativas que atravessam a vida de todos nós.

Sendo assim, ao adentrarmos as pesquisas por trás da origem das comemorações do dia das bruxas, muitos outros assuntos foram sendo incorporados a essa abordagem. Questionamentos foram introduzidos: “Quem ou o que são bruxas?”, “Como são vistas pela sociedade?”, “Quando e com quem são usados a nomenclatura bruxa?”.

Partindo desses questionamentos, realizamos estudos sobre a historicidade, sobre como as mulheres independentes, que tinham saberes e uma forte ligação com a natureza, em determinados períodos da história, foram vistas como bruxas em nossa sociedade, sofrendo preconceitos, injustiças, sendo cruelmente condenadas à morte e queimadas em fogueiras, ressaltando a importância da luta feminista. As crianças faziam desdobramentos a cada nova discussão, comparando e buscando compreender as representações de bruxas “más e boas”, que nos são apresentadas em todos artefatos culturais, desde pequenos.

Dessas comparações, veio à tona toda a repercussão dos bruxos do filme Harry Potter, a relação de ensino da escola de bruxos em que as crianças eram inseridas desde pequenas, adquirindo seus saberes e realizando experimentações em busca de fazer “o bem”. Refletimos ainda sobre o quanto estamos inseridos nessa dicotomia bom e mau, em nossas relações, em nossas vidas e o que configura ser bom ou ser mau. Depois de muitos diálogos, as crianças da turma da qual era regente quiseram criar um caldeirão em cartaz, como havia nas portas das outras turmas da escola, e fazer parte da comemoração de *Halloween*.

Ao decidirem participar da festa, as crianças chegaram a algumas constatações:

“Se vamos fazer um caldeirão, precisamos de uma bruxa, essa bruxa precisa ser a nossa professora!”, “E a nossa professora vai ser uma bruxa boa!”, “Sim, até porque toda bruxa tem gato e a profe tem muuuuuuitos gatos!”.

Aproveitando essas constatações/decisões/reflexões, questionei sobre a relação da bruxa com o gato, o que sabiam, como conheciam. As crianças foram enfáticas em dizer que: *“A bruxa tem gato preto! É! Ai, ele dá azar!”* Confesso que aguardava essa fala e, assim, exploramos essa falácia, fomos desmistificando a cultura do gato preto como responsável pelas situações ruins enfrentadas pelos humanos, dialogando e discutindo sobre o preconceito e discriminação sofrida pelos gatos simplesmente por serem de pelagem preta e, aqui, foram desatando vários e vários nós ao englobarmos o racismo sofrido pelas pessoas negras.

Como podem perceber, ao abordar o tema animais, realizamos diversos atravessamentos em diferentes áreas que compõem o currículo educacional, de forma transversal, interdisciplinar, transdisciplinar, sem estar fechada em caixinhas que determinam e engessam os conteúdos e planejamentos. A educação é viva, é vida!

A fim de contemplar nossas aprendizagens, sugeri que criássemos um texto sobre valorizar e respeitar a vida do gato preto, ajudando a desconstruir o preconceito sofrido por ele, que pudesse chegar às pessoas. As crianças prontamente aceitaram a ideia proposta e definiram quais palavras esse texto deveria ter, entre elas, “cuidado, respeito, amor, amigo, sem

preconceito”. Sugeriram fazermos um cartaz, desenhar gatos no cartaz e fixá-lo na parede da escola, para que todos pudessem ler.

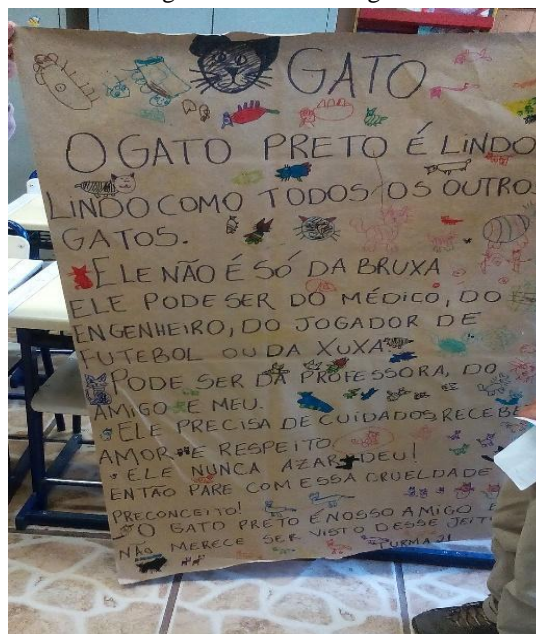
Fui para casa com a missão de tornar nossas falas, ideias e palavras em texto, para apresentar a elas no outro dia e assim o fiz. Ao chegar em aula, no dia posterior, as crianças aguardavam pelo texto, que, ao ser lido, recebeu palmas. Emocionadas, correram para me abraçar, ganhei muitos parabéns e agradei imensamente, ressaltando que a construção foi coletiva, a partir dos nossos movimentos em sala de aula. As figuras apresentam algumas das etapas deste trabalho e do envolvimento da turma.

Figura 33 - Ilustrando cartaz O gato



Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 34 - Cartaz O gato



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Mas ainda faltava elaborar o cartaz do nosso caldeirão e lá fomos nós para a pergunta: “*Quais ingredientes vão no caldeirão da bruxa?*”.

As crianças começaram a pensar, então, pedi que procurassem na sala livros de histórias com bruxas e pesquisassem que ingredientes haviam em seus caldeirões. Depois de observarem alguns livros, as crianças chegaram à conclusão de que as bruxas daquelas histórias e das que conheciam, usavam bichos ou partes de bichos como ingredientes²⁶, e chegaram a mais algumas reflexões:

“Ai sôra, tem perna, pata, cola de bicho nisso!”, *“É sôra, se tu vai ser nossa bruxa, nosso caldeirão não pode ter bicho!”*. *“Verdade, a sôra é a nossa bruxa boa, ela protege os animais!”*, *“E nós também, né?!”*

Novamente, partindo das reflexões das crianças, chegamos a um consenso de que o nosso caldeirão não teria nada de origem animal como ingrediente e passamos a pensar o que teria. Partimos para mais uma pesquisa²⁷ e construímos um caldeirão muito divertido, sem nada de bicho e muitos vegetais. A alegria das crianças transbordava em cada risada, pulo, palma e grito, sim, muitos gritos e lágrimas, de felicidade. Estavam realizados com a conquista de concretizar algo que surgiu como ideia. O cartaz foi para a nossa porta, e as crianças convidaram todos da escola para prestigiarem os nossos trabalhos. A figura a seguir registra o cartaz elaborado.

Figura 35 - Cartaz caldeirão



Fonte: arquivo da pesquisadora.

O trabalho realizado com e a partir das crianças transforma a maneira como elas enxergam o ensino, a aprendizagem, as relações, estabelecendo vínculos afetivos que auxiliam

²⁶ Segundo a escritora do livro “Bruxaria Natural uma escola de magia”, Tânia Gori “As bruxas escondiam com nomes exóticos os ingredientes de suas receitas mágicas, poções e tudo que estivesse ligado a Arte. Isto porque, uma receita podia ser usada para o mal caso estivesse em mãos erradas.” Disponível em: <https://gastronomiadabruxa.wordpress.com/2014/06/04/dicionario-da-cozinha-de-uma-bruxa/> Acesso em: 05 mar.2021

²⁷ Utilizamos como recurso a figura de linguagem catacrese.

em seu constante processo de desenvolvimento. Dessa forma, as crianças não se sentem meras receptoras de saberes, mas produtoras desses saberes, sujeitos históricos, protagonistas e sociais, “com competências históricas e geográficas, cognitivas e emocionais, que diferem das dos adultos, apresentando culturas singulares que se estabelecem nas redes dos demais setores da sociedade” (LOPES; COSTA, 2017, p.103).

Todas essas experiências entrelaçadas em nosso cotidiano vão estendendo o desejo das crianças de aprofundar cada novo nó desfeito frente a cultura especista a qual estamos inseridos, sendo assim, questionamentos e informações sobre a minha alimentação sem origem animal trazem à tona o desejo de descobrir novos paladares. Então, em novembro, movidos por esse interesse, realizamos uma roda de conversa/perguntas sobre vegetarianismo, veganismo, direito dos animais, impactos ambientais e respeito e direito à vida, juntamente com uma oficina de culinária vegana na escola, com a colaboração da veterinária Vanilda Pintos, filiada à Sociedade Vegetariana Brasileira.

Imersos em uma cultura especista, que naturaliza a exploração animal para a alimentação do ser humano, as crianças escolheram o que mais achavam difícil de comer sem ser de origem animal, elegendo assim “o cachorrão”, como é conhecido em nosso estado, ou “cachorro quente” como cardápio da oficina de culinária²⁸. O espanto e a curiosidade se fizeram presente ao saberem como a salsicha comum era feita, e sua substituição por cenoura, além de outros ingredientes como molho com tomate, cebola e temperos diversos, milho, ervilha, batata palha, pão, condimentos e suco natural de laranja.

As crianças foram se servindo, cheirando e mordendo o primeiro pedaço. Em seguida, sorriam muito, impressionadas com o sabor, a textura e a possibilidade de comer algo que tanto gostavam sem sofrimento animal. Algumas inclusive, diziam que, a partir daquele dia, se tornariam vegetarianas, e pediram ainda mais receitas e oficinas de culinária vegana. As imagens seguintes registram parte desse processo.

²⁸ Cabe ressaltar que os ingredientes foram comprados pelas organizadoras, a escola contribuiu com o suco natural.

Figura 36 - Conversando sobre vegetarianismo/veganismo



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 37 - Primeira oficina de culinária vegana



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 38 - Montando o “cachorrão”



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Uma mãe me relatou que nos dias seguintes seu filho conversou com seus pais avisando sobre a escolha de não querer mais comer carne, pois compreendia que o pedaço de carne que

estava no seu prato era um pedaço de animal que havia sido morto, bem como sabia da possibilidade de uma alimentação sem animais. Inclusive, para o seu aniversário, fez um cardápio sem carne no cachorrinho (salgadinho), mas ficou triste e espantando quando uma colega da sala disse que o presunto, presente no sanduichinho, era feito de animal. Singer (2004, p.243) afirma que “nossas atitudes para com os animais começam a se formar quando somos muito pequenos, e são dominadas pelo fato de que começamos a comer carne em idade precoce.”

É interessante observar que muitas crianças, no início, recusam-se a comer carne, acostumando-se a ingeri-la apenas em consequência dos árduos esforços dos pais que, erroneamente, acreditam ser ela necessária para gozar de boa saúde. No entanto, seja qual for a reação inicial da criança, o importante a observar é que começamos a comer carne de animais muito antes de termos capacidade de entender que estamos comendo o corpo de um animal morto. (SINGER, 2004, p.243).

Não obstante, muitas pessoas adultas não fazem essa relação, como, por exemplo, quando em alguma lancheria/restaurante pergunta-se sobre algum salgado/lanche sem carne, e geralmente as respostas do senso comum são apenas excluindo a carne vermelha, dando como opções “frango, presunto, calabresa”, ou mesmo opção com queijo.

Todas essas informações, reflexões e questionamentos trazem à tona a discussão sobre como o conhecimento antropocêntrico especista ainda é passado de geração em geração nas instituições de ensino, nas famílias e na sociedade. Para Denis,

É na escola que o estudante terá a comprovação científica, literária e filosófica do que aprendeu em casa. A escola não é só a reprodutora das desigualdades sociais como bem apresentou o sociólogo Bourdieu, ela é reprodutora (e se orgulha disso) da milenar tradição moral especista e apologista da dominação humana sobre a natureza. Todas as disciplinas escolares, sem exceção, reproduzem a visão especista e capitalista que domina todas as formas de vida não-humana como produto, coisa, mercadoria e recurso. (DENIS, 2010, s.p).

Embora essa perspectiva exista, há espaço para discussões na escola e sigo narrando experiências antiespecistas que buscam defender os direitos dos animais em suas mais variadas formas de vida.

3.3.1 Abril de 2017

Durante o mês de abril deste ano, houve a troca da diretora da escola. A professora regente do quarto ano assumiu a direção e eu passei a assumir essa turma, no turno da manhã.

Para dar continuidade ao trabalho da professora, nossa primeira aula deu sequência ao conteúdo de ciências naturais, água.

Começamos com um diálogo inicial, uma roda de conversa para nos apresentarmos, conhecermos um pouco sobre nós, sobre a escola, sobre como gostariam que fossem nossas aulas e, em seguida, continuamos com o conteúdo programado. As crianças foram relatando suas apreensões sobre a água, aos poucos, fui realizando intervenções e mediações sobre o que já haviam estudado e compreendiam sobre o assunto.

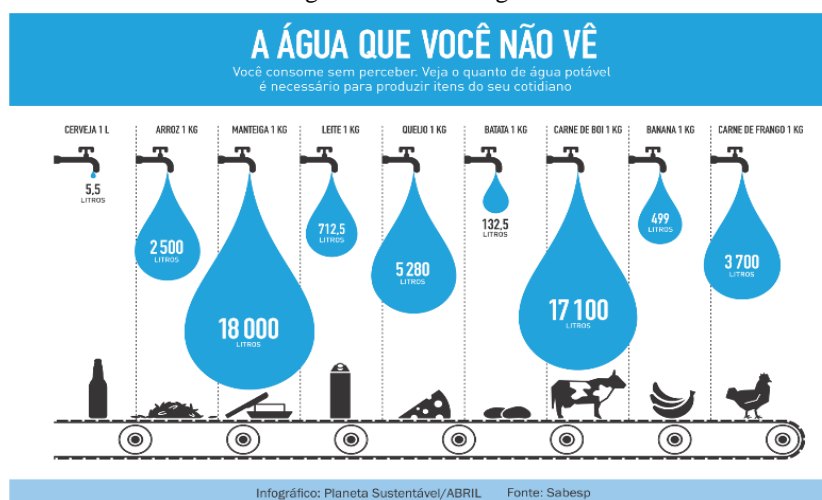
Quando chegamos à questão sobre formas de ajudar a economizar água, as crianças, unanimemente, apresentaram situações como fechar a torneira ao escovar os dentes, tomar banhos rápidos, não desperdiçar água ao lavar a louça ou carro. Partindo de suas respostas, enfatizando como formas realmente coerentes e importantes de cuidar da nossa água, questionei quantos deles realizavam essas ações, e se consideravam que, ao realizarmos essas ações, estaríamos resolvendo o problema de possível falta de água consumível no planeta.

As crianças foram enfáticas em afirmarem que nós éramos os culpados, porque falávamos muito sobre economizar, mas não tomávamos banhos que deveriam ser de cinco minutos, não usávamos baldes para lavar casas, carros entre outras coisas, e sim mangueiras. Foi então que, durante as falas, uma criança afirmou que ela talvez não fosse tão culpada, porque na casa dela a água era pouca e sua família fazia tudo para não desperdiçar, as vezes nem banho todos os dias podiam tomar. Para espanto e oportunidade de reflexão dos demais colegas, as crianças foram relatando como era a situação do bairro onde a maioria vivia, afirmando que algumas pessoas não tinham chuveiro, nem banheiro, que as roupas eram lavadas no tanque e não em máquinas, que tomavam água da torneira e não a industrializada, porque não existia dinheiro para isso, e ferver água só para o café porque o gás era caro. Aqui evidenciamos claramente a definição de especismo não somente como uma forma de discriminação, mas, como afirma (MAURIZI, 2020, s.p), “de orientação materialista e política que pensa o especismo como uma estrutura social de exploração.”.

Como podemos perceber, as escolas, muitas vezes, ao tratarem sobre a água, inculcam nas crianças a superficialidade, a irreflexão sobre algo tão essencial à vida do nosso planeta, chegando a tornar o tema algo distante da realidade. Comumente, reafirma, ano a ano (principalmente no dia mundial da água), que basta fazermos um cartaz com atividades desconexas, como pintar folhas com gotinhas, escrever frases “Preserve a água!”, “Economize água”, “Feche a torneira”, ou mesmo, que essas pequenas atitudes do micro resolvem todos os problemas referentes a complexidade que envolve o assunto da água.

A fim de aprofundar a discussão e proporcionar possíveis reflexões para compreensão de uma situação mais ampla sobre o assunto, dialogamos sobre questões de acesso, tratamento, poluição e responsabilização pelo consumo da água em nível macro. Ou seja, apresentei ainda, “a água que ninguém vê”, isto é, o gasto de água pelo uso urbano, industrial e agronegócio, enfatizando os problemas ambientais gerados na produção de itens de consumo em nosso cotidiano, principalmente alimentar. O cartaz abaixo foi utilizado para tal.

Figura 39 - uso da água ²⁹



Fonte: Disponível em: <https://www.svb.org.br/vegetarianismo1/meio-ambiente> Acesso em: 09 mar.2021

Nossas discussões levantaram novamente a curiosidade sobre uma alimentação sem origem animal, dessa vez, as crianças tinham interesse em doces, afinal a Páscoa estava próxima, questionavam se existia chocolate vegano, brigadeiro vegano. Foi então que, novamente, realizamos uma oficina de culinária vegana que intitulamos de “Páscoa consciente – Respeite os animais, não compre vidas!”.

Primeiramente, foram realizadas leituras e reflexões sobre o significado das comemorações referentes à Páscoa, dentre elas a relação com o coelho e a necessidade de rompermos com tradições escolares de professores, durante essa época, levarem coelhos para as salas de aula. Isso porque a vida dos animais ainda é bastante coisificada, banalizada pelos seres humanos que, para satisfazerem seus próprios egos, cruelmente ceifam vidas.

Se fizermos uma rápida procura no *Google*, encontraremos várias notícias da barbárie sofrida por animais, que morreram após humanos os encontrarem e obsessivamente tirarem exaustivas “*selfies*” com eles, como foram os casos dos golfinhos que encalharam, um na

²⁹ Para aprofundamento sobre, sugiro o livro *Carnelatria: escolha omnis vorax mortal*. São José: Ecoânima, 2018 - Dr. phil. Sônia T. Felipe.

Argentina³⁰ e outro na Espanha³¹, o filhote de elefante separado e cercado por pessoas na Índia, a desova arruinada de tartarugas na Costa Rica³², um cisne na Macedônia³³ e um tubarão arrastado de dentro do mar na República Dominicana. Todos esses animais foram mortos pelas mãos de pessoas estúpidas para garantir suas tão nefastas fotografias. São exemplos observados em imagens como essas.

Figura 40 - Selfie mortal 1



Fonte: Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/tubarao-morre-ao-ser-arrastado-para-fora-da-agua-para-fotos/>. Acesso em: 12 abril.2021

Figura 41 - Selfie mortal 2

Filhote de golfinho morre após série de selfies com turistas na Argentina

Dois golfinhos foram tirados da água por banhistas, e um deles morreu de desidratação



O golfinho que morreu por desidratação tirando selfie com turistas.

Fonte: El País disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/18/internacional/1455786405_646420.html Acesso em: 12 abril.2021

³⁰ Disponível em: <http://blognoticiandoaqui.blogspot.com/2016/02/humanos-despreziveis-turistas-retiram.html>

³¹ Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/254232/golfinho-morre-apos-ser-tirado-da-agua-por-banhistas-para-selfies> Acesso em: 12 abril.2021.

³² Disponível em: <https://exame.com/ciencia/turistas-arruinam-desova-de-tartarugas-para-tirar-selfies/>.

³³ Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/mundo/cisne-morre-ap%C3%B3s-turista-tentar-selfie-com-o-animal-1.358626> Acesso em: 12 abril.2021.

Figura 42 - Selfie mortal 3

Filhote de elefante morre após ser cercado para selfies
12/01/2018

Ele foi separado da mãe e perseguido por dezenas de pessoas na Índia, que queriam tirar fotos

O bebê elefante tinha apenas 8 meses. E é a mais recente vítima da febre das selfies com animais silvestres – relembre aqui o incidente com o filhote de galfinho na Argentina.

Desta vez, a tragédia aconteceu no sul da Índia. O filhote e dois elefantes adultos entraram no vilarejo Kurubarahandi em busca de comida. Os moradores usaram bombinhas para afastá-los das plantações e o filhote acabou se ferindo em meio à confusão.

Separado da mãe, que correu de volta para a floresta assustada, o filhote entrou no vilarejo perdido. As pessoas aproveitaram o momento para cercá-lo tirar selfies, ao invés de espantá-lo na direção certa.

De acordo com o jornal *Express*, o elefantinho ficou “chamando” desesperadamente pela mãe.

As selfies com animais silvestres aumentaram 292% nas redes sociais em 3 anos



Fonte: World Animal Protection. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/not%C3%ADcia/filhote-de-elefante-morre-apos-ser-cercado-para-selfies>. Acesso em: 12 abril.2021

Essa prática de conseguir uma foto, a qualquer custo, também ocorre em muitas escolas, como descrito anteriormente, é comum sabermos e presenciarmos muitos professores buscando por alguém que tenha um coelho (peixe, pintinho...cogitam inclusive a compra de um) para que seja levado às escolas para que as crianças possam se aglomerar em volta de uma gaiola e “ver” o animal, há os que ainda passam o animal de mão em mão exaustivamente por todas as crianças e integrantes da escola, durante um dia (ou dias) inteiro, como forma de entretenimento.

Suas justificativas são de que como a figura do coelho é culturalmente associada à Páscoa, levá-lo à escola seria uma maneira das crianças conhecerem o animal, olhando, tocando, alimentando, segurando no colo e, assim, ajudando na relação entre crianças e animais, considerando um momento lúdico, sendo registrado em fotografias. Contraditoriamente, esses educadores, ao não refletirem sobre essas práticas, desrespeitam, desconhecem e desconsideram a vida desse animal, reforçando o *habitus* especista de exploração dos corpos.

Não obstante, a prática de observar seres humanos em gaiolas, como forma de entretenimento e conhecimento, era comum em nossa sociedade. Chamados de “zoológicos humanos”, exibiam povos não ocidentais de diferentes etnias, considerados selvagens e primitivos. Indígenas, negros, asiáticos e também pessoas que sofriam com doenças demorfantes. Eram expostos, fotografados, comparados, em troca de pagamento e, muitas vezes, nem sobreviviam. Sua presença ao vivo e seus retratos eram explorados para estudos, curiosidade e diversão. Seus cadáveres eram disputados por escolas de medicina, museus e coleções. As exposições traziam consigo o discurso da educação e respeito por aqueles “outros” e suas culturas, mas tinham a ver com o intuito de dar crédito e legitimar teorias racistas em

voga desde fins do século XVIII, as quais exploravam escalas evolutivas e colocavam índios, negros, mestiços, “exóticos” e “bizarros” em geral no início da linha de evolução (KOUTSOUKOS, 2009, p.2).

Assim como nos casos dos animais obrigados a participarem das *selfies*, bem como dos muitos povos exibidos nos zoológicos, soubemos de coelhos que morreram ao fim dessas práticas cruéis de entretenimento na escola. Sendo assim, reiteramos a importância de dialogarmos, exercitarmos a reflexão e cessar com a exploração de animais disfarçadas de práticas pedagógicas lúdicas de conhecimento, onde o desrespeito e “banalização do mal” no trato com a vida reverberam a herança de hábitos e tradições culturalmente antropocêntricas especistas.

No dia da oficina, a convite, esteve presente novamente na escola, a veterinária e parceira de iniciativas sobre direitos animais, Vanilda Pintos, que apresentou e dialogou sobre as características físicas/sentimentais dos coelhos. Ressaltamos ainda que animal não é brinquedo, produto ou objeto e, sim, uma vida que merece respeito e portanto não deve ser visto como alternativa de presente.

Aproveitando a imagem do coelho como símbolo da Páscoa, trouxemos à discussão novamente sua imagem usada como símbolo, dessa vez contida nas embalagens de produtos que são livres de crueldade animal, isto é, de produtos que não foram/são testados em animais. Abordamos, então, o uso não só de coelhos, mas de outros animais vivos, na dolorosa experimentação de diferentes elementos na fabricação de produtos, por parte da indústria, “a maioria absoluta, tóxica, venenosa e corrosiva, é testada sem analgesia ou anestesia” (FELIPE, 2007, p. 42).

As crianças lembraram do caso dos aproximadamente duzentos cães da raça *beagle* resgatados do Instituto Royal, localizado na cidade de São Roque, SP, que eram usados em pesquisas farmacêuticas, nesse local. Esse caso³⁴ gerou grande repercussão e comoção no ano de 2013. As crianças desconheciam o uso de outros animais sem ser os ratos e os macacos, para fins de experimentação, bem como a possibilidade do não uso de animais para tais fins.

Não foi preciso dizer que tal atividade é cruel e dolorosa aos animais, pois as crianças já haviam presenciado em algum momento de suas vidas, imagens em jornais, revistas ou reportagens na mídia televisiva sobre como os animais eram “*presos em gaiolas e aplicavam injeções*” (no caso dos ratos) e em “*aparelhos para segurar o bicho, deixar o olho dele aberto*

³⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/10/ativistas-invadem-e-levam-caes-de-laboratorio-suspeito-de-maus-tratos.html>. Acesso em: 12 abril.2021.

e pingar umas coisas lá dentro, que horror!” (no caso presenciado e relatado sobre os macacos). Nem é preciso dizer que todos

Os produtos que resultam da indústria química, e ela abrange desde o papel no qual esse texto está impresso e sua tinta, até os tecidos, os alimentos, os cosméticos e todos os componentes sintéticos, disponíveis nas mais variadas formas para o fabrico de utensílios, máquinas, medicamentos etc., rendem a poderosos complexos industriais farmacêuticos e químicos, incontáveis dividendos. (FELIPE, 2007, p.42).

Nesse sentido, para ilustrar a existência de produtos *cruelty free* (livre de crueldade), levei diversas embalagens com diferentes selos, com coelhos, orelhas de coelhos, patinhas, corações etc., para que as crianças pudessem conhecer tanto os selos, como algumas marcas. A curiosidade foi grande, inclusive gerou uma atividade fora da sala de aula, a de pesquisar em suas casas alguns produtos com o selo livre de crueldade. Também gerou o interesse nas crianças de fazer as compras junto aos seus familiares, a fim de procurar e optar por produtos com selo, o que constataram também, muitas vezes, ainda, o preço ser mais em conta.

Após os diálogos, fomos então à cozinha preparar ovos de colher, ovos de chocolate com recheio. As crianças ficaram muito entusiasmadas e felizes com a oficina, dispomos a mesa com barras de chocolate, recheios e guloseimas para a decoração³⁵, tudo sem origem animal. Uma a uma, as crianças iam fazendo todo o processo de criação de seus ovos: derretendo o chocolate no microondas, colocando nas forminhas, levando ao congelador, desinformando, recheando com ganache, decorando e embalando. Foi uma delícia de oficina!

Vejam algumas imagens dessa oficina:

Figura 43 - Oficina de Páscoa



Fonte: acervo da pesquisadora.

³⁵ Novamente, cabe ressaltar que os produtos foram comprados pelas organizadoras.

Figura 44 - Ovos de colher 1



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 45 - Ovos de colher 2



Fonte: acervo da pesquisadora.

Na semana seguinte, socializamos sobre os produtos sem crueldade encontrados em suas casas, a ida aos (super)mercados e, claro, a repercussão sobre a oficina. Poder realizar um amplo diálogo, trazendo informações científicas, antiespecistas, bem como proporcionar outros paladares, para além da discussão de uma alimentação saudável, mas livre de origem animal, sem apontar ou condenar, faz com que possamos desatar muitos nós de uma educação que se quer crítica, reflexiva e libertadora. Aqui, as informações, diálogos e vivências transformam-se em conhecimento ao “criar possibilidades para sua apreensão e construção”. (FREIRE, 1996 p.47).

3.3.2 Junho de 2017

Seguindo as andanças pelo diálogo sobre direitos animais nas escolas, em um dos muitos

dias que fui à sede da CMDDA, encontrei o médico veterinário Marcelo Lopes, que passou a integrar a equipe de veterinários da coordenadoria e conversamos sobre as possibilidades de trabalhos educativos nas escolas, quando este relata seu projeto com cavalos resgatados de maus-tratos. Prontamente, articulamos um encontro com a minha turma, que aprovou a ideia.

Então, em junho, tivemos a oportunidade de conhecer o trabalho realizado pelo veterinário Marcelo intitulado “Projeto para os equinos no município do Rio Grande”. Durante essa manhã, aprendemos sobre os cuidados, as necessidades e particularidades desses animais “que só têm tamanho e são muito frágeis”, como relatou Marcelo, boa parte deles são explorados, maltratados e negligenciados, sendo necessária a intervenção dos órgãos responsáveis de atendimento e fiscalização. Pois

São comuns os castigos cruéis contra cavalos, a qualquer pretexto, eventualmente por completa ignorância de que eles sentem fome, sede, dor, emoções, assim como os seres humanos. Os cavalos trabalham doentes, fracos, extenuados; se caem ao peso da carga, são açoitados sem dó; são cegados do olho esquerdo, porque se assustam com o fluxo do trânsito em direção contrária; são feridos pelos arreios mal conservados ou mal ajustados, e deliberadamente machucados com chicotes, paus, pás, martelos, foices, machados. (GOLOUBEFF, 2015, p.89).

E a violência contra os equinos segue, já que

têm pregos cravados no corpo e arremedos de ferradura fixados aos cascos com pregos de carpintaria; são chicoteados no pênis ereto, penetrados no ânus e na vulva com objetos rombos de grande calibre, com fins didáticos, para “aprenderem quem está no controle”; têm o corpo perfurado por agulhões e a língua amarrada à boca com fios de aço, arame ou fios elétricos, para que não tentem empurrar o freio (isso causa cortes e amputações de língua, que impedem que o animal se alimente apropriadamente). (GOLOUBEFF, 2015, p.89).

No diálogo com as crianças, Marcelo apresentou todo o processo realizado por ele em conjunto com a Patrulha Ambiental - Patram e Cmdda, bem como as situações em que os equinos foram resgatados, as ações de tratamento e os fins, nem sempre felizes, para esses animais. Ao relatar sobre os animais resgatados, que são levados para o camping municipal para tratamento, microchipados e depois encaminhados à adoção responsável (sendo essa, com assinatura de termo impedindo que o animal seja explorado, em montaria ou puxando carroças, necessitando ainda comprovação de espaço para o animal), as crianças ficaram muito curiosas e quiseram saber mais sobre o todo o processo.

As crianças relataram (transbordando uma mistura de sentimentos como pena, tristeza, raiva e angústia) as muitas vezes que presenciaram cavalos sendo maltratados, principalmente ao puxarem carroças, queriam saber como e onde fazer denúncias, bem como de que forma

poderiam auxiliar para que mais pessoas tivessem acesso a esses conhecimentos, pois tinham a certeza que, assim como nós, muitos desconheciam. Marcelo apresentou o seu projeto de terapia com a interação de crianças com os cavalos (em tratamento), onde as crianças podiam observar e se aproximar desses animais no momento de cuidado e alimentação, buscando estreitar laços, nas relações para ambas as partes, a fim de proporcionar um outro contato com humanos e esses animais, que não o de exploração.

O assunto rendeu muito, as crianças estavam impressionadas com o tanto que desconhecemos sobre os animais, muitas delas, ao relatarem sobre suas experiências, usaram a frase *“ai, nem gosto de ou não posso nem ver!”* questionando, inclusive, sobre o uso de arreios/freios/bridões/relho e esporas ocasionarem machucados e dores aos cavalos. Os cavalos

têm a boca e os ossos nasais feridos profundamente pelo uso de embocaduras, autênticos aparelhos de subjugação, dos quais os piores tipos são os freios de uso externo, conhecidos como professora ou breque; passam fome e sede como castigo por “mau comportamento”; têm o esmalte dos seus dentes brutalmente limados para adulterar a idade. (GOLOUBEFF, 2015, p.89).

As crianças sabiam a resposta, mas queriam ouvir a confirmação por parte do veterinário de animais de grande porte. Durante essa manhã, voltei à minha infância, as falas das crianças fizeram-me perceber que, mesmo décadas depois, as crianças ainda sentem muito pela realidade que enxergam dos cavalos em nossa cidade, no entanto, hoje, têm esperança, ao saberem que há uma lei tramitando para a redução (até a eliminação) do uso de cavalos em carroças, através de uma política pública, do trabalho de levantamento, microchipagem, regulamentação e fiscalização para esses animais em nosso município.

As figuras registram a presença do veterinário junto às crianças e uma das escritas sobre nossa aula.

Figura 46 - Palestra sobre equinos 1



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 47 - Palestra sobre equinos 2



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 48 - Escrita de um aluno

Escreva um texto falando o que você aprendeu, hoje, sobre o tema bem estar/ cuidado dos cavalos, apresentado pelo médico veterinário Marcelo.

Hoje eu aprendi que os cavalos não são cachorros. Devemos ligar para a Patram se os animais estiverem doentes e que os cavalos podem morrer de cólica e quando o osso sai pelo casco, os cavalos devem usar ferraduras. Os cavalos são microchipados e o Marcelo acha cavalos e pega para cuidar deles, leva para o camping. Eu achei essa experiência incrível e gostaria de ter uma nova experiência com o Marcelo. Muito obrigado Marcelo por nos ensinar tudo isso.

Nome: Pablo

Hoje eu aprendi que os cavalos não são cachorros. Devemos ligar para a Patram se os animais estiverem doentes e que os cavalos podem morrer de cólica e quando o osso sai pelo casco, os cavalos devem usar ferraduras. Os cavalos são microchipados e o Marcelo acha cavalos e pega para cuidar deles, leva para o camping. Eu achei essa experiência incrível e gostaria de ter uma nova experiência com o Marcelo. Muito obrigado Marcelo por nos ensinar tudo isso.

Pablo

Fonte: acervo da pesquisadora.

Nossos diálogos seguiram nos dias seguintes, para além das atividades em aula. Algumas crianças haviam relatado sobre alguns “carroceiros” que nitidamente, segundo eles, exploravam os cavalos, conheciam, inclusive, horários e caminhos percorridos por eles em seus bairros e assim resolveram conversar com alguns deles, ao passarem em frente às suas casas. Uma dessas conversas foi com um casal de catadores de recicláveis que, segundo as crianças, tinham um animal bem judiado, magro, que passavam pela quadra recolhendo muitas coisas, lotavam a carroça, chegando a ir junto com os materiais e machucavam o animal com relhadas. Contaram que algumas pessoas já haviam falado com o casal sobre a situação, e que este apenas trocou o horário (mais à tardinha), talvez para evitar ser visto.

Foi então que alguns deles resolveram abordar o casal com diálogo e informações sobre as nossas aulas e reforçaram a necessidade desses conhecimentos chegarem a outras pessoas. Relataram que o casal foi bem receptivo e disse desconhecer as leis e as necessidades do cavalo,

que inclusive não sabiam haver um “limite de carga” e ficaram bem interessados. As crianças, diferentemente dos adultos que haviam conversado com o casal, não chegaram abordando primeiramente que iam fazer uma denúncia, mas, sim, questionaram sobre o conhecimento sobre o animal que estava sendo usado por eles, enfatizando o que haviam aprendido na escola.

Para a surpresa e angústia das crianças, o casal relatou não querer machucar o cavalo, mas que o usava porque era a única forma de renda que tinham, que se não fosse assim, não conseguiriam sobreviver. Por fim da conversa, as crianças recomendaram que então o casal cuidasse melhor do animal, porque havia fiscalização com retirada do animal em situação de maus-tratos e o casal agradeceu todas as informações e se comprometeu a, pelo menos, diminuir o peso puxado pela carroça.

Ao socializarem todo esse acontecimento, as crianças comentaram sobre a raiva e tristeza que estavam sentindo pela exploração do animal cavalo, mas que, após a conversa com o casal, ficaram sem palavras, pois não sabiam como reagir a situação de ser a forma encontrada por eles para alimentar sua família. E, então, o questionamento veio, e agora, professora? Pois é, e agora José³⁶?

As crianças trazem a contrapartida de seu exercício de diálogo, o argumento de sobrevivência do casal que se encontra em situação de vulnerabilidade social e que não vê outra saída, mas que faz um desabafo afirmativo interrogativo, dando a ideia de que, se não estivesse nessa situação, não o faria, mas já que infelizmente está, como sair disso? Quando as crianças devolvem o questionamento, estão perguntando: - “como libertar ambos animais, humanos e não-humanos?”.

Goloubeff (2015) afirma que:

Da mesma forma que o carroceiro vive um fenômeno social, o cavalo urbano de tração é fruto dos maus-tratos, sendo um animal geneticamente pobre, com defeitos zootécnicos graves, inapropriado, em geral, ao trabalho que lhe propõem. Um matungo, enfim. Sofre com a poluição do ar, sonora, ambiental. Torna-se um ser incapaz física e mentalmente, morrendo muito antes do seu limite de vida biológica. (GOLOUBEFF, 2015, p.91).

Ao adentrarmos essas discussões, percebemos a complexidade que envolve o assunto e a importância de dialogarmos criticamente sobre, buscando maneiras de transformar a realidade sob uma abordagem antiespecista. Nesse sentido, conversamos sobre “carroceiro” não ser uma atividade garantida por lei, não havendo direitos trabalhistas, nem para os humanos, muito menos para os animais que enfrentam terríveis jornadas de trabalho escravo. Ambos

³⁶ Referência ao poema “E agora, José?” de Carlos Drummond de Andrade.

compartilham o enfrentamento às classes dominantes, de relações de poder, de uma “estrutura social de exploração. Tal estrutura possui na sua base interesses materiais, econômicos e de poder (isto é, de controle dos corpos antes ainda que dos pensamentos), da qual a sociedade no seu conjunto, mas sobretudo a elite no poder, tira vantagem.” (MAURIZI, 2020, s.p.).

Percebendo o quanto precisamos de mudanças, conversamos sobre as medidas que estão sendo tomadas principalmente no âmbito municipal, pois em Rio Grande, visando instituir um projeto de lei de criação do Programa de Redução Gradativa do Uso de Veículos na Tração Animal, a Prefeitura criou um grupo de trabalho (GT)³⁷ para a elaboração da proposta, com o intuito de viabilizar a transposição dos condutores a áreas de trabalho, através de programas de formação e profissionalização. Esse projeto de lei posteriormente foi aprovado³⁸, em 28 de dezembro de 2018, como Lei Nº 8303/18, e regulamentada³⁹ em 15 de abril de 2019.

Abordar o tema animais partindo de uma abordagem antiespecista exige romper a irreversibilidade de uma cultura racionalizada hegemônica, supostamente alicerçada e naturalizada sobre a exploração animal. Traz a necessidade de provocar a reflexão crítica sobre a associação aos modelos de opressão e dominação tanto de forma explícita, quanto de forma velada, também, por meio da educação.

3.3.3 Setembro de 2017

Ainda falando sobre os cavalos, após o feriado de 20 de setembro, as crianças comentaram que me procuraram durante o desfile e não me encontraram, mas encontraram várias professoras. Disseram que, inclusive, viram uma pessoa com um capacete igual ao meu em meio à multidão e foram até ela, mas se enganaram. Ao terminarem a fala, eu sorri e afirmei

³⁷ A elaboração da proposta de criação do Programa de Redução Gradativa do Uso de Veículos na Tração Animal foi realizada por um Grupo de Trabalho instituído pela Prefeitura Municipal do Rio Grande, por meio de Portaria assinada pelo prefeito Alexandre Lindenmeyer. O grupo contou com representantes das Secretarias de Município do Meio Ambiente (SMMA), de Cidadania e Assistência Social (SMCAS), de Desenvolvimento, Inovação, Emprego e Renda (SMDIER), de Mobilidade, Acessibilidade e Segurança (SMMAS), de Controle e Serviços Urbanos (SMCSU), além da Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais e da Procuradoria Geral do Município. Disponível em: <https://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/index.php/noticias/detalhes+505a84,,coordenadoria-de-defesa-dos-direitos-animais-ultrapassa-6-mil-castracoes-de-animais.html#.YJ3fMKhKhnl>. Acesso em: 19 fev.2021.

³⁸ Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/lei-ordinaria/2018/831/8303/lei-ordinaria-n-8303-2018-institui-o-programa-de-reducao-gradativa-de-veiculos-de-tracao-animal-no-mbito-do-municipio?q=tra%C3%A7%C3%A3o+animal&fbclid=IwAR2fmprsmiem0P2t7g5Q89uW2VGSY4qgp6eD_3fln_hA9BRrk87fVWrpaiFo. Acesso em: 19 fev.2021.

³⁹ Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/decreto/2019/1620/16192/decreto-n-16192-2019-regulamenta-a-lei-n-8303-18-que-instituiu-o-programa-de-reducao-gradativa-de-veiculos-de-tracao-animal-no-mbitodomunicipio?q=tra%25E7%25E3o%2520animal&fbclid=IwAR1nALsVacq0xRnBx3atFBA_1jHz_rl9OYo_h59IP_R2iv6mVV0Lq6VyE6nA. Acesso em: 19 fev.2021.

que realmente não estava lá. Foi então que as crianças começaram a se olhar, questionando o porquê de eu não estar presente e, antes mesmo que eu pudesse responder, algumas já afirmaram que eu gostava dos cavalos e que, então, não estaria lá.

Relataram que foram até lá, porque as famílias foram passear no *feriado do gaúcho*, que sequer compreendiam, pois não se enxergavam como “aqueles gaúchos pintados” no desfile. Fomos dialogando e as crianças queriam saber qual era o sentido de realizar desfile à cavalos, para que e para quem era considerado entretenimento. Sendo assim, muitos deles começaram a relatar o que viram. Cavalos machucados, cansados, feridos, corcoveando e mortos. Sim, dois morreram, segundo notícias.

Falaram, inclusive, dos animais sem direito a fazerem suas necessidades fisiológicas, defecando enquanto eram obrigados a andar com uma ou mais pessoas em cima deles, de pessoas que vieram de muito longe montadas nos cavalos para manter uma tradição, que, como bem afirma Felipe, “pode ser a mais viva expressão de brutalidade, indiferença e convivência com práticas de violência, se for do interesse da classe detentora do poder, manter tais costumes” (FELIPE, 2006, p. 213). Como os tradicionais rodeios e gineteadas que reúnem tantas pessoas a serviço da exploração animal, onde muitos são levados desde muito pequenos por suas famílias e acostumam seus olhares frente a crueldade, sem questionar. E tantos outros que vão apenas para ver gente, para encontrar gente, para passear, fazer lanche, assistir a shows, pagando ingressos às custas de violência e crueldade animal.

Tudo porque faz parte da tradição gaúcha, porque precisam comemorar o vinte de setembro, que muitos desconhecem e sentem-se ofendidos quando o movimento negro vem a público desconstruir o tradicionalismo elitista e contar a história racista, preconceituosa, violenta, escravagista, por séculos omitida sobre a nossa história. Como é o caso do premiado documentário *Manifesto Porongos* (Rafuagi), que lançou inclusive a versão do Hino Negro Riograndense, transformando, dentre todo o texto, a frase “Povo que não tem virtude acaba por ser escravo” da versão original, por “povo que não tem virtude acaba por escravizar.”.

Está mais do que na hora de conhecermos, trabalharmos, fazermos uma releitura sobre os outros lados das histórias, para formarmos outras consciências sobre o nosso passado, compreendendo e transformando o nosso presente com vistas a outras possibilidades no futuro, reconhecendo, assim, parafraseando Freire, que “a educação muda as pessoas, pessoas transformam o mundo.”.

3.3.4 Outubro de 2017

Promover o diálogo sobre o respeito para com as mais diversas formas de vida e poder realizar na prática esse discurso é nosso dever diário. No mês de outubro, dando sequência ao mês das crianças e dos animais, assistimos ao filme *Okja*, dialogamos sobre as relações humanas *versus* outros animais, humanos *versus* natureza, a indústria da carne, o consumo, vegetarianismo, ética, o ativismo e luta pelos direitos animais, realizando aproximações com a nossa realidade.

As crianças apresentaram seus entendimentos sobre o filme, levantando questionamentos, posicionamentos, constatações sobre as relações de poder, exploração, sentimentos de amizade, de respeito e amor, bem como ressaltaram a importância do ativismo animal e das diferentes lutas travadas a favor de todas as vidas.



Sinopse: “Um imenso animal e a menina que o criou se vêem no fogo cruzado entre o ativismo animal, a ganância empresarial e a ética”.

Ficha técnica do filme:

Título Original: *Okja*

Gêneros: Filme sobre questões sociais, ação e aventura, comédia, sátiras, dramas.

Ano de lançamento: 2017.

País de produção: Coreia do Sul.

Tipo de vídeo: Longa.

Duração: 2h1min.

Roteiro/direção: Joon-ho Bong.

Fonte: www.cinemacao.com

Conversamos ainda sobre a maneira como os animais são vistos e retratados em nossa sociedade e foi proposto às crianças analisarem livros didáticos e de literatura infantil, fazendo um levantamento sobre o que diziam em relação aos animais. Atentos aos detalhes e sem muitas delongas, as crianças consideraram que os livros omitiam a realidade, sendo sua abordagem utilitarista, principalmente pela divisão e classificação dos animais. Quando esses abordavam os animais tidos como da fazenda, frases como “as vacas nos dão o leite e os carneirinhos produzem lã”, “o galo acorda o fazendeiro bem cedo”, “o cachorro ajuda a pastorear as ovelhas” deixaram claro o uso dos animais para propósitos humanos.

As crianças fizeram uma separação do que poderia ser aproveitado, questionando “- como essas obras foram publicadas e vendidas, por acaso não há uma revisão, alguém responsável pelo conteúdo?”.

Queriam, inclusive, jogar fora, para que não se propagassem conceitos de que os animais

estão aqui para nos servir, que nos fornecem algo, quando na verdade são explorados e não há consentimento por parte deles para o que nos apropriamos. E chegaram a uma reflexão “- *se tá escrito no livro, quem lê acha que é verdade e aí todo mundo diz que os animais nos dão leite, lã, ovos, mel, carne, quando é a gente que tira.*”.

Abaixo, podemos ver as imagens das crianças analisando alguns livros.

Figura 49 - Analisando livros 1



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 50 - Analisando livro 2



Fonte: acervo da pesquisadora.

Essa abordagem especista de livros infantis induzem ao erro, pois, como reconhece Singer (2004, p. 244), “lendo esse tipo de leitura quando pequena, não é de admirar que a criança acreditando que, muito embora os animais “precisem” morrer para prover alimento para os seres humanos, eles vivem felizes até que essa hora chegue”, como foi o meu caso.

Müller e Redin (2007) afirmam que a criança é um ser que dá sentido ao mundo em que vive, fazendo diferentes leituras das tramas sociais. Tem, portanto, no decorrer da vida, não só

a possibilidade de aprender como também de contribuir para a constituição de um novo momento histórico social, feito da diversidade cultural e das singularidades dos sujeitos. Nesse sentido, seguimos então com a produção de um cartaz com frases e imagens sobre a importância da defesa dos direitos animais. As crianças selecionaram imagens e textos que consideraram importantes serem lidos por outras pessoas, a fim de que estas também refletissem sobre a urgência de uma educação não especista. Logo, Felipe (2014) afirma que

a educação é o modo pelo qual o ser humano aprende a mover-se, expressar-se e autoprover-se ou prover os seus, sem destruir o corpo ou os meios de obtenção do provimento, o habitat de outros seres vivos. Educar-se, portanto, é caminhar-se para uma forma de viver na qual a destruição da vida e do bem próprio dos outros não seja praticada, desejada, nem fomentada. Portanto educar-se é desbrutalizar os costumes e práticas humanas, para que a vida de nossa espécie deixe o estado de dependência especista no qual tem sido mal acostumada há milênios. Educar para a não-violência contra seres vulneráveis. (FELIPE, 2014, p. 117-118).

Nesse caminho, por fim, realizamos uma confraternização com *founde* de frutas (com chocolate vegano derretido). Podemos conferir o registro desses momentos em algumas fotografias abaixo.

Figura 51 - OKJA



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 52 - Turma com o cartaz



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 53 - Cartaz defender os direitos dos animais e o respeito à todas formas de vida



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 54 - Founde



Fonte: acervo da pesquisadora.

Ainda em outubro, ao chegar na escola, as crianças me aguardavam eufóricas. Eu mal consegui estacionar a moto e elas foram me puxando, falando todas juntas, querendo que eu resolvesse uma situação. Pois bem, uma das crianças havia encontrado um passarinho caído no meio da rua, a caminho da escola, com o intuito de ajudá-lo, o pegou e o levou consigo, pois acreditava que eu poderia ajudá-lo. As crianças me diziam que ele ia morrer e que eu precisava chamar um veterinário, que precisávamos salvá-lo.

Assim que tocou o sinal, entramos em sala e pude olhar o passarinho com calma, tratava-se de um filhotão de pardal, que provavelmente estava cansado. Conversamos sobre a possibilidade de não haver necessidade de uma consulta médica, sobre deixá-lo descansar para ver como reagiria. E assim foi feito, trouxemos água, um pedacinho de pão e o deixamos na mesa enquanto a aula acontecia. Felizes e curiosos com a presença do animal, aos poucos foram se acalmando e, assim que terminei de escrever no quadro, voltei a atenção ao filhotinho que aceitou o pãozinho, bebeu água e gerou grande comoção.

Foi então que o passarinho subiu na minha mão e as crianças vibraram de felicidade, de ternura, principalmente porque ele resolveu não sair mais da minha mão e me olhava atentamente, inclusive quando voltei a escrever no quadro. Logo, “somos ternos quando abandonamos a arrogância de uma lógica universal e nos sentimos afetados pelo contexto, pelos outros, pela variedade de espécies que nos cercam. Somos ternos quando nos abrimos à linguagem da sensibilidade, captando em nossas vísceras o prazer ou a dor do outro.” (RESTREPO, 1998, p. 84).

Assim que chegou o horário do recreio, fomos até o pátio, eu saí pelo portão e fui até a árvore mais próxima, e prontamente o passarinho voou. As crianças vibravam afirmando terem salvo a vida do passarinho e me agradeciam dizendo que sabiam que eu ia ajudar. As fotografias abaixo mostram um pouquinho do que vivemos.

Figura 55 - Passarinho na mesa



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 56 - Passarinho na mão da professora



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 57 - Passarinho com a turma



Fonte: acervo da pesquisadora.

Quando abordamos temáticas que nos são caras, quando sacralizamos a vida, quando estabelecemos relações ternas e dialógicas, nos tornamos referência e criamos laços. Devolvi a elas o agradecimento por terem acreditado que poderiam fazer algo por uma vidinha às 7h30 da manhã, pois assim como viram o animal caído, que acreditavam estar quase sem vida e se importaram, outros poderiam não ter dado a devida importância, ou mesmo nem ter visto o bichinho no chão. Ressaltei que, mesmo que não tivéssemos tido esse final feliz, já valeria o fato de querer preservar uma vida.

3.3.5 Novembro de 2017

Em novembro, outra vida resolveu fazer parte das nossas aulas. Uma gatinha amarela adentrou a escola e foi até a nossa sala, ouvimos um miado e, ao abrirmos a porta, lá estava.

Não podíamos acreditar no que estávamos vendo, então saímos pelos corredores a perguntar de quem era a gatinha, tão carinhosa. Como estava prenha, de início achamos que haviam abandonado, mas então descobrimos que ela morava numa casa em frente à escola e que, por estar com fome, resolveu pedir comida ali.

Agora, o porquê de ser na nossa sala, só o universo pode responder, assim sendo “a fim de acedermos à gratuidade da existência, é imperioso estarmos por completo abertos ao destino, leves, dispostos a tecer ao compasso da vida, deixando-nos apanhar pelo ritmo dela. (RESTREPO, 1998, p. 99).

A gatinha comeu e voltou para sua casa, porém nos dias seguintes começou a seguir a sua rotina e inclusive passou a ser a primeira a chegar na escola, não mais atrás de comida, mas de carinho, de convívio. Foi então que as crianças resolveram chamá-la de Estrelinha, que passou a assistir um pedaço das aulas conosco. Estrelinha passou a andar pelos corredores da escola e ser bem quista por todos, chegava, dava suas voltinhas e voltava para sua casa. Nesse momento, conversamos bastante sobre a diferença de levar um animal como recurso didático para a sala, sem respeitar a individualidade do animal, e passar a conviver com um animal que vem e vai de livre e espontânea vontade.

A Estrelinha passou a ser a aluna “número um”, ela aguardava a chegada das crianças e, assim que o sinal tocava e todos entravam nas suas salas, ela ia até a nossa sala, ficava um pouco e ia embora. As crianças adoravam a sua presença, vejam as fotos.

Figura 58 - Estrelinha com a turma



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 59 - Estrelinha deitada no corredor



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 60 - Estrelinha na mesa da professora



Fonte: acervo da pesquisadora.

3.3.6 Março de 2018

O final do ano chegou, vieram as férias, em seguida o retorno às aulas e, com elas, o retorno da Estrelinha. Sim, ela voltou a frequentar a escola e, nos dias que sua tutora deixava a janela da sua casa fechada, miava muito querendo sair. Para nossa surpresa e alegria, nova turma, nova sala e a gatinha seguiu chamando na nossa porta, por que será? Desconfio das energias que emanamos.

Foi então que a nova turma também a acolheu, no entanto, uma das crianças, com autismo, não tinha contato com outros animais, a primeira reação dela foi dizer: “Xô!”, mesmo de longe. Aos poucos, conversando com ela, com a presença diária da gatinha e observando as relações de carinho e respeito que tínhamos por ela, o “xô” deu lugar a “olha”, para nos dizer que a gata estava se aproximando dela, às vezes, levantava-se da cadeira, outras vezes ficava sorrindo ao senti-la enrolar em suas pernas e, então, passou a querer alimentá-la. Em nossa sala,

também havia um adolescente com síndrome de down, que aguardava Estrelinha subir na sua mesa para enchê-la de carinho, ele também mostrava para seu colega com autismo que era possível deixar a gatinha chegar perto deles.

Sua mãe acompanhou esse processo e ficou muito contente, pois não sabia como seria sua relação com os animais, pois aparentava não querer contato. Foi então que, em um dia chuvoso, a gatinha não apareceu e ouvimos: “- *Estrelinha? Não veio?*”.

As outras crianças ficaram tão felizes com a reação e por terem a ouvido verbalizar que chegaram a dar pulos, bater palmas e foram abraçá-la. Foi muito lindo perceber dia a dia essa relação que construíram com a gatinha e pela presença da gatinha, pois, como Estrelinha gostava de passear também na hora do recreio, as crianças passaram a correr menos e a cuidar seus movimentos, inclusive se dividiam para ver quem ficava próximo a Estrelinha, lembrando às outras crianças de terem cuidado ao transitarem pelo pátio, o que diminuiu inclusive os tombos das crianças, que adoravam correr, o que continuaram fazendo, mas em outros pontos do pátio e olhando com mais atenção por onde corriam.

Após dias sem aparecer, estávamos em aula quando Estrelinha miou e a criança, que agora verbalizava, levantou rapidamente para abrir a porta e disse: “*Estrelinha!!! Voltou!!!*”. Todas as crianças sorriam de felicidade, enquanto se aglomeravam em frente a porta para recebê-la, a que abriu a porta foi até o armário, pegou o pote da gatinha e colocou ração e água, esfregando as mãos de alegria, confesso que posso ter contribuído indiretamente para esse esfregar de mãos, pois tenho essa mania. Conhecemos ainda os filhotes da Estrelinha, que posteriormente foram encaminhados à adoção.

Quando falamos em uma educação que valorize e respeite a vida, estamos buscando problematizar as relações, as experiências, ações e as discussões que promovam a ternura e o olhar respeitoso ao outro, todos os outros. Observem um pouco do nosso convívio.

Figura 61 - Estrelinha recebendo carinho 1



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 62 - Estrelinha caminhando nas mesas



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 63 - Estrelinha recebendo carinho 2



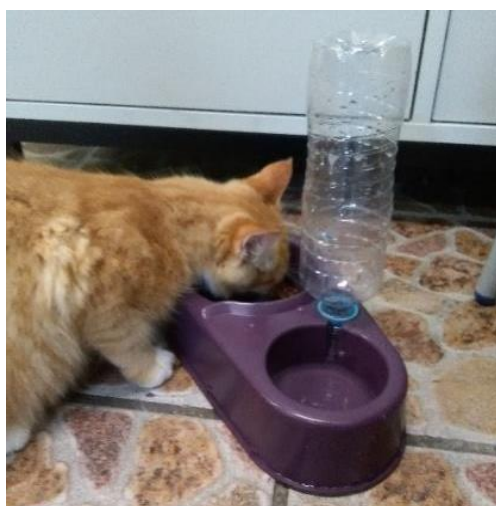
Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 64 - Estrelinha no colo, na sala de vídeo



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 65 - Estrelinha alimentando-se



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 66 - Filhotes da Estrelinha



Fonte: acervo da pesquisadora.

Nesse sentido, seguimos nossos diálogos sobre direitos animais na escola. Escola que, agora, sabia da importância de não se levar coelhos durante a Páscoa, mas é convidada a conversar sobre, já que uma nova professora chega a ela.

3.3.7 Ainda março de 2018

As crianças vieram até mim para contar que a professora estava propondo levar um coelho para semana de comemoração da Páscoa, que estava procurando alguém que tivesse um, se possível, para levar às duas escolas que lecionava. Professora que, ao saber que uma das crianças tinha um coelho, foi até ela para pedir que trouxesse o animal e a emprestasse, no entanto, essa criança havia sido minha aluna no ano anterior e prontamente disse que não poderia atender tal solicitação, pois compreendia os malefícios dessa prática. Assim que o sinal tocou, a criança me procurou para contar o ocorrido e o quanto a professora insistiu, afirmando que nada de ruim aconteceria, que seria apenas um empréstimo, após todos verem e tocarem o animal dentro da gaiola, esse seria devolvido.

Afirmar que não aconteceria e pedi para que realmente não atendesse tal solicitação, em seguida repassei à diretora, que já sabia inclusive do meu envolvimento e articulação juntamente à CMDDA para não realização de tal prática de uso de um animal para entretenimento nas escolas. Assim que fomos para a sala dos professores, a professora então comenta:

“Nossa! Como está difícil achar um coelho hoje em dia, né? Ninguém tem, não encontrei nem para vender. Tem um menino aqui da escola que tem, já fui atrás dele e pedi, insisti bastante, mas ele disse que não pode emprestar. Mas vou conversar direitinho com ele, de novo, vai ser muito legal ter um coelho pra gente trabalhar sobre a Páscoa.”

As outras professoras me olharam e começamos a dialogar sobre. Primeiro, apresentando minha atuação a favor dos direitos animais principalmente na escola e, em seguida, apontando diversas distorções sobre esse tipo de prática que vê o animal como entretenimento, como coisa, que pode ser emprestada e devolvida, sem se levar em conta a vida como bem próprio desse animal. Conforme eu ia falando, ela me olhava e parecia não se ater aos meus argumentos, querendo me dizer que sempre se fez isso, que tinha tudo a ver com a Páscoa. Quando questioneei sobre o que era esse “tudo a ver”, ela me perguntou se não podia levar, se havia alguma lei que a impedisse, já que a escola “tinha” a Estrelinha.

Novamente voltamos a explicação da diferença entre as relações, como também sobre

as discussões de professores com a CMDDA e a circular⁴⁰ que seria enviada pela Secretaria Municipal de Educação a todas as escolas do município sobre o não uso de animais nas escolas, justamente por sabermos que muitas escolas ainda desconhecem e/ou não reconhecem os animais como sujeitos de uma vida, que quer ser vivida.

Nossa conversa se estendeu, as professoras foram dialogando, trazendo e contando suas experiências sobre a proposta da Páscoa passada, intitulada Páscoa Consciente. Entendemos que, para que haja a permanente transformação da realidade, “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.” (FREIRE, 1999, p.83). Inclusive, a diretora confirmou relatos sobre a morte de coelhos após tais práticas e explicou que nossa escola buscava trazer esse outro olhar sobre os animais. Sendo assim, cada professora organizaria suas práticas, mas sem o coelhinho. A imagem abaixo foi postada nas redes sociais da CMDDA e enviada às escolas em 23 de março de 2018.

Figura 67 - Páscoa Consciente: nesta Páscoa, o coelhinho não vem!



Fonte: acervo da pesquisadora.

Com toda essa situação e com as lembranças da Páscoa passada, as crianças da minha turma queriam continuar com a iniciativa Páscoa consciente. Convidei-os a pesquisar e refletir sobre o significado da Páscoa, após alguns dias e muito diálogo, as crianças chegaram à conclusão de que o significado seria a solidariedade, com os outros, todos os outros.

⁴⁰ Não foi possível localizar a circular, no entanto, no anexo H está o memorando enviado em 2019 à SME.

Começaram então a pensar em muitas maneiras de serem solidários, começaram a dar exemplos, principalmente em relação aos animais abandonados, que vivem nas ruas, sem abrigo, passando fome, até que questionei, quais animais. Muitos falaram dos cachorros, mais visível a todos, seguimos e apontaram os gatos. De repente, questionei se somente eles passavam frio, fome, vivendo em situação de rua.

Um silêncio tomou a sala por uns instantes, até que falaram sobre outros animais, os humanos. Prontamente começaram a falar sobre diversas situações que presenciaram, contaram muitas histórias e afirmavam não querer essa situação para ninguém, ninguém mesmo. Uma delas afirmou ter uma tia em situação de rua, outra o primo, outra o pai... Os olhos emocionados contaram histórias, marcas de uma triste realidade vivida, sentida, doída que gerava uma grande preocupação, *como* e *se* alimentavam-se, pois muitas já haviam presenciado pessoas comendo algo retirado do lixo.

Tão logo evidenciado este problema político/social/econômico, fez-se necessário compreendermos que tal (antiga) situação advém da desigualdade social, de um sistema que exclui grande parcela da sociedade (não só) brasileira, mesmo o (nosso) país tendo condições de produzir alimentos para toda a sua população. No entanto, a ganância, a dominação, a sociedade opressora que, como afirma Freire (1999, p.46), “na ânsia irrefreada de posse[...]o que vale é *ter mais* e cada vez *mais*, à custa, inclusive, do *ter menos* ou do *nada ter* dos oprimidos. *Ser*, para eles, é *ter* e ter como classe que tem.”.

Vivendo e compreendo essa realidade “a nossa convicção é a de que, quanto mais cedo comece o diálogo, mais revolução será.” (FREIRE, 1999, p.125)

Conversamos sobre os locais de abrigo e alimentação disponibilizada a essas pessoas, sobre os grupos solidários que arrecadam roupas, alimentos, produtos de higiene, cobertores e tantos outros que preparam comidas e saem a distribuir àqueles que preferem não ficar no abrigo. E, nesse sentido, questionei se sabiam da existência de uma geladeira comunitária próximo a escola, na qual qualquer pessoa pode deixar alimentos dentro dela e ajudar aos que necessitam, ressaltando que essa medida não conseguirá atender todos, mas alguns, que por ali passarem. Algumas sabiam, outras não, foi então que uma das crianças comentou: “-*Sôra a gente podia fazer algo e pôr nessa geladeira pras pessoas comerem né?*”.

Essa pergunta afirmativa gerou um entusiasmo tão grande entre eles que começaram a propor insistentemente, e como a Páscoa (midiaticamente) “está relacionada ao chocolate”, as crianças sugeriram então fazer um bolo, sem nada de origem animal. Após diálogo com a direção e familiares, nossa iniciativa de Páscoa foi lançada: “Páscoa Consciente: nesta Páscoa,

o coelhinho não vem!” As imagens abaixo mostram um pouco da nossa prática.

Figura 68 - Bolo 1



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 69 - Bolo 2



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 70 - Em frente a geladeira comunitária



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 71 - Geladeira vazia



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 72 - Fatias na geladeira



Fonte: acervo da pesquisadora.

As crianças dedicaram-se muito para que tudo saísse como haviam planejado, vestiram os aventais e toucas, dividiram as tarefas, separaram os ingredientes⁴¹ de acordo com a receita, prepararam os bolos, separaram, embalararam e, claro, prepararam um bolo só para elas também. Elas ficaram impressionadas com a textura e gosto do bolo que não continha ovos, nem leite animal. E felizes por proporcionar algo aos outros.

A caminhada até o local da geladeira comunitária foi de muita agitação, alegria e nervosismo, a expectativa era grande e o espaço percorrido parecia tão distante. Fomos revezando a cesta, que contou com um coelhinho de pelúcia. Ao chegarmos em frente à geladeira, as crianças estavam ansiosas para saber o que havia dentro, a tristeza tomou conta quando a viram vazia, ficaram muito preocupados, pois supunham que se alguém passara ali, com fome, nada encontrara. Expliquei que geralmente nos horários de almoço e janta, a geladeira era abastecida com frequência, entretanto, em outros horários, no meio da manhã, como foi o nosso caso, já não. Então, cada um foi colocando uma fatia dentro da geladeira.

Aos poucos, as crianças começaram a perceber olhares que passavam bem próximos de nós, então fomos caminhando em direção ao asilo (quase em frente) onde algumas velhinhas e velhinhos, ao verem as crianças, começaram a sorrir e acenar, até que fomos convidados a falar com eles. As crianças estavam alegres contando o que estavam fazendo naquela manhã, os velhinhos se emocionaram e parabenizaram a atitude delas, incentivando-as que seguissem estudando e *fazendo o bem sem olhar a quem*, como disse uma das senhoras. Para além das conversas, estavam admirando o local e aguardando.

As crianças queriam saber se alguém ia tirar um pedaço de bolo e, enquanto conversavam com os velhinhos, ficavam de olho na geladeira, que aos poucos foi sendo aberta. A alegria tomava conta entre gritos, sorrisos, lágrimas e pulos: *“Profe, pegaram!” “Sôra olha! Eles estão pegando um de cada vez, achei que um só ia pegar todos.” “Mas tem um ali com sacola, vai pegar mais, daí vai faltar pra outros!”*.

Conversando com as crianças, expliquei que nem sempre quando alguém pega a mais, quer dizer que seja guloso, muitas vezes, leva para uma mãe, um amigo, um pai, um irmão, um filho e está tudo bem. Os que pegassem receberiam todo o nosso carinho, amor, dedicação e solidariedade, saber disso os deixou contentes.

As crianças queriam passar a manhã ali para ver as pessoas pegando, mas tínhamos que voltar para escola, comentei ainda que, para as pessoas que estão passando dificuldades, muitas vezes o ato de tirar uma comida da geladeira com outras pessoas olhando é uma tarefa muito

⁴¹ Adquiridos pela pesquisadora.

difícil, estar nessa situação é muito complicado. As crianças compreenderam bem, ficaram esperançosas pela possibilidade de seus conhecidos e familiares pegarem uma fatia também. Voltamos à escola e elas se abraçaram comentando, compartilhando sentimentos, dizendo que havia sido *uma Páscoa inesquecível e sem coelho!* Só o de pelúcia.

Figura 73 – Nossa cesta



Fonte: acervo da pesquisadora.

3.4 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes, Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência É roubar um pouco de bom que vivi⁴²

Em fevereiro de 2018, havia sido nomeada na rede municipal de ensino como professora de educação infantil, contudo precisei, em 09 de abril, me ausentar das salas de aula por complicações de saúde. Nós, professores (burocratizados, atacados, desvalorizados), costumamos enfrentar uma jornada intensa de trabalho, priorizando e dedicando muito de nossas vidas à escola, sem perceber, muitas vezes, que estamos esgotados, física, emocional e mentalmente. Carregamos cargas pesadas também em nosso dia-a-dia fora dela crendo (e querendo) conseguir dar conta de tudo.

Lutamos e relutamos, desconsideramos e desconhecemos que estar no automático não é sinônimo de saúde, até que o corpo adocece e passamos a ver, compreender, que somos mais que um corpo físico e precisamos de ajuda, mas isso, muitas vezes, leva tempo, muito tempo. E foi assim, durante um ano tratando meu eu, recarregando energias, buscando formas de me reconectar ao mundo, dessa vez, me dando mais prioridade, dando um passo de cada vez em todas as esferas da vida. Até que precisei passar por uma cirurgia e esta teve uma complicação (*negligência?*), na qual sofri hemorragia interna e precisei passar novamente por outra cirurgia,

⁴² Trecho da música AmarElo - Emicida (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablllo Vittar.

esta de extrema urgência, em menos de 24h.

Medo, pavor, tristeza, ansiedade, pânico, dor, muita dor, mas esperança de que ainda haveria tempo. E, com muita ajuda, carinho, terapia e amor das gentes, que estenderam suas mãos das mais variadas formas, seis meses depois, mesmo em tratamento, com grandes cicatrizes eu pude viver e continuar a escrever essa dissertação, que me é tão cara.

Muito apreensiva, retorno ao ofício, com a condição de ir para escolas mais próximas da minha residência, como estávamos no último trimestre, conseguir transferência foi difícil, mas não impossível. Então, passo a lecionar na escola estadual do meu bairro, na qual me formei no ensino médio, e em outra municipal um pouco mais próxima, até o final do ano, para então também trabalhar em uma escola municipal no meu bairro.

3.4.1 Setembro de 2019

Assumo uma turma de 5ºano, nos primeiros dias acompanho a professora e uma licencianda em estágio, e, aos poucos, vou me adaptando às novas rotinas. No primeiro dia em que fico sozinha, levo uma exposição fotográfica intitulada “No meio do caminho” por mim realizada em livre adaptação do poema de Carlos Drummond de Andrade, a qual apresentei no Movimento Interfaces Pedagógicas 2018⁴³, como podem ver na fotografia e escrita do texto:

*No Meio do Caminho
 No meio do caminho tinha um Totó
 tinha um Totó no meio do caminho
 tinha um Totó
 no meio do caminho tinha um Totó.
 Nunca me esquecerei desse
 acontecimento
 na vida de minhas retinas tão
 fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha um Totó
 tinha um Totó no meio do caminho
 no meio do caminho tinha um Totó.*

⁴³ “O Movimento Interfaces reflete o processo de interações, trocas e parcerias decorrentes do Seminário Interfaces Pedagógicas. Busca expressar a continuidade de diálogos que não se limitam a um evento. Este movimento caracteriza-se, portanto, como um permanente processo formativo de sujeitos envolvidos com a vida escolar.” Disponível em: <http://gruporeciedade.blogspot.com/p/interfaces.html> acesso em 21 jul.2021

Figura 74 - Mostra fotográfica



Fonte: acervo da pesquisadora.

A exposição conta com essa adaptação do poema, quarenta e uma fotografias de cachorros comunitários, carinhosamente chamados de *Totós*, cada fotografia com a identificação das ruas nas quais cada um deles estava, um mapa interligando todas essas localizações e trajetos que percorri em dias de minha rotina diária. E um texto explicando tal movimento pertencente à mostra, transcrito abaixo:

Diariamente passamos por caminhos, realizamos o mesmo trajeto por semanas, meses até anos. Passamos por diversos caminhos...

Em nossas ruas há muitos cachorros, aqui carinhosamente chamados de Totós, comunitários, invisíveis aos olhos de muitos que doutrinados à olharem relógios, celulares deixam escapar a gratuidade de um momento, pois seus pensamentos e seus compromissos não lhes permitem.

Essas fotos foram tiradas em alguns dias, de tantos rotineiros caminhos que percorri até chegar aos destinos das minhas atividades com horas e datas marcadas. Seria mais um em tantos outros que nem mesmo dou-me o direito de olhar para o lado, pois o meu destino já está traçado e à minha espera, todo o santo dia.

Porém, esses dias tornaram-se diferentes.

A cada percurso notei que tinha um lindo Totó que também percorria o seu caminho e que ao dar chance ao momento desse encontro transformamos nossas rotineiras e desmotivadas caminhadas, por instantes, em um momento de pura contemplação do presente. Alegria, sorrisos, carinhos, lambidas, colas abanando, barrigas para cima, pulos, patinhas como apertos de mãos e uma despedida com o coração cheio de energia renovada, inclusive vi pessoas que sorriam ao nos ver.

Essa última foto é do Filho, que apareceu no meu caminho há 6 anos, que por um descuido de meu olhar enxergou algo tremendo em meio ao capinzal e que pela curiosidade se deparou com esse Totó todo machucado, extremamente debilitado, sangrando. E ao passo que o retirei de lá ouvi pessoas comentando que já estava assim a mais de 12 horas, ouvi pessoas comentando que achavam que já estava morto, ouvi pessoas dizendo era só um cachorro...e ouvi a sua respiração, que relaxou ao sentir que no meio do caminho e desses comentários, a ajuda havia chegado.

Ao voltar da internação, nos recebeu com a maior alegria do mundo,

sentíamos nas lambidas sua gratidão. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha um Totó, tinha um Totó no meio do caminho...no meio do caminho tinha um Totó.

A intenção de proporcionar essa exposição no meu primeiro momento com as crianças foi a de complementar a minha apresentação, narrando o meu lugar de fala, lugar esse que aborda a minha existência como educadora e permite percorrer caminhos por uma pedagogia antiespecista. Ao terminar minha fala, as crianças foram até a exposição e olhavam atentamente cada foto e me diziam já terem visto alguns dos cachorros, principalmente porque realizavam alguns trajetos no mesmo bairro.

Ao lerem os textos, bateram palmas muito felizes dizendo que:

“Que legal, adorei essa tua apresentação Sôra, parece até uma aula pra ENEM.”

“É, olha esse quadro ela nos deu uma aula de um monte de matéria tudo junto, só se apresentando.”

“Ai vou tirar uma foto desse quadro, não sabia que a gente aprendia tudo isso no 5º ano.”

“E ainda sobre os animais!”

“Ai Sôra, já adoramos a tua aula.”

E então a apresentação deles foi bem natural, todos, que de início encontravam-se tímidos, sentiram-se à vontade em dialogar com a “professora nova”. Nos dias que seguiram, as crianças me contavam sobre os cachorros da exposição que haviam encontrado, bem como de outros que conviviam com a comunidade escolar e sobre tantos outros animais.

Inclusive, um dos alunos (PCD - Pessoa com Deficiência), muito quietinho, esperou um momento e veio até mim perguntar se todos os cachorros das fotos eram meus. Ao passo que afirmei serem comunitários, ele me contou que onde morava havia muitos cachorros que ele ajudava, que arrecadava comida para fazer para eles. Contou também que haviam outros animais e que tinha um vizinho que não gostava dos cachorros e que ameaçava machucá-los e que ele ficava muito triste e estava sempre de olho nos cachorros para que ele não os fizesse mal algum. Ficamos um tempo conversando e aos poucos o restante da turma foi chegando, observando, entrando na conversa, mas isso acabou deixando-o um tanto desconfortável e foi sentar, dizendo que depois conversava comigo novamente.

As crianças estavam curiosas por vê-lo sair de “sua cadeira” e conversar comigo, e aos poucos conseguimos um maior envolvimento entre todos. Quando eu questionava algo para a turma e passava a palavra a ele, as outras crianças arregalavam os olhos e me faziam gestos, querendo me dizer que eu não deveria perguntar a ele, pois ele era “pcd” e, talvez, não soubesse.

Conversamos e insisti que ele participaria sempre, e assim seguimos, afinal evidenciei que não sabemos tudo, há saberes diferentes. O referido aluno disse-me que tinha umas perguntas voltadas aos animais a fazer e se eu podia ajudá-lo a entender, certamente apresentar a exposição foi muito válido, nos aproximou e deu início ao diálogo. Logo, “seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. [...] A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos, cada vez mais companheiros na *pronúncia* do mundo.” (FREIRE, 1999, p.82).

A escola estava se movimentando para fazer a caminhada pela vida, voltada ao setembro amarelo⁴⁴ e essa proposta me deixou muito feliz. Realizamos estudos, rodas de conversa onde foi possível romper o *tabu* e afirmar que todos estão suscetíveis à depressão e outras doenças mentais, bem como que realizar tratamento, tanto com um médico psiquiatra quanto com psicólogos, e buscar outras terapias alternativas é tão necessário (e válido) quanto ir a um médico ortopedista quando quebramos um osso, por exemplo.

As crianças tinham muita curiosidade, muitas histórias e experiências (muitos familiares) a contar, desabafar, compartilhar e a ensinar, organizaram cartazes com frases e textos, bem como cederam um ombro amigo literalmente. Entramos de sala em sala, elas se revezavam para apresentar a proposta e ofereciam um abraço, afinal, às vezes *as gentes* só precisam dessa “experiência tátil que é ternura.” (RESTREPO, 1998, p.52). Foi emocionante!

A escola atende do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, e todos foram muito receptivos, muitos abraços foram dados, muitas lágrimas foram derramadas, muito carinho e afeto compartilhados. Isso, “é repensar a estrutura do espaço e a dinâmica da aula, a fim de abrir um novo campo de interação dos sinais com os corpos, dinamizados agora por uma topologia dos gestos que busca provocar conhecimentos ao calor de toques ternos e encontros inspiradores.” (RESTREPO, 1998, p.34-35).

No dia da caminhada, muitos cães comunitários faziam festa em meio à multidão que alegrava-se com suas presenças, afinal era a caminhada pela vida, que fosse então todas as vidas. As crianças fizeram questão de fotografá-los, afinal *no meio* da caminhada, *tinha um, dois, três...muitos Totós!* Inclusive, em outros dias, alguns cachorros foram até a nossa sala, assistiram um pouquinho das nossas aulas e foram embora.

Por vezes, acreditamos não ser possível contemplar determinados assuntos (ou conteúdos), em função do pouco tempo que temos, ainda mais quando se chega em um novo ambiente no final do ano letivo, com determinadas competências a vencer; no entanto,

⁴⁴ Mês de prevenção do suicídio.

percebemos que tratar a educação a partir de relações dialéticas, biocêntricas, antiespecistas faz com que enxerguemos possibilidades em nossa atuação. As imagens a seguir mostram um pouco do que foi esse recomeço.

Figura 75 - Cão no pátio da escola



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 76 - Cão na sala de aula



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 77 - Cão na caminhada pela vida



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 78 - Caminhada pela vida



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/escolaestadualsilvagama/photos/2800499960187126>. Acesso em: 14 jun.2021

Esperançar, afinal, “todo ofício é uma arte reinventada que supõe sensibilidade, intuição, escuta, sintonia com a vida, com o humano.” (ARROYO, 2000, p. 47). E, nessas relações com outros humanos e não-humanos, chego à outra escola.

3.4.2 Outubro de 2019

Aqui também cheguei ao final do ano letivo. Assim como em 2015, assumi uma turma de Nível I, após algumas trocas de professoras, com crianças muito curiosas, ansiosas e muito

ativas. Crianças que buscavam atenção, acolhimento, desejavam recuperar um tempo perdido, queriam ser ouvidas, brincar, falar, abraçar e sorrir.

Aos poucos, convivendo com elas, pude perceber que muitas delas tinham como espaço preferido o banheiro da sala, chegavam a ir de dupla, trio, quarteto para brincar lá. Mas também para usar o vaso sanitário a todo o momento e se possível lavar as mãos muitas e muitas vezes, ou simplesmente deixar a água escorrendo entre seus dedos. De início, disseram-me que haviam ficado muito tempo sem uma rotina, regras no cotidiano e que isso precisava ser retomado.

Com o tempo, observando, interagindo e dialogando com as crianças, foi-se revelando a inexistência do abastecimento de água, bem como do banheiro em muitas casas localizadas no bairro onde moravam, que ficava próximo ao lixão da cidade, o que posteriormente foi confirmado pelas funcionárias da escola, a qual atende boa parte do público que está em situação de vulnerabilidade e risco social.

Atentando à realidade vivida pelas crianças, foi possível perceber que há muito mais por trás dessa “falta de rotina escolar” que aparentemente “prejudicou” aspectos do convívio social dessas crianças na escola, há uma precarização da vida, uma luta diária pela sobrevivência, pela dignidade, pela inserção numa sociedade que as deixa à margem, como sujeitos de direitos. Nesse sentido, é preciso ter sensibilidade e “entender que a primeira tarefa da escola e nossa tarefa é que o pouco tempo de escola não seja uma experiência a mais de desumanização, de trituração de suas esperanças roubadas de chegar a ser alguém.” (ARROYO, 2000, p. 59).

Buscando tornar nossos encontros mais ternos, seguimos nossas aulas com olhares e escutas atentos, voltados à sensibilidade e ao imprevisível. Eis que em um dia uma professora vem até a minha sala avisar que um passarinho havia caído do ninho e era preciso colocá-lo de volta lá, acreditando que eu poderia ajudá-la. As crianças ficaram eufóricas e queriam ver, pegar, tocar o passarinho, então, enquanto aguardávamos uma escada, conversamos sobre a fragilidade de sua vida, seu sentimento de medo e vontade de se manter vivo e seguro. Assim que subi na escada, percebi que haviam vários ninhos de passarinhos, espalhados em cada sarrafo das tesouras do telhado. Como saber em qual deixá-lo? Escolhemos um e coloquei-o lá.

As crianças muito alegres com o ocorrido, adentraram a sala cheias de perguntas e comentários sobre o animal, quando de repente outra professora bateu em minha porta e disse

“Professora Andriara, teu passarinho adentrou a sala de informática, podes pegá-lo? Ele está apavorado e tenho medo que possam machucá-lo.”

As crianças ficaram nervosas, preocupadas, comentando que havíamos escolhido o ninho errado e que o pobrezinho poderia estar machucado. Enquanto estava retirando-o da sala de informática, a professora anterior veio até mim novamente com outro passarinho dizendo

que ele havia caído novamente. Foi então que percebemos que havia mais de um filhotinho de pardal, as crianças ficaram muito agitadas, preocupadas querendo saber como poderíamos ajudá-los, até porque faltava pouco para a hora de brincar no pátio e as outras crianças, por não saberem que eles estavam caindo, poderiam pisoteá-los.

Começamos a conversar e percebemos uns piados em cima do telhado, eram os pais dos filhotinhos: quando eles piavam, os pardaizinhos piavam de volta. Ao caminharmos um pouco, ouvimos outro piadinho e encontramos mais um filhotinho, eram três. Seguimos conversando sobre os filhotes estarem aprendendo a voar, assim como as crianças aprendem a engatinhar e caminhar, e que não iria adiantar colocá-los nos ninhos novamente, iam seguir caindo. Até que uma das crianças surgiu com uma possível solução: colocá-los em uma gaiola. E as outras crianças aprovaram a ideia.

Fui realizando alguns questionamentos sobre a necessidade de engaiolar os passarinhos, que, por mais que tenha sido com o intuito de ajudá-los, essa alternativa veio à tona devido às tradições especistas passadas de geração em geração, o aprisionamento. Por que engaiolar um animal que voa? Como ele iria voar? Como ele iria aprender a voar? Como seus pais iriam ajudá-los e ensiná-los? Como iriam se alimentar? Como essa ideia seria boa para eles? Nós os aprisionaríamos para que não fossem maltratados por nós? Mas ao aprisionarmos não estaríamos maltratando também? E se nos prendessem para que não caminhássemos? E se nos separassem de nossas famílias?

Conforme as crianças iam pensando e refletindo, a ideia como uma solução foi ficando cada vez mais distante e passaram a pensar como, então, deixá-los livres, convivendo com a gente, sem que os machucássemos? Veio a ideia de levá-los até o pátio do berçário, pois as crianças não iriam para lá e assim os passarinhos poderiam ficar livres e os pais os achariam, pois se comunicavam piando. Todos acharam uma ótima ideia e fomos até lá levar os filhotinhos (estavam comigo e com a outra professora). Ao colocarmos os passarinhos na grama, eles se esconderam, estavam muito assustados e as crianças ficaram muito preocupadas com eles, mas felizes em não os prender.

Mas ainda havia a preocupação com outros possíveis filhotes, e as crianças resolveram contar para todas as crianças da escola o que havia acontecido, pediram o meu celular para poder mostrar as fotos dos passarinhos e, assim que as turmas foram saindo para o pátio, elas foram até as outras crianças avisando e pedindo para terem muito cuidado ao brincarem pelo pátio, pois poderiam haver outros filhotes de passarinho aprendendo a voar. As crianças ficaram entusiasmadas e muito solidárias, iam até o portão da praça do berçário e mostravam que lá

estavam os passarinhos “resgatados”, são e salvos e que não era para entrar lá. Ficaram muito felizes ao verem um dos pais dos passarinhos se aproximando pelo muro, estavam realizados em terem escolhido, o que entenderam, como a melhor opção.

De volta à sala, foram pegando lápis de cor e começaram a desenhar e socializar o que havia ocorrido naquela manhã, como era uma sexta-feira, estavam tranquilos em saber que, durante o final de semana, na escola não teria aula e os passarinhos poderiam “treinar vãos” à vontade. Corroboro com REDIN (2008, p.323) quando afirma que “uma experiência estética só é possível em uma escola que considera as crianças como atores sociais, protagonistas da história e capazes de interpretar as culturas do mundo, fazendo-os sujeitos produtores de cultura.” Algumas fotos buscam representar essa experiência.

Figura 79 - Passarinho 1 EI



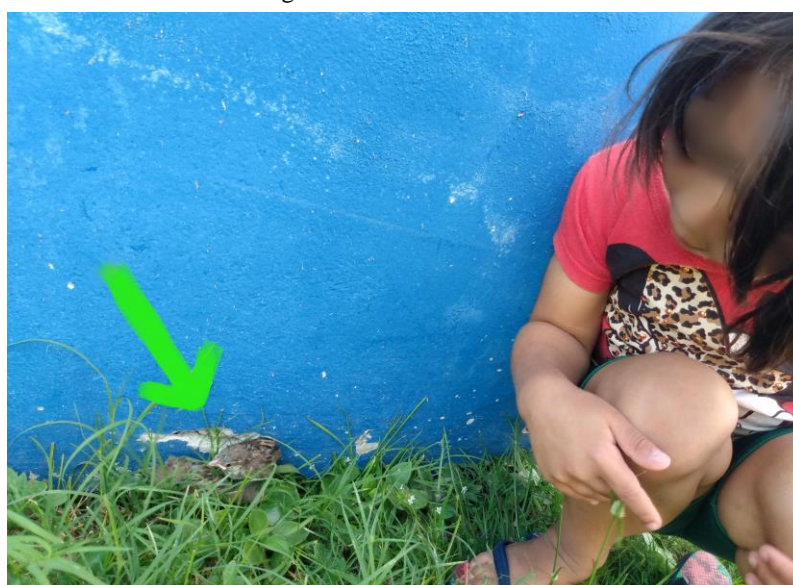
Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 80 - Passarinho 2 EI



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 81 - Passarinho 3 EI



Fonte: acervo da pesquisadora.

Na semana seguinte, não vimos mais os passarinhos pelo pátio, apenas nas telhas, nos muros e sobrevoando nossas cabeças, e as crianças vibravam porque acreditavam que eles haviam aprendido a voar e assim ajudaram a mantê-los livres.

Todas essas narrativas de práticas pedagógicas centradas na vida, realizadas com crianças nas escolas públicas, foram possíveis, principalmente, por terem como base do seu currículo, o diálogo, a confiança, o direito ao conhecimento voltado a construção de realidades outras, sobre a maneira e responsabilidade de nos relacionarmos com o outro. São desses

encontros, no entanto, que surgem as possibilidades para uma educação antiespecista dialógica, problematizadora, reflexiva, crítica, afetiva, vivencial, libertadora que promova, relações de alteridade, de respeito, resgate à dignidade, desenvolvimento da autonomia, defesa, cuidado e direito à vida, todas as vidas. Educação que “*a gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar*” (Saint-Exupéry).

“NO ESCURO, A SÓS COM A MINHA VOZ...POR NÓS, QUEM? QUEM? QUEM? ANTES, DURANTE E APÓS, DESATANDO OS NÓS, HEIN? HEIN? HEIN?”⁴⁵

E é chegada a hora de concluir a dissertação, tarefa nada fácil quando traçar um recorte, uma síntese de toda uma memória de vida pessoal, profissional, social existencial que nos levou a entender como chegamos até aqui e o que faremos depois, nos deixam com a sensação de não termos *falado* tudo que representa esse momento. Há muita memória, há muita prática, há muito o que dizer, há um emaranhado de “nós” que precisam ser desatados, há muita vida, há muita luta.

Se as lutas pelos direitos animais em nossa cidade possibilitaram algumas transformações nas políticas públicas, essas, então, potencializaram e oportunizaram reflexões sobre a presença dos animais na sociedade e contribuíram, sobretudo, para o desenvolvimento de práticas escolares voltadas à problematização e ressignificação de uma educação que pretende lançar novos olhares ao abordar o tema. Práticas, projetos e iniciativas que começaram a ser compartilhadas por professores das escolas públicas, a fim de formalizar um grupo que pudesse ajudar a expandir o assunto como forma de transformação de novas consciências.

No entanto, a primeira tentativa de criação de um grupo para pensar a educação a partir dos direitos animais acabou não se concretizando em função, primeiro, do medo de alguns professores, ao reconhecerem a negação do diálogo por parte de seus gestores, segundo, pela dificuldade de entenderem/relacionarem a temática como parte de sua disciplina. É importante ressaltar que, mesmo tendo o interesse em incorporar os direitos animais em suas práticas, outros professores aparentavam ter receio de sair do aparentemente confortável ambiente escolar, lugar onde lecionavam, bem como da sua já consolidada prática docente.

Volta-se aqui à dureza enfrentada por professores que acabam por não reconhecer que o confortável na verdade é desconfortável, é impotente, pois não há comunicação, não pode *ser mais*, é amedrontado a ponto de ser conivente com a sua “opressão, que é um controle esmagador, é necrófila.” (FREIRE, 1999, p.65).

⁴⁵ Trecho da música Manifesto - Fresno (feat. Lenine e Emicida).

Contudo, seguimos compartilhando nossas práticas e, entre os anos 2018 e 2019, foram realizadas três reuniões com professoras da rede municipal, a partir de ofício enviado pela SMEd, sob a organização de Karine Ferreira Sanchez⁴⁶, convidando professores para socializar práticas educativas, iniciativas e projetos que estivessem sendo realizados nas escolas, a fim de construir coletivamente um pré-projeto (anexo I) intitulado *Direitos Animais na Escola: por uma ética integral na educação*. Teve como objetivo “introduzir, organizar e justificar a construção coletiva de um projeto de direitos animais na educação, cujo propósito seja de fomentar e valorizar as atividades escolares que estejam alinhadas com o discurso dos direitos animais, sob qualquer esfera”.

A importância de todas essas práticas, movimentos, contextos de lutas, criações de leis e interesse da então gestão municipal, possibilitaram introduzir a temática Direitos Animais como parte dos temas contemporâneos transversais da Educação Ambiental do “Documento Orientador Curricular do território rio-grandino”, referencial construído democrática e coletivamente, desde 2017, aprofundado em 2019 e implementado no ano de 2020. “Desse modo, cada instituição escolar tem autonomia de construir estratégias pedagógicas, relacionando problemáticas locais e globais, considerando diferentes questões, dentre elas:”

“Proteção, cuidados e salvaguarda dos animais de estimação/domésticos, tanto os domiciliados quanto os comunitários, ou os de rua, abandonados;
 Problematização dos cativeiros domésticos: gaiolas, aquários, domesticação de espécies silvestres;
 Problematização da questão da tração animal;
 Crítica e reconfigurações culturais (luta contra rodeios, tiro de laço, etc);
 Crítica e reconfiguração de espaços de “lazer” baseados na exploração animal: zoológicos, aquários, circos, caça, etc;
 Informação e problematização da indústria alimentícia na utilização da vida e morte dos animais;
 Informação e problematização dos animais utilizados na “ciência”, sob contextos acadêmicos, cosméticos ou fármacos.” (DOCTRG, 2019, p.77)

A conquista deste documento evidencia a relevância de uma educação antiespecista, sobre a qual discorreu esta dissertação, apontando contribuições significativas ao objetivo de *ressignificar práticas pedagógicas partindo da transversalidade do currículo escolar como possibilidade de valorização da vida e combate ao especismo*, da qual pretendeu. Dessa forma, “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a

⁴⁶ Doutora em Educação Ambiental PPGEA – FURG, assessora de Artes do Núcleo dos Anos Finais, componente GT de Educação Ambiental/SMED.

libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p.471), e, consideramos, dos outros animais também.

Ao buscar responder o problema desta pesquisa “*que práticas pedagógicas antiespecistas, com vistas a sacralização da vida que recuperem e aprofundem a conexão (perdida/banida/exilada) entre cognição e sensibilidade, são possíveis, no presente, nas escolas?*”, afirmo que é preciso repensar e contestar o que está posto, o que é dado como verdade, isto é, questionar criticamente, principalmente, os componentes curriculares que legitimam o especismo (novamente, entendido como discriminação e estrutura social de exploração) a partir de construções históricas socialmente dadas como verdades. “O antiespecismo é, portanto, a crítica coerente a todas as relações de poder, que ligam a exploração dos animais àquela dos homens no interior da sociedade de classe.” (MAURIZI, 2020, s.p.).

Nesse sentido, encontro na pedagogia freiriana a possibilidade de recriar, reinventar, hoje, uma pedagogia antiespecista que inclua em sua luta além dos “*condenados da Terra*”, também os outros animais. Afinal, “a educação só tem sentido como vida, ela é vida”, “a educação, para ser transformadora, emancipadora, precisa estar centrada na vida.” (GADOTTI, 2005, p.74). Vida que não pode estar de forma alguma apartada da realidade.

E, assim, ao assumir que sou pessoa/protetora(defensora)/pedagoga/professora, sou, portanto, pesquisadora em permanente formação, adentrando minhas memórias a fim de buscar, refletir e apontar que práticas pedagógicas antiespecistas são/estão sendo possíveis nas escolas, práticas narradas encharcadas de empiria e aprofundadas no capítulo anterior, ao ratificar que ensinar exige pesquisa. Logo

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.29)

Pesquisa e ensino, sob o paradigma da ternura, reafirmando o compromisso ético nas relações educador-educando mediatizados pelo mundo para a libertação⁴⁷ de todos os seres, isto é, “a radical exigência da transformação da situação concreta que gera a opressão.” (FREIRE, p. 37).

⁴⁷ O inimigo dos animais, o capital, é o mesmo inimigo dos humanos. Como marxistas e como anticapitalistas devemos transformar esse impulso de solidariedade em combustível para a própria vida e compreender e reconhecer a posição objetiva dos animais dentro do processo capitalista de produção, isto é, que eles fazem parte do grupo de seres oprimidos às custas dos quais a classe dominante acumula sua riqueza. A luta de classes pela libertação dos animais é a luta pela libertação do proletariado. (SALCEDO; BUCHHOLZ; SOARES, 2019, p.198).

Portanto, corroboro com Arroyo (2013, p. 525) quando afirma que “temos de inventar novas pedagogias e novas didáticas” e assim proponho uma pedagogia antiespecista, que se inicia como resultado, como produção de conhecimento desta pesquisa de mestrado. Pesquisa que, inclusive, se concretiza na forma de um livro infantil antiespecista.

No ano atípico de 2020 (marcado por uma pandemia decretada pela Organização Mundial de Saúde devido à doença coronavírus - COVID-19, do inglês *coronavirus disease* que teve divulgado seus primeiros casos no ano de 2019 e de uma necropolítica brasileira que colocou a economia como algo mais importante que a saúde de sua população), muitas atividades (consideradas como não essenciais) foram realizadas de forma remota, virtual, não presencial, este foi também o caso da 4ª Feirinha do Livro da FURG. Realizada através da Diretoria de Arte e Cultura – DAC/FURG, a Feirinha segundo Amaral (2020, p. 19) “vem se constituindo como uma ação que colabora para o incentivo de novos escritores e escritoras, oportunizando desde 2018 o lançamento de livros infantis, inéditos, em parceria com a Editora da FURG.”.

Posto isso, tive a honra e o prazer de ser convidada a ser Patrona da 4ª Feirinha do Livro da FURG intitulada “Um presente chamado vida”, lançando o livro que advém de uma das práticas sob abordagem antiespecistas realizadas na escola, presente nesta dissertação no item 3.3 *Outubro de 2016*, ilustrados nas figuras de números 33 e 34.

O livro “Professora Andriara em: Gato Preto”, que surgiu dos diálogos com as crianças, marca a importância e a possibilidade de construir estratégias (e artefatos) para desfazer os nós do antropocentrismo especista, a partir da transformação de diferentes olhares e de novas consciências. As ilustrações que compõem o livro são de autoria do Arte Educador Alexander Mattos (companheiro de lutas e vivências), que transbordam a *boniteza* e *amorosidade* do compromisso e respeito de uma educação libertadora também para os não humanos. As imagens abaixo mostram um pouquinho dessa felicidade.

Figura 82 - Folder 4ª Feirinha da FURG

4ª Feirinha do Livro da FURG
Evento Virtual
04 dezembro 2020

Patrona: Andriara Nunes Nunes

Um Presente Chamado Vida

DAC | PROEXC | FURG

4ª Feirinha do Livro da FURG
Evento Virtual
04 dezembro 2020

Ao Vivo pelo link <http://www.youtube.com/furgsecom>

Programação

Abertura

- 10h - Live de abertura com patrona Andriara Nunes Nunes. Lançamento do E-book Professora Andriara em O GATO PRETO

Contação de histórias:

- 14h - O Pequeno Grande Príncipe, com a Trupe de contadores de histórias Bugigang
- 15h - Meu amiguinho, com o leitor Pedro Alexis Projeto Histórias que navegam: agora é a vez das crianças - GEALI/FURG
- 15h15min - E esquisita aranha Rita, com a leitora Janaína Soares Martins Lapuente Projeto Histórias que Navegam - GEALI/FURG
- 15h30min - A galvota diferente e o Pettit do Palhaço, com o Palhaço Bolaxa

Contribuições para formação inicial e continuada:

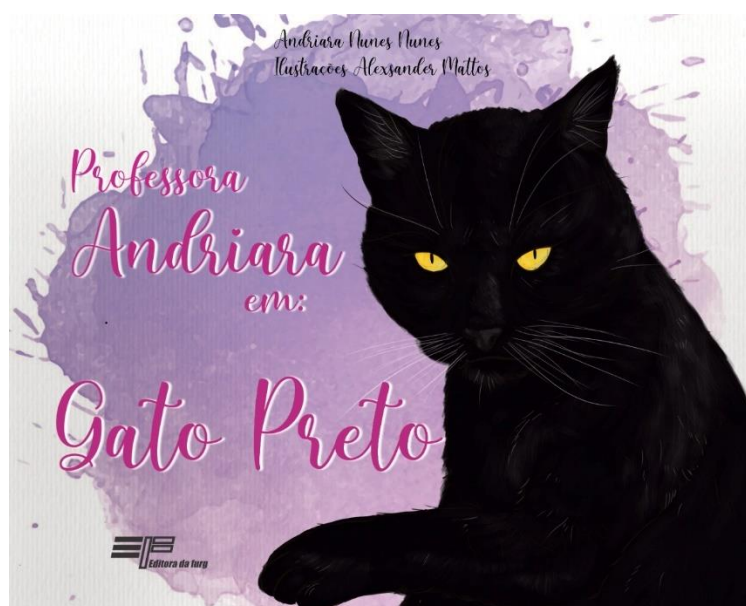
- 16h - Vamos conversar sobre leitura e literatura em contextos escolares? Mediação: Márlim Piva/FURG Participação: Profa. Rosane Cardoso/Unisc e Profa. Fabiane Burtamaqui /UPF

Um Presente Chamado Vida

Patrona: Andriara Nunes Nunes

DAC | PROEXC | FURG

Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 83 - Capa do livro⁴⁸ “Professora Andriara em: Gato Preto

Fonte: acervo da pesquisadora.

Singer (2004, p. 245) enfatizou que deveria ser possível “dar às crianças livros e histórias ilustradas que estimulem o respeito pelos animais como seres independentes, e não como objetos mimosos, que existem para nos divertir e para serem servidos à mesa”. Se depender de nossas pessoas, essa possibilidade será real, pois com a oportunidade da feirinha, outro livro infantil antiespecista já foi aprovado e em breve estará disponível às crianças. Livro

⁴⁸ Esse e-book pode ser acessado no link https://www.flipsnack.com/FBA7D8DEFB5/prof_andriara_em_gato_preto_2020.html.

que surge dentro da escola com as crianças e retorna a elas, às escolas, à educação, ressaltando a importância de uma educação centrada na vida, na transformação da opressão em que estamos juntos, dispostos a desfazer os *nós* internalizados do especismo e a alcançar a unidade afetivo-cognitiva.

Por fim, vale mencionar que, antes de escrever essas considerações finais, que de modo algum encerram as discussões, já havia escolhido a frase/trecho da música *Manifesto* usada aqui como título, porém, neste dia que as escrevo, cá estou, no escuro, devido à queda do fornecimento de energia. Esse escuro ganha ainda mais sentido, deixo então mais um trecho dessa música que reverbera a importância da luta por TODOS nós.

“Quem é que vai ouvir a minha oração?
E quantos vão morrer até o final dessa canção?
E quem vai prosseguir com a minha procissão
Sem nunca desistir, nem sucumbir a toda essa pressão?”

Só existe uma maneira de se viver pra sempre irmão
Que é compartilhando a sabedoria adquirida
E exercitando a gratidão, sempre
É o homem entender que ele é parte do todo
É sobre isso que o manifesto fala
Nem ser menos nem ser mais, ser parte da natureza, certo
Ao caminhar a contramão disso, a gente caminha para nossa própria destruição”

REFERÊNCIAS

- ALVES, Gehysa Guimarães; CORTINOVI, Tânia M. A sala de aula como espaço potencializador do ser saudável. In: MEYER, Dagmar E. Estermann (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Cadernos de Educação Básica, vol.4, Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 51-56.
- AMARAL, Marise Basso. (Tele)natureza e a construção do natural: um olhar sobre imagens de natureza na publicidade. In: OLIVEIRA, D. L. de (Org.). **Ciência e Cultura nas salas de aula. Cadernos de Educação Básica**, vol.2, Porto Alegre: Mediação. 1997. p. 83-96.
- ANDRADE, Edivânio Santos. **A Ética do respeito como alternativa viável na promoção da sustentabilidade ambiental**. 2016, 101f. Tese. (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.
- ARROYO, Miguel González. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARBOZA, J. A mitleidsethik e os animais ou Schopenhauer como precursor a ética animal. **Revista ethic@**. Florianópolis, v.7 n°2, p. 253-265, dez 2008.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997).
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997).
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde**. Brasília: MEC/SEF, 1997).
- _____. Ministério da educação. **Diretrizes curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Proposta de Práticas de Implementação**. Brasília: MEC, 2019.
- BRÜGGER, Paula. **Amigo animal: reflexões interdisciplinares sobre educação e meio ambiente: animais, ética, dieta, saúde, paradigmas**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- CAMARGO, Jason. **Educação dos sentimentos**. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2010.

Censo Pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil. Disponível em: <http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/> Acesso em: 20 jun.2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHAIGAR, Vânia Alves Martins. **A construção de um modo docente de ser:** um estudo com alunas do magistério. 164p. (Dissertação de mestrado). Pelotas, UFPel, 2001.

_____. **Com quantos Nós se faz um ReDE?** Um estudo sobre formação de professores/as no chão de escolas públicas pelotenses. 2008, 273f. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

_____. REDIN, Marita. A cidade as crianças e os animais: geografias enunciadas por olhares infantis. In: CHAIGAR, Vânia Alves Martins; AZEVEDO, Cláudio Tarouco de; LOPES, Ivana Maria Nicola. **A cidade, as crianças e os animais**. 2018. p. 195-211.

_____. LOPES, Ivana Maria Nicola; NUNES, Andriara Nunes. Experiências de Vida e Aprendizagens com Animais: A formação no Atravessamento com Outras Subjetividades e Racionalidades Plurais. In: REGO, Nelson; KOZEL Salete (orgs.). **Narrativas, Geografias e Cartografias:** para viver é preciso espaço e tempo. Porto Alegre: editora Compasso Lugar-Cultura e Editora IGEO. 2020. p. 725-754. (V.2).

DENIS, Leon. Direitos Animais: um novo paradigma na educação. **Revista Pensata Animal**. 2010. Disponível em: <http://www.pensataanimal.net/arquivos-da-pensata/117-leondenis/346-direitos-animais-um-novo-paradigma-na-educacao>. Acesso em: 11 out.2014.

_____. **Educação Vegana:** Perspectivas no ensino de direitos animais. São Paulo: FiloCzar, 2020.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar, 2001.

FELIPE, Sônia Teresinha. Fundamentação ética dos direitos animais. O legado de Humphry Primatt. In: **Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, v.1, n. 1**, 2006. p. 207-229.

_____. **Ética e experimentação animal:** fundamentos abolicionistas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

_____. Educação abolicionista: aprimoramento moral. In: DENIS, Leon (org.). **Educação e Direitos Animais**. São Paulo: libraTrês, 2014. p. 117-132.

_____. Perspectivas críticas para uma educação abolicionista vegana zo ecológica. In: DENIS, Leon et all. **Educação Vegana:** A urgência de novos olhares. São Paulo: FiloCzar, 2020. p. 11-53.

_____. Ética animal abolicionista: além do contábil e do emocional. In: DENIS, Leon et all. **Educação Vegana:** A urgência de novos olhares. São Paulo: FiloCzar, 2020. p. 79-93.

_____. (2021) “Metáfora dos Nós”. Facebook. FiloCzar, editora. **Diálogos Veganos:** evento virtual. Em 29/05/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 19. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensina-e-aprender com sentido. Curitiba: Positivo, 2005.

GOLOUBEFF, Bárbara. Maus-tratos a animais de tração em área urbana. **Anais do I encontro do Ministério Público em proteção à fauna**. Belo Horizonte: Procuradoria geral de justiça de Minas Gerais. Centro de estudos e aperfeiçoamento funcional, 2015. Disponível em: <<https://www.mpmg.mp.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A91CFA94FBB6B7F014FBDC006564F02>>. Acesso em: 15 maio.2020.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação Biocêntrica**: o presente de Rolando Toro para o pensamento pedagógico. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

GUEDES, Berenice Lagos. O Mito do Gaúcho e suas repercussões na História da Educação do Rio Grande do Sul. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 2, p. 53-68, jan./jun. 2009. INSTITUTO PET BRASIL.

JACOBSEN, Rafael Bán. **Gaúcho macho e grosso**. Disponível em: <https://www.vista-se.com.br/gaucha-macho-e-grosso/> Acesso em: 29 jun.2020.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Pelotas, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. Negros Dahomeyans em exibição. Espetáculo e ciência na Exposição Universal de Chicago (1893). **XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética**, 2009, Fortaleza. (Anais).

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 2020.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVAI, Laerte Fernando. **Direitos dos Animais**: o direito deles e o nosso direito sobre eles. Campos do Jordão, SP: Editora Mantiqueira, 1998.

_____. Ética Ambiental Biocêntrica: Pensamento compassivo e respeito à vida. **Jus Humanum – Revista Eletrônica de Ciências jurídicas e Sociais** da Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, v. 1, n. 1, jul./dez. 2011.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. Geografia da infância: onde encontramos as crianças? **ACTA Geográfica** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Boa Vista, Edição Especial, p. 101-118, 2017.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MAURIZI, Marco. **O Antiespecismo como Apropriação da Classe Trabalhadora: Entrevista com Marco Maurizi**. 2019 Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2020/08/19/o-antiespecismo-como-apropriacao-da-classe-trabalhadora-entrevista-com-marco-maurizi/>> Acesso em: 13 dez.2020.

NUNES, Andriara Nunes; BARBOSA, Karen Godoy Silveira; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. As crianças e os animais na cidade: investigações a partir do ‘lugar de fala’ de professoras investigadoras nos anos iniciais. **14º Encontro Nacional e Ensino de Geografia – ENPEG**. (comunicação GT Infâncias).

NUNES, Andriara Nunes. **Professora Andriara em: Gato Preto**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2020.

PAZZINI, Bianca. **Direitos animais e literatura: leituras para a desconstrução do especismo**. Rio Grande, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, p. 200-212, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. Secretaria de município da educação. **Documento orientador curricular do território rio-grandino: educação infantil** [Recurso Eletrônico] Rio Grande: SMED, 2019. Disponível em: <https://www.riogrande.rs.gov.br/smed/externo/20200331-ped-doc_educacao_infantil.pdf> Acesso em 09 nov.2020.

PULZ, Renato Silvano. **Ética e bem-estar animal**. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2013.

REDIN, Marita Martins. **Experiência Estética e memória na escola** – “Porque é de infância... que o mundo tem precisão. Tese. (Doutorado em Educação). São Leopoldo, RS, PPGE/UNISINOS, 2008.

REDIN, Euclides; REDIN, Marita; MÜLLER, Fernanda (Orgs.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Tradução: Lúcia M. Orth. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. São Paulo: Editora Letramento, 2017.

SALCEDO, Andrés Julián Caicedo; BARROS, Marcio Alexandre Buchholz de; SOARES, Suane Felipp. Animalismos nos horizontes das lutas anticapitalistas. **Revista Latinoamericana**

de Estudios Críticos Animales, Argentina, Año VI - Vol. II, 2019.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. Tem alguma utilidade estudar a utilidade dos seres vivos? In: ____ (Org.). **Biologia dentro e fora da escola**: meio ambiente, estudos culturais e outras questões. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SCHETTINI FILHO, Luiz. **Pedagogia da Ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. São Paulo: Lugano, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG. Programa de Pós-Graduação em Educação. **Regimento interno**. Disponível em: <
<https://ppgedu.furg.br/documentos/category/6-outros>> Acesso em: 10 abril.2020.

APÊNDICES
APÊNDICE A - Especismo

FILTRO: Especismo			
Trabalhos/ Título	Autor/Ano	Resumo	Mestrado/ Doutorado
Vegetarianismos : devir-animal e resistências	LOPES, Thamirez Lutaif, 2018.	Esta dissertação de mestrado teve por objetivo analisar até que ponto o vegetarianismo pode ser considerado um movimento de resistência em relação ao antropocentrismo tendo como referência a perspectiva de Nietzsche acerca do filósofo do futuro – que é médico, legislador e artista. Assim, esta pesquisa possui três movimentos: sintomatologia, genealogia e tipologia. Na sintomatologia, exploro o vegetarianismo sob a visão do filósofo médico, detectando os fenômenos nos quais os discursos vegetarianos se fundamentam. Na genealogia, exploro o vegetarianismo sob a visão do filósofo legislador, identificando as condutas que originam os fenômenos e as contracondutas correspondentes. Na tipologia, exploro o vegetarianismo sob a visão do filósofo artista, a fim de pensar e escrever o vegetarianismo como uma forma de fazer da própria vida uma obra de arte e uma estética da existência por meio do deviranimal. A metodologia utilizada é voltada para a pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica	Mestrado em Ciências Sociais. PUC-SP
Para além das espécies: por uma superação das dicotomias na relação entre humanos e animais	CURY, Carolina Maria Nasser, 2016.	O presente trabalho objetiva enfrentar a discussão sobre a eticidade e juridicidade que permeia a relação travada entre humanos e animais, almejando a superação das discussões que hodiernamente se postam entre os vieses bem-estaristas e abolicionistas. Para tanto, partiu-se da busca pela definição de como os animais devem ser analisados, por meio da superação do dualismo cartesiano que dicotomizou animais e seres humanos em dois polos intransponíveis e incomunicáveis. Por meio de uma releitura da tradição ocidental no que tange à justeza devida ao tratamento dos animais, o trabalho demonstrou que evidências científicas colocam por terra o modelo cartesiano de explicação da relação entre humanos e animais. Na busca pela adequabilidade da eticidade e do direito devido aos animais, a partir da ruptura com a tradição dualista, abordou-se as principais respostas ético-jurídicas em voga no que diz respeito ao tratamento dos animais e do exato caráter da relação entre estes e humanos. Ao final, pôde-se evidenciar que os recortes em voga atualmente são insuficientes para que a questão que gira em torno da relação entre humanos e animais seja propriamente endereçada, tendo em vista o caráter sistêmico-emergentista que permeia tanto a caracterização daquilo que vem a ser um animal quanto das relações travadas entre animais, humanos e o ambiente circundante. Nesse sentido, propõe-se uma nova leitura da relação entre humanos e animais a partir da teoria dos sistemas emergentes.	Mestrado em Direito UFMG
Abolicionismo animal	HERON, José de Santana, 2006.	Este trabalho busca contribuir com o debate ético sobre a relação entre homens e animais e provar que a Constituição Federal de 1988 elevou os animais à categoria de sujeito de direitos fundamentais básicos, tais como a vida, liberdade e integridade psíquico-física. Inicialmente é feita uma análise dos argumentos utilizados pelo movimento de proteção animal, com destaque para o trabalho dos filósofos Peter Singer e Tom Regan, principais responsáveis pela inserção da teoria do abolicionismo animal na agenda dos debates acadêmicos. Em seguida o autor demonstra que a ideologia especista se fundamenta na crença de que os animais são	Doutorado em Direito UFPE

		<p>destituídos de espiritualidade, e que portanto, seus interesses são subordinados aos nossos. A partir de então, o autor demonstra que embora a teoria da evolução tenha provado que as diferenças entre homens e animais são quantitativas e não qualitativas, as ideias de Darwin ainda não estão refletidas na teoria do direito. O foco principal deste estudo, porém, é oferecer uma interpretação jurídica que permita a inclusão dos animais no rol dos sujeitos de direito, concedendo personalidade jurídica aos grandes primatas e incluindo as demais espécies no rol dos entes jurídicos despersonalizados. O trabalho promove uma revisão da jurisprudência nacional e estrangeira sobre o tema, enfatizando a importância da participação dos juristas no reconhecimento e definição dos limites do direito animal. Por fim, o autor oferece um histórico sobre o status jurídico dos animais no Brasil, concluindo que a partir de uma interpretação constitucional evolutiva é possível considerá-los sujeito de direitos fundamentais básicos, podendo inclusive defendê-los em juízo através de representantes ou substitutos processuais</p>	
<p>Considerações sobre a ética animal de Peter Singer</p>	<p>PEREIRA, Vinícius Laurindo dos Santos, 2016.</p>	<p>Esta dissertação propõe uma reflexão acerca do status moral dos animais não humanos, com base na perspectiva ética do filósofo Peter Singer. O trabalho é dividido em quatro partes. A primeira apresenta o problema de pesquisa, as motivações do estudo e alguns aspectos da cultura ocidental que estimulariam a crueldade para com os animais não-humanos. O segundo capítulo discute o status moral dos animais não humanos. Veremos como historicamente eles foram tratados como irracionais. Inferiorizados pela tradição religiosa judaico-cristã e o pensamento filosófico ocidental, acabariam reduzidos à condição de objetos de utilidade do homem. Máquinas, incapazes de sentir dor e sofrimento. O terceiro capítulo, por sua vez, interroga se a razão, a linguagem, a cultura e a arte são características unicamente humanas, suficientes para justificar a exploração dos animais não humanos. O quarto capítulo se ocupa da ética utilitarista de Peter Singer, em especial da sua tentativa de estabelecer uma relação igualitária entre os animais humanos e não humanos. Para isso, coloca o especismo no mesmo patamar do racismo e do sexismo. De acordo com Singer, o especismo é o preconceito humano baseado na identidade enquanto espécie. Sua estratégia é a de contrapô-lo com o princípio da igual consideração dos interesses, o que possibilitaria redefinir nossa relação com os animais não humanos.</p>	<p>Mestrado em Filosofia UFPB</p>

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; organizado pela pesquisadora

APÊNDICE B - Relações Biocêntricas – Educação Biocêntrica

FILTRO: Educação Biocêntrica			
Trabalhos/ Título	Autor/Ano	Resumo	Mestrado/ Doutorado
Educação biocêntrica: contribuições para o processo de escolarização na educação básica.	SOARES, Lupércia Jeane, 2012.	A presente pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada junto a professores de educação básica da cidade de João Pessoa, e buscou analisar as contribuições da Educação Biocêntrica para a construção de práticas pedagógicas mais favoráveis à aprendizagem e ao desenvolvimento da afetividade no processo da escolarização básica. Este estudo teve como base teórica o Princípio Biocêntrico, que aborda a importância de construir práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento dos potenciais genéticos (criatividade, vitalidade, sexualidade, afetividade e transcendência) a partir das relações estabelecidas no cotidiano escolar. Consiste em um paradigma das ciências humanas, cujo enfoque é o desenvolvimento da afetividade para superação de toda forma de discriminação. Considerando a afetividade como fator promovedor da aprendizagem, aborda-se a inteligência afetiva como aspecto imprescindível para a educação contemporânea, bem como outros conceitos de igual importância como consciência ética, integralidade, alteridade e autopoiese. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas e interpretadas de acordo com a análise do discurso. Tomamos como referencial teórico o criador dessa temática Rolando Toro, entre outros, como Elisa Gonsalves, Fritjof Capra, Emanuel Lévinas, Paulo Freire, Feliciano Flores. A partir dos conhecimentos adquiridos, percebemos a necessidade de uma educação voltada para o desenvolvimento integral, considerando os potenciais genéticos abordados pela Educação Biocêntrica, bem como o desenvolvimento cognitivo e o estabelecimento de relações de alteridade. Para tanto, os educadores precisam acreditar e viver essa proposta, transformando suas ações pedagógicas.	Mestrado em Educação. UFPB
Princípio Biocêntrico: A contribuição do Pensamento de Rolando Toro para o campo da Educação.	GUEDES, Ricardo Ferreira, 2012.	Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como objetivo verificar se a proposta do Princípio Biocêntrico elaborado pelo chileno Rolando Toro traz inovações conceituais, metodológicas para o campo da Educação. A relação do paradigma do Princípio Biocêntrico como objeto da pesquisa faz ressaltar algumas contribuições para a educação dentre as quais destacamos: a afetividade como fator promotor da aprendizagem; a inteligência afetiva como aspecto imprescindível para a educação contemporânea; a linguagem do corpo como um conhecimento pautado numa lógica sensível; a historicidade do corpo e as condutas éticas. Tomamos como referencial teórico o criador dessa temática Rolando Toro, Elisa Gonsalves, Fritjof Capra, David Bohm, Nobeit Elias, Humberto Maturana e Francisco Varela dentre outros. A construção teórica sobre o sensível, intuitivo e o que é sentido, vivenciado e experienciado no aqui e agora, mediante	Mestrado em Educação. UFPB

		estímulos pró-vida, fornece elementos para a construção de uma base epistemológica que articule argumentos da compreensão do corpo humano na sua relação com o ambiente, a cultura e sociedade em que vive, bem como o fenômeno da cognição como um texto corporal, defendendo uma concepção para o desenvolvimento humano nas múltiplas dimensões: cognitiva; social; cultural; vivencial; emocional; espiritual; ético e afetivo.	
Educação biossustentável: uma proposta teórico-metodológica para a formação de professores em educação ambiental	FELISMINO, Hérica Paiva, 2014.	Este estudo teve como finalidade nortear o ensino da Educação Ambiental para um processo de aprendizagem mais eficaz e para isso, aqui apresentamos a Educação Biossustentável, uma proposta teórico-metodológica estruturada com base na Educação Biocêntrica, que busca incorporar um processo de aprendizagem vivencial. As seguintes questões norteadoras deram partida ao estudo: quais os princípios teórico-metodológicos de uma Educação Biossustentável? E como a Educação Biossustentável pode influenciar qualitativamente a formação de educadores ambientais? É grande a preocupação em como trabalhar a Educação Ambiental nos ambientes escolares e fora deles para que se atinja o objetivo de formar cidadãos aptos a entender as exigências do meio ambiente e defender, com ética, a justiça ambiental em prol de uma sociedade sustentável. Para isso, é preciso que os professores sejam capacitados para compreender como se dá o processo de aprendizagem e a complexidade do meio ambiente e de seus desdobramentos. Selecionamos vinte e cinco teses que foram analisadas cuidadosamente e extraído delas a principal temática trabalhada, os objetivos, o conceito de Educação Ambiental, os aspectos metodológicos, os teóricos mais evidenciados e os temas mais abordados ligados ao meio ambiente. Estes dados demonstraram carência em pesquisas que enfatizassem o processo de aprendizagem vinculado à vivência e à afetividade. A Educação Biossustentável entra então, como uma ferramenta fundamental para Educação Ambiental, contribuindo de forma teórico-metodológica para um processo de aprendizagem que conduz à consciência ecológica e à mudança de comportamento frente ao meio ambiente.	Doutorado em educação. UFPB
Dimensões antropocêntricas e biocêntricas da educação ambiental no Brasil: a experiência das escolas públicas do município de Sombrio	CARDOSO, Valdirene de Oliveira, 2018.	A ciência e consciência da crise socioambiental contemporânea desencadearam, em nível mundial, uma série de mudanças institucionais e culturais nos últimos 50 anos. Entre as diversas ações intencionalmente criadas para enfrentar essa crise civilizatória encontra-se a política de Educação Ambiental. Mas afinal, o que é Educação Ambiental e em que aspecto ela se diferencia da educação escolar convencional? Quais são as tendências predominantes da EA que se pratica nas escolas brasileiras e, em particular, nas escolas públicas municipais e estaduais de Sombrio, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2012? Como objetivo geral a pesquisa tem a intenção de caracterizar as tendências predominantes da Educação Ambiental praticada na educação básica brasileira e no âmbito das escolas públicas do município de	Mestrado em Educação UNESC

		<p>Sombrio, principalmente a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental de 2012. Esta pesquisa é de campo e foi realizada em duas escolas da rede Pública Estadual e quatro escolas municipais, sendo duas escolas da zona rural e duas escolas da zona urbana. Para obter os dados desejados a pesquisadora utilizou um questionário de entrevista com cinco perguntas abertas referentes aos aspectos da escola, e dez questões fechadas. Foram também analisados projetos e atividades de Educação Ambiental, desenvolvidos pelas escolas. Conclui-se que a educação ambiental surgiu como uma diretriz curricular transversal para todas as áreas do conhecimento, mas na prática do cotidiano escolar a questão ambiental vem cada vez mais se restringindo a algumas disciplinas consideradas "naturalmente" mais próximas, ou seja, ciências, geografia, biologia. Os professores das escolas públicas que desenvolvem atividades e projetos no campo da educação ambiental, fazem o que podem dentro das condições que o sistema escolar oferece. Levando-se em conta as condições de trabalho, considera-se que os professores fazem um trabalho de qualidade satisfatória. Entretanto, a educação ambiental preconizada nas Diretrizes Curriculares só terá efeito significativo quando a comunidade escolar compreender e assumir a questão ambiental no seu fazer cotidiano.</p>	
<p>A po-ética do encontro humano: um estudo da biodanza como mediação da educação biocêntrica na transformação do emocional para novas posturas éticas.</p>	<p>DIAS, Amélia Maria da Soledade, 2013.</p>	<p>Esta pesquisa, configurada na perspectiva qualitativa e de abordagem fenomenológica, traz a seguinte questão de investigação: Quais são as éticas promovidas pelos participantes da Biodanza, a partir de suas vivências? Assim, apresenta a Biodanza como mediação da Educação Biocêntrica, fazendo uma interface entre a teoria e os significados destas vivências na vida dos participantes desse sistema. Fundamenta a vinculação dos seres humanos, tendo por base a emoção do amar, a convivência pela ética da alteridade e a religação com a Terra, pela experiência de pertencimento. Esta perspectiva está na compreensão de que não há, necessariamente, descontinuidade entre o social, o humano e suas bases biológicas. O próprio viver é um conhecer. E como seres vivos, somos produtores de nós mesmos, de modo contínuo, numa rede de interações. A fundamentação teórica da Biodanza está em Rolando Toro, que é o seu idealizador. Em Humberto Maturana, buscamos a fundamentação sobre a biologia do amar. Em Edgar Morin, temos o entendimento do conhecimento como uma construção a partir da teoria da complexidade, e os fundamentos da ética como religação; e com Emmanuel Levinas, buscamos a compreensão da ética da alteridade. Estes são os principais autores com os quais buscamos dialogar. A fundamentação está em interação com as vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa, através dos significados que emergiram das vivências de Biodanza. Toro, ao apresentar a Biodanza, propõe um sistema para o desenvolvimento e o desabrochar das potencialidades humanas, que foram organizadas por ele, em torno de cinco Linhas de Vivências:</p>	<p>Doutorado em Educação UFPB</p>

		<p>Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência. Para ele, a Biodanza é uma nova sensibilidade frente à existência, através da poética do encontro humano, onde cada um é convidado a dançar a própria vida, o que tem desencadeado um novo emocionar. A prática da Biodanza é uma proposta para criar um ambiente de aprendizagem de um novo emocionar, que desencadeia novos modos de olhar e viver a vida. Neste sentido, há uma reflexão em torno das motivações, das transformações e da vinculação na dança da vida, chegando-se à seguinte conclusão: as éticas, como um estilo de viver as relações consigo mesmo, com o outro e com a Terra, suscitadas pelas vivências da Biodanza, acontecem a partir de um novo emocionar. Esse novo emocionar promove mudanças nas ações, gerando um novo estilo de vida, com acentuadas transformações no modo de viver e conviver com o outro, e no modo de habitar a Terra, tendo a vida como centralidade.</p>	
<p>Os animais não humanos no ensino de ciências e biologia: uma abordagem a partir do paradigma ecológico e biocêntrico</p>	<p>FERMIANO, Mariani Cabreira Gomes, 2018.</p>	<p>Esta pesquisa apresenta resultados que indicam como os animais não humanos aparecem nos livros didáticos de ciências e biologia editados nos períodos de 2013 a 2016. A pesquisa teve por objetivo observar conceitos e representações de animais não humanos no ensino de ciências e biologia, mais especificamente, perceber o lugar dos animais não humanos nas diretrizes curriculares nacionais e nos livros didáticos, e classificá-los de acordo com as perspectivas éticas do antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo de Sônia Felipe. A metodologia da pesquisa seguiu os procedimentos básicos da revisão bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica buscou analisar informações sobre o assunto ou registro já disponível, através de análises e interpretações sobre a produção bibliográfica – livros, artigos, dissertações/teses – relacionadas ao tema de pesquisa. Na pesquisa documental, abordamos livros didáticos e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Observamos as fontes na perspectiva teórica da educação crítica-libertadora de Freire, na perspectiva do pensamento complexo de Morin e sob o paradigma da educação biocêntrica, de Ruth Cavalcante e Rolando Toro. Pela análise das abordagens sobre os animais não humanos das coleções de livros didáticos, pode-se perceber que os animais não humanos são vistos de forma utilitarista, como produto de propriedade da espécie humana. Embora em algumas coleções apareça a perspectiva preservacionista em textos e conteúdos citados nos livros, ainda em diversos momentos predomina a representação de animais como objeto e recurso para a exploração, comercialização e consumo para a população humana. Encontramos o antropocentrismo presente nos livros didáticos de ciências e biologia nos textos, imagens e propostas de atividades, quando apresentam os animais não humanos como recursos a serem explorados. As imagens apresentam animais não humanos em cativeiro, domesticados e sugerem observações e experiências com seres vivos; destacam a utilidade econômica e doméstica desses animais,</p>	<p>Mestrado em Educação UNESC</p>

		reduzindo-os a alimento, ornamento, trabalho, matéria prima ou recurso para o consumo humano.	
(Trans)Formação do ser docente-pesquisador: Reconstrução à luz da complexidade e da Transdisciplinaridade	SCHERRE, Paula Pereira, 2015.	Este trabalho de doutorado tem como tema: (Trans)formação do ser docente-pesquisador: reconstrução da matriz pedagógica-pesquisadora à luz da Complexidade e da Transdisciplinaridade. Propus como problema de pesquisa: como ocorre o processo de reconstrução da matriz pedagógica-pesquisadora tradicional do ser docente-pesquisador por meio de estudos teóricos e de vivências desenvolvidos à luz da Complexidade e da Transdisciplinaridade? A partir do cenário epistemo-metodológico aberto por essas teorias, me senti convidada a reintroduzir o sujeito no processo de conhecimento, a religar sujeito e objeto de pesquisa e a compreender que o conhecimento é construído na interação entre os dois. Sendo assim, realizei a fusão entre sujeito e objeto e entre formação e pesquisa, me tornando a pesquisadora e a pessoa pesquisada ao mesmo tempo. Desenvolvi uma metodologia narrativa autoformadora, de natureza qualitativa, composta por 4 relatos (Relato 1: História de vida de formação e identificação da matriz vigente; Relato 2: Sistematização da experiência de docência e pesquisa; Relato 3: Construção da metodologia de formação e pesquisa; Relato 4: Síntese da matriz emergente e contribuições para outros processos formativos) e 11 dimensões (vivencial-experiencial; dialógica; escuta sensível e atenta; (auto)reflexiva e (auto)crítica; aprendizagens; envolvimento emocional; passado-presente-futuro; escrita narrativa; múltiplos “eus”; estudos teóricos; análise interpretativo-compreensiva). Apesar de didaticamente separados, relatos e dimensões se entrelaçam, retroagem e se retroalimentam. O contexto da formação e pesquisa foi composto pela entrada no grupo de pesquisa Ecotransd, pela entrada no doutorado, pela realização do doutorado-sanduíche e pela Formação de Educadores para a Cidadania, em Horizonte, CE, realizada entre 2012 e 2013, da qual participei como formadora-pesquisadora. Por meio da metodologia construída, identifiquei a matriz vigente, investiguei suas bases paradigmáticas tradicionais, sistematizei a experiência de docência e pesquisa, interpretei e compreendi as aprendizagens construídas e propus uma síntese da matriz pedagógica-pesquisadora emergente. Essa metodologia, denominada narrativa autoformadora, foi, ao mesmo tempo, o caminho de formação e de pesquisa para a construção de conhecimento e o resultado da própria pesquisa, sendo a resposta ao problema de pesquisa. Em considerações finais abertas e provisórias, compreendo que apesar de este ser o final de um ciclo de formação e pesquisa é também um recomeço de uma contínua e incessante espiral de desenvolvimento humano. Levo comigo a importância das formações iniciais e continuadas propiciarem movimentos tripolares de formação, integrando os três polos: hetero-eco-auto. Levo que, ao longo da vida, profissionais,	Doutorado em Educação UECE

		professores, pesquisadores possam (se) refletir, (se) questionar, (se) pesquisar sobre suas trajetórias, processos formativos e matrizes. Levo a esperança de contribuir com processos formativos para que possam considerar o ser humano que se forma com suas histórias, origens, aprendizagens e experiências; possam abrir tempos e espaços para que saberes disciplinares e teóricos dialoguem com todos esses outros conhecimentos que a pessoa em formação traz consigo; possam ser ambientes de formação, de pesquisa e de autoria, de sentido, de criatividade e de conhecimento de si e científico. Levo também a certeza de que tenho muito a aprender, a pesquisar, a conhecer e a continuar em outros encontros, em outros caminhos.	
--	--	---	--

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; organizado pela pesquisadora.

APÊNDICE C - Relação crianças e animais - crianças e animais

FILTRO:			
Relação crianças e animais/ crianças e animais			
Trabalhos/ Título	Autor/Ano	Resumo	Mestrado/ Doutorado
O olhar da bioética sobre a representação social de animais no contexto da educação humanitária	SOUZA, Joseth Filomena de Jesus, 2012.	Embora a sociedade esteja mais atenta à forma como trata os animais, estes ainda são considerados pelo que podem oferecer aos humanos e, portanto, são intensamente utilizados. A Bioética de Proteção defende que pacientes morais suscetíveis ou vulnerados a danos advindos de agentes morais devem ser protegidos. Com base nesta perspectiva bioética e nos compromissos assumidos pelo Estado concernente aos animais, defende-se neste trabalho que o Estado deve promover políticas públicas com o intuito de mudar a forma com que homens e mulheres se relacionam com os animais. Para tal, a educação é instrumento imprescindível, em especial para as crianças, futuras tomadoras de decisão. Este propósito vai ao encontro do que propõe a Educação Humanitária que inclui, no âmbito de suas discussões, questões que envolvem os animais visando estimular a reflexão crítica sobre as condutas humanas para com eles. Desta forma, é relevante conhecer as representações sociais de estudantes sobre os animais para subsidiar estratégias pedagógicas eficazes que contribuam para evitar que lhes sejam atribuídos valor instrumental. Este trabalho objetiva identificar e compreender as estruturas e conteúdos das representações sociais de crianças, de 7 a 11 anos de idade, de uma escola pública de Brasília, acerca dos animais e do cuidado para com eles, e analisá-las à luz da bioética. Foi utilizada a triangulação metodológica combinando técnicas de associação livre, desenhos e grupos focais. Os dados mostraram que as representações sociais destes sujeitos se referem principalmente a cães e gatos, e estão fundamentadas no cuidado, no afeto e na empatia. Além disso, estes estudantes mostraram possuir conhecimentos sobre a senciência e fragilidade destes animais, bem como importantes preocupações de natureza ética. Quanto a outros animais, observou-se um especismo eletivo relacionado a algumas espécies. Enfatiza-se, dentre outras coisas, a incorporação da Educação Humanitária no currículo escolar nacional de forma frequente e contínua, bem como a introdução de valores morais nos documentos nacionais de educação voltados à questão animal.	Mestrado em Bioética UNB
“Professora, por que os animais se respeitam e os humanos não?” A convivência ética pede passagem: educação em valores em terceiros anos do período integral de uma escola pública	MAIA, Francisane Nayare de Oliveira, 2019.	Considerando os diferentes tipos de violência com os quais as escolas se deparam e as diversas formas de prevenção e tratamento que se deve dar aos mesmos, este projeto teve como objetivos o desenvolvimento de um programa de Educação em Valores e a averiguação de seu efeito em uma escola pública municipal de Ensino Fundamental do interior do estado de São Paulo. Trata-se de um estudo de caso, com delineamento quase experimental e de abordagem quanti-qualitativa, em que se buscou a verificação do efeito de um fenômeno em um contexto real. Os participantes foram 76 crianças, sendo 28 meninas e 48 meninos, de 08 a 09 anos, de quatro turmas de 3º ano do Ensino Fundamental I. A intervenção teve sua realização em nove encontros durante o ano letivo de 2017. Foi estruturada em torno de atividades para: o favorecimento da tomada de consciência contra a violência e suas formas de manifestação mais frequentes; desenvolvimento de habilidades alternativas à violência, e a identificação com relação aos direitos humanos,	Mestrado em Educação UNESP

		<p>estimulando o desenvolvimento da capacidade de coordenar deveres e direitos, colocar-se no lugar do outro e de compreensão das próprias decisões morais. Também foram desenvolvidas estratégias de Aprendizagem Cooperativa. No início do programa as crianças responderam o Questionário Sociométrico para Crianças (Q.S.C.) e o Questionário de Avaliação dos Programas de Educação acerca dos Valores, Adaptação à Diversidade e Melhoria da Convivência na Educação Primária (Ensino Fundamental), sendo possível realizar um diagnóstico inicial sobre as relações entre as crianças na sala de aula e de diferentes aspectos relacionados à convivência nesse ambiente. O segundo instrumento foi aplicado no término do programa, para pré e pós- testagem de seus efeitos. São apresentados os relatos das atividades, com as respectivas análises das nove sessões, os dados do pré e pós-teste, assim como os relatos das bolsistas participantes da pesquisa e as entrevistas realizadas com a professora e a coordenadora que acompanharam o projeto. Os resultados indicam que houve melhoria na qualidade de integração e nas estruturas das relações entre os alunos e entre estes e a professora da turma, na capacidade de cooperação, no desenvolvimento da tolerância e rejeição à violência. Também puderam vivenciar e tratar a convivência como um aspecto essencial; o qual deve ser trabalhado, refletido e discutido na sala de aula e na escola, merecendo de atenção, tempo e espaço para isso.</p>	
--	--	---	--

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; organizado pela pesquisadora

ANEXOS

ANEXO A: Ementa disciplina A cidade, as crianças e os animais

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
 Instituto de Educação
 Programa de Pós-Graduação em Educação
 Profª Vânia A. M. Chaigar

Tópicos especiais: A cidade, as crianças e os animais

Primeiro toque: **O apanhador de desperdícios** – Manoel de Barros

Uso a palavra para compor meus silêncios

Não gosto das palavras

Fatigadas de informar.

Dou mais respeito

Às que vivem de barriga no chão

Tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes

E aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

Das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

Para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

Como as boas moscas.

Quereria que a minha voz tivesse formato de canto.

Porque eu não sou da informática:

Eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Ementa: Estudos sobre epistemologias e paradigmas emergentes sobre a relação cultura e natureza: homens e animais, em especial crianças e animais. Análise de produções literárias, cinéfilas, plásticas, poéticas, filosóficas, etc., permeadas pela relação cidade, crianças e animais. Renovação da visão científica sobre os animais e seu papel na humanização da cidade. Perspectivas interdisciplinares para o ensino e o trabalho na escola. Produção de material teórico e didático.

Objetivos: Oportunizar estudos e aprendizagens a partir de abordagens menos utilitaristas sobre a vida e espécies não humanas.

Investigar no espaço local a relação entre cidade, crianças e animais.

Produzir material teórico e didático.

Carga horária: 30 horas

3 horas/quinzenais

Bibliografia:

- BURROUGHS, Willian. *O gato por dentro*. Tradução: Edmundo Barreiros. Porto Alegre: L& PM, 2010.
- CALVINO, Ítalo. *Marcavaldo ou As Estações na cidade*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CALVINO, Ítalo. *Palomar*. Tradução: Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CASTRO, Lúcia Rabello. *A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela Cidade. In: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 169-191.
- CHAIGAR, Vânia A. M.; REDIN, Marita M. A cidade, as crianças e os animais. *XII ENPEG*. João Pessoa, 2013 (E-book).
- CHUAHY, Rafaella. *Manifesto pelos direitos dos animais*. São Paulo: Record, 2009.
- DUARTE JR, João-Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- HIGHSMITH, Patrícia. *Os gatos*. Tradução: Petrócia Finkler. Porto Alegre: L& PM, 2011.
- HILLMAN, James. *Cidade e alma*. Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- JIMENEZ, Juan Ramon. *Platero e eu*. Porto Alegre: Ed. Globo, s/d.
- LIMA, Mayumi S. *A cidade e as crianças*. São Paulo: Nobel, 1998.
- LOPES, Jader Janer M; MELLO, M. B. de. (Orgs.). "O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas", dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.
- LUCCHESI, Marco. *Viagem a Florença: Cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- MENEZES, Rogério. *Um naufrago que ri*. São Paulo: Record, 2009. (Cópia)
- MASSON, Jeffrey Moussarieff; MCCARTHY, Susan. *Quando os elefantes choram*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- Müller, Fernanda. *Retratos da Infância na Cidade de Porto Alegre*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- PAIS, José Machado. Animais de companhia: o vazio da perda. In: _____. *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. 2. Ed. Porto: Ambar, 2006, p. 281-310.
- REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Orgs.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOSEKI, Natsume. *Eu sou um gato*. Tradução: Jefferson José Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- TIRIBA, Léa. *Educação e ecologias*. São Paulo: Fase, 2002.
- TONUCCI, Francesco. *La Ciudad de los Niños: un modo nuevo de pensar la ciudad*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997.
- TONUCCI, Francesco. *Quando as crianças dizem: Agora chega!* Porto Alegre: Artmed, 2005.
- VIEIRA, José Luandino. *A Infância e a cidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- WOLF, Virgínia. *Flush, memórias de um cão*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- WÜRDIG, Rogério Costa. *O quebra-cabeça da cultura lúdica - lugares, parcerias e brincadeiras das crianças: desafios para políticas públicas*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.
- ZAINKO, Maria Amélia Sabbag (Org.). *Cidades Educadoras*. Curitiba: Ed. UFPR, 1997.

ANEXO B - Estatuto ARGIPA Capítulo I

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDINA DE PROTEÇÃO AOS ANIMAIS

CAPÍTULO I

Da Associação e seus fins

Art. 1º - A Associação Rio-Grandina de Proteção aos Animais, fundada a 4 de outubro de 1956, sociedade civil, com sede e fôro na cidade de Rio Grande, rege-se por este estatuto e pelas leis que lhe forem aplicáveis.

Art. 2º - Para melhor expansão de suas finalidades, poderá filiar-se a federações regionais, a confederações nacionais e a entidades internacionais congêneres, com o objetivo de intercâmbio cultural.

Art. 3º - A Associação tem por fins:

§ 1º - Proteger os animais em geral e em particular os úteis à atividade do homem, com exceção dos considerados daninhos à economia nacional e perigosos à vida humana.

§ 2º - Impedir e reprimir os maus tratos, os atos de crueldade e os abusos praticados/ contra os animais.

§ 3º - Aprimorar a educação do povo e especialmente da infância e da juventude, no sentido de inspirar-lhes e desenvolver-lhes o sentimento de amor, caridade, respeito e justiça, que deve orientar o homem no trato com os seres irracionais.

§ 4º - Agir, na primeira falta, por meios polidos e persuasivos, junto aos infratores das leis de proteção aos animais, procurando orientá-los para evitar a perpetração de castigos imoderados, maus tratos, crueldade e abusos.

§ 5º - Propugnar pela fiel execução das leis de proteção aos animais, cooperando com as autoridades na sua aplicação e sanções.

§ 6º - Denunciar às autoridades as infrações das leis de proteção e contravenção penal, no que se referir aos animais, quando esgotados os meios amigáveis, podendo promover a instauração penal cabível contra os infratores.

§ 7º - Recorrer à intervenção das autoridades e auxiliá-las nas diligências, para coibir as infrações legais praticadas contra os animais.

§ 8 - Assistir aos sócios, ou agir em seu nome, perante qualquer autoridade, seja administrativa, policial ou judiciária, nas representações, queixas ou questões sobre animais, em que forem parte.

§ 9º - Prestar assistência aos animais sujeitos a sofrimentos, por maldade, abuso, falta de meios ou ignorância de seus donos.

§ 10 - Fleitear, junto aos poderes públicos, a criação de leis, ou aperfeiçoamento das existentes, visando

- a) a proteção dos animais;
- b) a aplicação e divulgação dos métodos modernos de profilaxia;
- c) o combate às epizootias;
- d) a proscrição dos sistemas cruéis de marcação, sinalação, castração e sacrifício;
- e) a preservação das espécies;
- f) a regulamentação do registro, aquisição e transmissão de propriedade de animais;
- g) a regulamentação do trabalho, conservação, alimentação, tratamento, cativeiro e transporte dos animais;

§ 11 - Recolher os animais abandonados, extraviados ou perdidos, dando-lhes assistência e encaminhando-os a seus legítimos donos, ou doando-os, quando estes não forem conhecidos, a pessoas de idoneidade comprovadas, que se comprometa a proporcionar-lhes tratamento adequado.

ANEXO C - Ofício constatação de crime de maus-tratos contra animais no canil municipal

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE JUSTIÇA E DE SEGURANÇA
BRIGADA MILITAR
CRPO/SUL - 6º BPM "Btl Cel Claudino"



Rio Grande, RS, 20 de outubro de 1999.

Of. nº 852/99/SSJD/AEL

Do Comandante do 6º BPM
A Exmª Srª Drª Promotora de Defesa Comu-
nitária
Assunto: Remessa de Documentação
Anexo: Ofício nº 013/PATRAM/99 e 08 fotos

ANEXOS Nº 1 e 2

Com o presente, faço remessa a V. Exª. do Of. 013/PATRAM/99, com seus anexos, o qual versa a constatação de crime de maus tratos contra animais, no canil municipal desta cidade.

Sem mais, aproveito para renovar protestos de estima e consideração.



Jose Pedro Cabreira
JOSE PEDRO CABREIRA
M J-RSP P/ CMDO 6ºBPM

ANEXO D - Manifestação dos grupos ligados à proteção animal em Rio Grande

Rio Grande, 13 de agosto de 2012.

À
Câmara Municipal do Rio Grande

Ref. Manifestação dos grupos ligados à proteção animal em Rio Grande

As entidades ligadas à proteção animal vêm manifestar-se contra a manutenção do canil ou abrigo para animais por entenderem que, como experiência em outros locais demonstra, é deseducativo, pois o que já existe nos dá o exemplo do que são: depósito de animais reforçando a idéia na população em geral de que estes podem ser descartados como coisas para que outros resolvam o problema por eles, nesse caso, o poder público.

Não queremos melhorias nem outras instalações, queremos que a Lei Estadual 13.193/2009 seja cumprida. Esta dispõe sobre o controle da reprodução de animais estabelecendo os procedimentos de identificação, esterilização e devolução à comunidade. Estabelece claramente a figura do "cão comunitário", que tem o direito de permanecer junto a comunidade onde fez vínculos. Paulatinamente, com a efetiva implantação dos programas de esterilização, os animais irão desaparecer das ruas.

Queremos programas de educação da população para que esta esterilize seus animais e entendam que abandono é crime.

Queremos que sejam feitas leis que proíbam o comércio de cães e gatos.

Desde longa data, temos trabalhado junto à população, orientando, castrando, doando, tratando animais que são deixados à sua própria sorte, sem que tenhamos respaldo financeiro de qualquer ente público. Esta doação de nosso trabalho voluntário em prol dos animais dessa cidade traz-nos conhecimento pela experiência e, principalmente, o que a legislação por tanto tempo buscada nos oferece.

Estamos decepcionados porque apesar de tudo isso, até o presente, nada do que pedimos foi realizado. E só pedimos o cumprimento da Lei e das diretrizes da Organização Mundial da Saúde.

Portanto, candidatos à vereança e ao executivo, quando forem tratar ou legislar a esse respeito, lembrem-se: "não queremos depósitos de animais (canis)", queremos "programas de esterilização efetiva de animais domésticos (domiciliados ou não)", "campanhas de educação da população para a guarda responsável e o respeito aos animais" e "legalização ^{translocar} que desestimele o comércio de animais".

NÃO APOIAREMOS QUALQUER TENTATIVA DE ESTABELECEMOS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS CÃES E GATOS DIFERENTES DESSAS.

Grupo pela Abolição do Especismo, Amigo Vira-Lata, Argipa, Projeto Solidariedade com os Animais, SOS Animal, Vira-Latas e Corações, Amigo Bicho e Cia.

JFA ARGIPA Lewis Amaral 90 35887519
 GAE / Amigo Bicho e Companhia - Vanilda Pinto
 Alessandra El. do. mi - "Projeto Solidariedade com os animais"
 Boniza Almeida - SOS ANIMAL
 Tere Helen - VIRALATAS E GATOS
 Priscilla - Amigo VIRALATA

ANEXO E - Ata



Estado do Rio Grande do Sul
 PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 Gabinete do Prefeito

ATA

Aos dez dias do mês de maio de dois mil e treze, realizou-se reunião no Gabinete do Prefeito, onde estiveram presentes o Gabinete Executivo, Secretaria de Município da Saúde e as seguintes entidades: Grupo Amigo Bicho e Cia; ARGEZA - SOS Animal; Grupo de Abolição do Especismo (GAE); Ordem dos Advogados do Brasil - Subseção Rio Grande; Grupo Amigo Vira Lata; Projeto Solidariedade com os Animais. Pauta da reunião: 1) Criação do Conselho Municipal dos Direitos dos Animais; 2) Programa de Controle Populacional; 3) Fechamento do Canil Municipal. Sobre a Pauta ficou encaminhado: 1) os presentes, por unanimidade, definiram pela não constituição de um Conselho Municipal dos Direitos dos Animais em Rio Grande. A justificativa aponta para a pouca efetividade desta medida para a resolução dos problemas dos animais. 2) os presentes consideraram adequada a proposta de aquisição de Unidade Móvel para castração de animais domésticos. O equipamento apresentado, fabricado pela empresa Motor Trailer, foi aprovado. Abriu-se a possibilidade de apoio das entidades para captação de recursos junto a empresas e órgãos públicos para aquisição do mesmo. Construção do projeto pelo Gabinete do Prefeito, em parceria com a Secretaria de Município da Saúde e voluntárias das entidades (Márcia Chaplin, Kátia Moreira, Vanilda Pintos e Mariza Almeida). 3) a) Animais "mordedores" e atropelados: seriam avaliados por voluntárias de entidades/grupos e, caso necessário, envio para observação em clínica conveniada (esterilizados, medicados, identificados e acompanhados para ressocialização), com posterior retorno ao seu local de origem; b) Doação dos animais do Canil Municipal: de forma cooperada, os grupos e entidades presentes trabalharão pela campanha de doação dos animais; o Gabinete Executivo e a Secretaria de Município da Saúde autorizam a guarda temporária dos animais para efetivar as doações; c) Educação Ambiental: elaboração de material educativo para distribuição (Kátia Moreira, Vanilda Pintos e Alessandra Cichowski - com prazo de quinze dias) e formação de equipes para palestras; d) "Carrocinha" do Canil Municipal: estudo para reutilização do veículo no serviço "Disque Cio" (castração, chipagem e devolução do animal) e trabalho de profilaxia e orientação nos bairros do Município. Nada mais havendo a tratar, encerra a ata onde assinam os presentes.

Presenças:

Gabinete do Prefeito - Alexandre Pichon

Secretaria de Município da Saúde - Lucia

Grupo Amigo Bicho - Vanilda Moura Pintos

ARGEZA - SOS Animal - Mariza Almeida

GAE (Grupo de Abolição ao Especismo) - Kátia Moreira

OAB / Grupo Amigo Vira Lata - Alexandre Pichon

Projeto Solidariedade com os Animais - Alessandra Cichowski

ANEXO F - Ofício Remoção dos animais do “mini-zoológico” da Praça Tamandaré



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DO MEIO AMBIENTE



OFÍCIO SMMA Nº 333/2017

Rio Grande, 14 de setembro de 2017.

Resp. DI. 00853.01414/2017



PROTÓCOLO

CÓPIA

Prezado Senhor,

Apraz-nos cumprimentá-la cordialmente, ocasião em que em resposta ao Ofício nº 487/2017, de 30/08/2017, informamos o que segue.

A Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais (CMDDA) passou a monitorar, através de seu quadro técnico, o “mini-zoológico” em meados do ano de 2016, quando foi implementada estratégia de controle de natalidade através da separação entre machos e fêmeas, no caso dos mamíferos, e recolhimento de ovos, a fim de inibir o aumento da população de animais presentes no local. Tal medida visava promover a futura desativação do espaço, uma vez que as condições de manutenção dos animais encontravam-se impróprias – expostos à poluição sonora e atmosférica, exposição a ações de vândalos, à alimentação inadequada por parte dos visitantes e infestação de ratos, entre outros.

Nesta época, foram verificados no local 30 (trinta) patos, 31 (trinta e um) marrecos, 25 (vinte e cinco) gansos, 19 (dezenove) porquinhos-da-índia, 15 (quinze) coelhos, 2 (dois) galos, 9 (nove) garnisés, 3 (três) galinhas, 19 (dezenove) pombas portuguesas, 06 (seis) galinhas-d'angola e 4 (quatro) macacos-pregos, totalizando 163 (cento e sessenta três) animais. Em último levantamento do quantitativo de animais presentes na Praça, em 30 de agosto de 2017, verificou-se a presença de 3 (três) macacos-prego (*Sapajus nigrurus*), 5

Doe órgãos, doe sangue: Salve vidas!

Página 1 de 3

LA



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
 PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DO MEIO AMBIENTE



(cinco) galinhas-d'angola, 5 (cinco) coelhos, 2 (dois) galos, 11 (onze) porquinhos-da-índia e 12 (doze) pombas portuguesas, num total de 38 (trinta e oito) animais. Há, também, tartarugas tigre (*Trachemys dorbigni*), cágados (*Phrynops hilarii*) e peixes. O número de animais reduziu-se significativamente devido a vários fatores, dentre eles, a morte dos mesmos em decorrência da soltura de cães no interior dos viveiros, além de episódios de furtos e predação de filhotes por ratos, conforme cópias anexas de boletim de ocorrência policial e registro interno de ocorrências em geral.

De acordo com informações da Secretaria de Município de Controle e Serviços Urbanos (SMCSU), responsável pela manutenção das praças do município, o valor gasto com alimentação dos animais é de R\$ 2.946,85 por mês. Os animais são alimentados duas vezes ao dia, incluindo sábados, domingos e feriados, momentos em que também é realizada a limpeza dos recintos pelos servidores dessa Secretaria. A desratização é realizada pela Secretaria de Município de Saúde (SMS) quinzenalmente. O lago está passando por limpeza devendo ser concluída até o final do mês de setembro. Atualmente, a SMCSU está elaborando projeto para reforma do lago através do Fundo Municipal de Saneamento.

A CMDDA e a Secretaria de Município de Meio Ambiente (SMMA), visando iniciar o processo de desativação dos criadouros buscou o apoio do Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre (NURFS), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Na tarde de 13 de setembro do corrente ano, estivemos em reunião com técnico do IBAMA, Sr. Paulo Guilherme Carniel Wagner, a fim de acertar os detalhes da remoção dos animais silvestres que se encontram na Praça Tamandaré. Cabe salientar que os macacos já estão passando por exames de triagem junto ao NURFS desde o início deste mês. Após o processo de triagem, o IBAMA fará o recolhimento dos três macacos junto ao NURFS e seu devido encaminhamento ao Zoológico de Sapucaia, local em que ficarão permanentemente. Na sequência, com o acompanhamento e supervisão do IBAMA, serão destinados os demais animais silvestres, como cágados e tartarugas. Os demais animais, considerados domésticos, serão transferidos em breve para local ainda a ser definido pela

Doe órgãos, doe sangue: Salve vidas!



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DO MEIO AMBIENTE



municipalidade, que resguardará seu bem estar.

Atenciosamente,

Eduardo Corrêa Morrone
Secretário de Município do Meio Ambiente

Luiz Arthur Nunes da Silva Filho
Secretário Adjunto
Secretaria de Município do Meio Ambiente
Prefeitura Municipal do Rio Grande/RS

Exmo Sr
Promotor de Justiça Érico Rezendo Russo
Ministério Público do Rio Grande do Sul
Av. Silva Paes, 191 – CEP: 962-340 – Rio Grande/RS

Doe órgãos, doe sangue: Salve vidas!

ANEXO G - Relatório CMDDA



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
GABINETE DO PREFEITO



RELATÓRIO DE GESTÃO
Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais (CMDDA)

1 INTRODUÇÃO

A militância pelos direitos animais atravessa décadas de luta em todo o mundo. No Brasil, apenas em 2017, foi instituído que o controle populacional de cães e gatos em todo o território nacional deve ser feito única e exclusivamente através da esterilização permanente. Durante muitos anos o controle dessas espécies podia e era largamente realizado através da eutanásia desses animais nos Centros de Zoonoses, mesmo que em perfeitas condições de saúde.

No Rio Grande do Sul, a prática de eutanásia de animais sadios foi proibida em 2009, embora até hoje poucos municípios tenham adotado a castração como medida de controle populacional e cuidados com a vida dos animais. Isso deve-se ao fato de que cada Prefeitura deve assumir integralmente a responsabilidade pela implantação de tal política pública.

A cidade do Rio Grande, até o início de 2013, não possuía política pública nem estrutura capaz de atender ao que já era apontado pela Organização Mundial da Saúde em um de seu informe oitavo datado de 1992, como solução para a superpopulação de cães e gatos, ou seja, a castração.

Ao honrar o compromisso assumido com militantes, protetoras e grupos de proteção animal atuantes na cidade há muitos anos, o Prefeito Alexandre Lindenmeyer fechou o Canil Municipal e passou a construir uma política de controle populacional e de cuidados com a vida.

Em 2014, através da Lei 7.581/2014, foi criada a Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais (CMDDA) que desencadeou uma série de ações que significam um verdadeiro divisor de águas na história da proteção e da militância animalista em nossa cidade.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 GABINETE DO PREFEITO



2 EQUIPE DA CMDDA

2.1 Administrativo e operacional

- Coordenadora: Maria de Fátima Maier (lotação: Gabinete do Prefeito)
- Médica Veterinária: Lisiane Ferreira Lessa (lotação: SMMA, atua nas castrações e atendimentos clínicos do Castramóvel)
- Médico Veterinário: Rafael Edgar La Flor Homrich (lotação: SMMA, atua nas castrações e atendimentos clínicos do Castramóvel)
- Médico Veterinário: Marcelo Ferreira Pereira (lotação: SMMA, atua no atendimento clínico e recolhimento de equinos, na verificação das denúncias de maus-tratos a animais e no projeto Intervenção Assistida por Animais, nos CAPS da rede municipal)
- Cargo Comissionado: Fátima Gislaïne Lidor Acosta (lotação: SMCSU, atua na rotina do Castramóvel)
- Estagiária: Francine Alves Tavares (lotação: SMMA, atua rotina administrativa da CMDDA)

2.2 Comitê Gestor de Defesa dos Direitos Animais

Previsto nos artigos 9º e 10 da Lei Municipal nº 7.581/2014, o Comitê Gestor de Defesa dos Direitos Animais está constituído pelo Decreto Municipal nº 14.009/2016 da seguinte forma.

I - Representante da Secretaria de Município da Saúde:



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 GABINETE DO PREFEITO



Titular: CLEBER BASTOS ROCHA (cbr.vet@gmail.com)

Suplente: Roberta Falck Storch Miranda (robertasmag@riogrande.rs.gov.br)

II - Representante da Secretaria de Município do Meio Ambiente:

Titular: RAFAEL EDGAR LA FLOR HOMRICH (rafaeledgar@riograde.rs.gov.br)

Suplente: Lisiane Ferreira Lessa (lisiane.lessa@riograde.rs.gov.br)

III - Representante da Secretaria de Município da Educação:

Titular: PATRICIA DE ÁVILA LIMA ALMEIDA (p30almeida@yahoo.com.br)

Suplente: Leila de Souza Mello (assessoriadematematica@gmail.com)

IV - Representante da Secretaria de Município de Controle e Serviços Urbanos - SMCSU:

Titular: ORILDO LONGHI

Suplente: Cátia Simone Collares Brião (catia.briao@riogrande.rs.gov.br)

V - Representantes da Sociedade Civil Organizada (protetoras) eleitas na 1ª Conferência Municipal de Defesa dos Direitos Animais em 2014:

Titular: VANILDA PINTOS (vanildapintos@hotmail.com)

Suplente: Karen Oliveira da Silva (kareen.oliveira@bol.com.br)

Titular: MONICA ROCHA (monicarezendedarocha@hotmail.com)

Suplente: Wanessa Rodrigues (wanessa@vetorial.net)

Titular: SWAMI FEIJÓ FONSECA (bioufpel@gmail.com)

Suplente: Ieda Denise Nóbrega Elste (idelste@gmail.com)



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
GABINETE DO PREFEITO



Titular: MARGARETH BADEJO DOS SANTOS (marbadejo@yahoo.com.br)

Suplente: Patrícia Cassuriaga (patriciacassuriaga@hotmail.com)

3 ATIVIDADES E RESULTADOS

3.1 Ações anteriores à criação da CMDDA

- Fechamento do Canil Municipal em 29/06/2013, atendendo reivindicação antiga das protetoras e grupos de proteção da cidade.
- Lançamento de Edital de Chamamento Público 003/2013 (15/10/2013) para credenciamento de clínicas veterinárias para a execução das cirurgias de castração. Não houve solicitação de credenciamento por nenhuma clínica.

3.2 Ações posteriores à criação da CMDDA

- Criação da Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais (CMDDA), através da Lei 7.581/2014 (01/04/2014).
- Lançamento de Edital de Chamamento Público 003/2014 (17/06/2014) para credenciamento de clínicas veterinárias para a execução das cirurgias de castração. Credenciaram-se os médicos veterinários Vanilda Moraes Pintos, Karine Gonçalves Cezar e Antônio Cesar Ereira Nunes.
- Realização de concurso público para a contratação de dois médicos veterinários para a execução das castrações no Castramóvel, através do Edital de Concurso Público nº 01/2014 (06/09/2014), que resultou na aprovação e nomeação dos médicos veterinários Rafael Edgar La Flor Homrich e Lisiane Ferreira Lessa.
- Abertura do Pregão Eletrônico nº 110/2014 (17/09/2014) para a aquisição do Castramóvel.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 GABINETE DO PREFEITO



- Contratação emergencial através do Edital do Processo Seletivo Simplificado nº 008/2014 (23/10/2014) da médica veterinária Márcia Cristiane Feltrin Dias de Souza para atuação nas demandas da CMDDA.
- Início das atividades do Castramóvel, em 04/09/2015.
- Em 2017, passa a integrar a equipe da CMDDA o médico veterinário Marcelo Ferreira Pereira para o atendimento de equinos e a verificação de denúncias de maus-tratos.

3.3 Resultados

Desde a criação da CMDDA, foram realizadas 8.255 esterilizações cirúrgicas, sendo 3.932 em cadelas, 1.099 em cães, 2.065 em gatas e 1.159 em gatos. Os números de atendimentos clínicos a cães, gatos e cavalos ultrapassam os 3,5 mil. Foram verificadas mais de 3 mil denúncias de maus-tratos e realizados cerca 500 eventos como feirinhas de adoção, intervenções assistidas por animais, palestras e atividades educativas. Mais de 2 mil animais foram doados com termo de adoção responsável, que garante a castração de forma gratuita através do Castramóvel.

3.4 Leis em que houve participação da CMDDA

- Lei Municipal nº 8.254/2018 (29/08/2018): Autoriza e regulamenta o transporte de animais domésticos de pequeno porte acompanhados por seus responsáveis no transporte coletivo do Município do Rio Grande.
- Lei Municipal nº 8.303/2018 (28/12/2018): Institui o programa de redução gradativa de veículos de tração animal no Município do Rio Grande.

4 PROJETOS EM ANDAMENTO



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 GABINETE DO PREFEITO



Foram apresentados ao Ministério Público Federal três projetos de qualificação, ampliação e adequação do serviço gratuito de esterilização cirúrgica de cães e gatos através do Castramovel, que geraram o Termo Aditivo 003/2019, conforme histórico constante do PD 41402/2019.

Para a execução dos objetivos, foram realizados o Pregão Eletrônico 08/2019, que resultou no Registro de Preços 656, válido até 04/04/2021 e o Chamamento Público SMMA 005/2019, que visa o credenciamento de Médicos Veterinários para atuação aos fins de semana no Castramovel com a finalidade de atender o compromisso assumido no Termo Aditivo 003/2019.

4.1 PDs relacionados:

- PD 50865/2019 (Informações ao MPF)
- PD 17014/2020 (Solicitação de compras)
- PD 26774/2020 (Solicitação de compras)

6 OBSERVAÇÕES A SEREM REPASSADAS PARA A PRÓXIMA GESTÃO

6.1 Para acessar o e-mail cmdda@riogrande.rs.gov.br, deve-se contatar o setor de Informática solicitando o cadastramento do e-mail do(a) novo(a) coordenador(a).

6.2 As prestações de conta ao MPF são regulares e devem ser realizadas através da Procuradoria Geral do Município. Para tanto, é aconselhável realizar a informação do(a) responsável pela pauta à procuradora Danielle Bitar, que acompanhou desde o início o processo.

6.3 Gozarão férias de 04/01/2021 a 02/02/2021 a médica veterinária Lisiane Ferreira Lessa e de 14/01/2021 a 13/02/2021 o médico veterinário Marcelo Ferreira Pereira.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
GABINETE DO PREFEITO



6.4 O Registro de Preços 656, que permite adquirir insumos para o Castramóvel, é válido até 04/04/2021. Processos licitatórios tendem a ser complexos, por isso é aconselhável iniciar novo Pregão Eletrônico já no início da nova gestão.

6.5 Deverão ser destinadas 05 (cinco) castrações/mês para os animais comunitários do Campus Carreiros da FURG, como acordado através do Convênio nº 027/2020.

7 AGRADECIMENTOS

Registro meu carinho, minha admiração e minha eterna gratidão ao Prefeito Alexandre Lindenmeyer pela oportunidade de ter atuado na Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais nos governos da Frente Popular. Foi uma honra e motivo de muito orgulho ter recebido do líder do Executivo Municipal por dois mandatos consecutivos essa confiança. Sobretudo como militante pelos direitos animais, sou grata por dar aos animais da nossa cidade um tratamento digno e ético.

Rio Grande, 18 de dezembro de 2020.

Maria de Fátima Maier

Coordenadora Municipal de Defesa dos Direitos Animais

ANEXO H - Memorando à SMEd - Coelho



Prefeitura Municipal
do RIO GRANDE
Aqui tem Governo Popular

Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DO MEIO AMBIENTE
COORDENADORIA MUNICIPAL DE DEFESA DOS DIREITOS ANIMAIS



Memorando CMDDA nº 004/2019.

Rio Grande, 22 de março de 2019.

De: Maria de Fátima Maier – Coordenadora Municipal de Defesa dos Direitos Animais

Para: Vanessa Pintanel – Secretária de Município da Educação

Senhora Secretária:

Mais uma Páscoa se aproxima e, com ela, a Coordenadoria Municipal de Defesa dos Direitos Animais historicamente recebe reclamações de educadores e educadoras, pais ou responsáveis por alunos da rede municipal simpáticos à causa animal sobre a utilização de coelhos em sala de aula em atividades com os estudantes.

Compartilhamos com essas pessoas da preocupação com o bem-estar desses animais, que, embora domesticados, se diferenciam muito de cães e gatos. No artigo em anexo, podemos ter uma pequena ideia do quanto esses pequenos animais estão suscetíveis à morte súbita em uma situação como o contato com pessoas e ambientes estranhos, ruídos altos, entre outros.

Assim sendo, contamos com a compreensão desta Secretaria de Município da Educação para que oriente e desaconselhe os educadores e educadoras da rede pública municipal que levem coelhos para a escola, seja qual for a finalidade.

Sendo o que se apresentava para o momento, subscrevemo-nos cordial e atenciosamente.

Maria de Fátima Maier
Coordenadora Municipal de Defesa dos Direitos Animais

ANEXO I - Pré-projeto Direitos Animais na Escola



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



PRÉ-PROJETO

Direitos Animais na Escola: por uma ética integral na educação



1. APRESENTAÇÃO

O presente pré-projeto é uma iniciativa da Secretaria de Município da Educação¹ e apresenta uma proposta de construção coletiva de um projeto acerca da temática dos Direitos Animais, conjuntamente com os(as) professores da rede municipal interessados(as) e que já realizam atividades neste contexto na sua prática docente. Esta demanda é cada vez mais emergente no campo do ativismo, da filosofia, do direito e agora também da educação. Ela dialoga, jamais ignorando as demais, com todas as lutas pelos direitos humanos, pela resistência das minorias, pela busca da liberdade fundamental de cada indivíduo. É, portanto uma demanda do ensino e da vivência da ética social. A consideração da existência de direitos para os animais não-humanos, aparentemente nova na parte massiva da sociedade, configura-se em uma visão de mundo e de experiência que ultrapassa questões de escolhas alimentares individuais (vegetarianismo e veganismo) ou de acolhimento e salvaguarda de animais desabrigados.

Os direitos animais constituem um campo do conhecimento edificado em princípios éticos, solidários e racionais, de uma saudável reconfiguração cultural em vários níveis, e da superação histórica da barbárie humana. Assim sendo não se trata de modismo ou de uma defesa parcial da defesa dos direitos de uns em detrimento dos

¹ Pré-planejamento por Karine Ferreira Sanchez, professora da rede municipal desta cidade; Assessora de Artes do Núcleo dos Anos Finais, componente do GT de Educação Ambiental/SMED. Mestre e doutora em Educação Ambiental, pelo PPGEA – FURG.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



direitos de outros. E sim de uma crescente tomada de consciência em busca de um mundo mais justo e de sujeitos mais humanos, mais esclarecidos de sua participação neste grande mundo coletivo em que habitamos.

2. OBJETIVO

O texto aqui apresentado visa introduzir, organizar e justificar a construção coletiva de um projeto de direitos animais na educação, cujo propósito seja de fomentar e valorizar as atividades escolares que estejam alinhadas com o discurso dos direitos animais, sob qualquer esfera, por exemplo:

*Proteção, cuidados e salvaguarda dos animais de estimação/domésticos, tanto os domiciliados quanto os comunitários, ou os de rua, abandonados;

*Problematização dos cativeiros domésticos: gaiolas, aquários, domesticação de espécies silvestres;

*Problematização da questão da tração animal;

*Crítica e reconfigurações culturais (luta contra os rodeios, tiro de laço, etc);

*Crítica e reconfiguração de espaços de “lazer” baseados na exploração animal: zoológicos, aquários, circos, caça, etc;

*Informação e problematização da indústria alimentícia na utilização da vida e morte dos animais;

*Informação e problematização dos animais utilizados na “ciência”, sob contextos acadêmicos, cosméticos ou fármacos;

3. JUSTIFICATIVA

O tema da ética, sempre necessário na constituição dos sujeitos e tarefa essencial de uma educação crítica, não bancária, hoje pertence oficialmente à esfera dos chamados “temas transversais”, previstos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, que oficialmente já não são o documento referencial da educação, mas que guarda assuntos importantíssimos e necessários ao fazer educativo. O estudo e a tarefa da ética



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



perpassam não somente as diversas áreas do conhecimento e da sociedade, mas também as dimensões mais íntimas dos indivíduos. A ética é aquilo que fazemos na contramão dos instintos egoístas e arrogantes de nossa espécie, é remar contra a maré de nossa barbárie humana.

Reconhecendo a potência para o bem, e a saudável curiosidade do ser humano, acreditamos que é bem vinda e urgente a abertura de horizontes em relação às descobertas as quais cada um de nós, cada vez mais, tem acesso. Tratam-se de atividades costumeiramente veladas em nossa sociedade, baseadas em crenças, tradições e hábitos e que utilizam a profunda e cruel exploração do outro, em prol da manutenção da capitalização desequilibrada e desta cultura desgastada e estagnada no tempo.

4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – Os Direitos Animais

Antes de adentrar no tema referido faz-se oportuno salientar uma reflexão sobre a tarefa da filosofia, da construção do pensamento já que estamos, e devemos estar, em permanente transformação diante das modificações sociais. A filosofia tem, desde a Grécia antiga, embasado muitos dos nossos métodos intelectuais e, portanto, influenciando a educação e a escola em todos os níveis.

A filosofia deve questionar as pressuposições básicas de cada época. Refletir, de maneira crítica e cuidadosa, sobre aquilo que a maioria toma como certo é, acredito, a principal tarefa da filosofia, aquela que a torna uma atividade digna de existir. Infelizmente a filosofia nem sempre desempenha seu papel histórico. A defesa da escravidão feita por Aristóteles permanecerá sempre como um lembrete de que os filósofos são seres humanos e estão sujeitos aos preconceitos da sociedade a que pertencem. Às vezes, conseguem libertar-se da ideologia dominante; com mais frequência tornam-se seus mais sofisticados defensores. (SINGER, 2010, p. 344).

Assim, percebemos que o exercício do pensamento deve estar comprometido com a evolução e a revolução dos costumes sociais, e não ser um legitimador de verdades pré-estabelecidas. Portanto fica claro que os Direitos Animais não podem ser abafados com a antiga e vazia justificativa de que “sempre pensamos assim, então sempre será assim”. Afinal de contas: “o fato de uma ideia ser invocada e compreendida em uma comunidade não oferece explicação alguma para a veracidade dessa ideia” (REAGAN, 2006, p. 57). Ademais, em relação aos Direitos estendidos para aqueles que



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



não imaginamos até então: “Esta foi a lição que aprendemos com todos os movimentos de emancipação: primeiro eles são ridicularizados, depois são vistos com simpatia, até que um dia eles são vistos como integrantes permanentes da nossa esfera de moralidade” (GORDILHO, 2009, p. 151).

O direito animal, como já afirmado, é um campo do conhecimento em constante ascendência, cujo alicerce, no entanto, não é especificamente atual. O principal motivo para a consideração destes direitos é a senciência animal. Trata-se da capacidade de sentir dor, prazer, algo que nós humanos temos em comum com os animais. Todos os outros motivos e estudos acerca do tema, como a inteligência animal, capacidade de adequação ou produção de cultura são temas interessantes e que costumam vir à tona dentro deste contexto, mas não são eles que darão o embasamento racional e solidário para pensarmos um direito para os animais. O termo senciência, utilizado para designar a ciência de si, ou o sentido de si, foi primeiramente considerada pelo filósofo e advogado inglês do século XIX Jeremy Bentham (apud FRANCIONE, 2013). Ele afirmou que essa característica, ou seja, a capacidade de experimentar dor e sofrimento era a única exigida para provar o status moral dos animais.

A capacidade de sofrer e de sentir prazer é um pré-requisito para um ser ter algum interesse, uma condição que precisa ser satisfeita antes que possamos falar de interesse de maneira compreensível. Seria um contrassenso afirmar que não é do interesse de uma pedra ser chutada na estrada por um menino de escola. Uma pedra não tem interesses porque não sofre. Nenhum modo de atingi-la fará diferença para o seu bem-estar. A capacidade de sofrer e de sentir prazer, entretanto, não apenas é necessária, mas também suficiente para que possamos assegurar que um ser possui interesses – no mínimo, o interesse de não sofrer. Um camundongo, por exemplo, tem interesse em não ser chutado na estrada pois, se isso acontecer, sofrerá. (SINGER, 2010, p. 13).

E ainda:

Não apenas estamos no mundo, como também todos somos conscientes do mundo e, ainda, conscientes do que acontece conosco. Além do mais, o que acontece – seja aos nossos corpos, à nossa liberdade ou às nossas vidas – importa para nós, porque faz diferença quanto à qualidade e à duração das nossas vidas, conforme experimentadas por nós, quer os outros se importem com isso, quer não. Quaisquer que sejam nossas diferenças, essas são nossas semelhanças fundamentais. (REAGAN, 2006, p. 60).



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



Outra palavra importante na iniciação deste discurso é o especismo, o termo estabelece um paralelo entre nossas atitudes perante as demais espécies e as atitudes racistas ou sexistas. Os racistas violam o princípio da igualdade ao conferir mais peso aos interesses de membros de sua etnia quando há um conflito entre os próprios interesses e os daqueles que pertencem a outras etnias. Os sexistas violam o princípio da igualdade ao favorecer os interesses do próprio sexo. Analogamente, os especistas permitem que os interesses de sua espécie se sobreponham aos interesses maiores de membros de outras espécies. O padrão é idêntico em todos os casos (SINGER, 2010, p. 15). O termo foi definido em 1970 pelo psicólogo Richard Ryder, professor da Universidade de Oxford.

Como vimos esses “ismos” (racismo, sexismo...) configuram comportamentos parciais ou preconceituosos em favor dos interesses dos membros de um grupo em detrimento dos interesses de outros grupos. Assim, especismo é o preceito que crê que estamos acima dos animais simplesmente por sermos da espécie humana, e a espécie aqui vira principal motivo para a desconsideração da vida dos demais, ou seja, especismo é o termo que explicita usar a espécie para justificar a condição de propriedade dos animais e, conseqüentemente, da coisificação de suas vidas. Simplesmente prevê que podemos explorar ou considerar inferiores outros animais porque eles não são da espécie humana. Assim como mulheres foram consideradas inferiores por não serem homens, ou negros considerados inferiores por não serem brancos.

Como saber, portanto, se uma prática que submete os animais à crueldade atende ao princípio da dignidade da pessoa humana? como saber se as leis e os atos administrativos que regulam atividades como rodeios, zoológicos, criação e abate de animais se constituem meios adequados para que o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana seja atendido? (...) Será que a dor, o sofrimento a que os animais são submetidos nessas atividades são proporcionais à satisfação dos desejos humanos? (...) Se entendemos por crueldade o ato de fazer o mal, atormentar ou prejudicar outrem através de atos insensíveis, desumanos, pungentes ou dolorosos, toda e qualquer ação “desumana” com os animais, longe de obedecer, ofende ao princípio da dignidade humana, mesmo porque vários estudos apontam que as pessoas cruéis com os animais tendem a sê-lo também com os seres humanos. (GORDILHO, 2009, p. 162).



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



Os direitos para os animais, dessa forma, configuram não uma gentileza ou favor dos humanos para com os não-humanos, mas um reconhecimento do que é mais básico à vida – sua existência e liberdade. Isso, porém, demanda na nossa sociedade uma reflexão seguida de uma reconfiguração de hábitos, costumes, crenças e tradições. Mas não podemos perder o foco de que os Direitos são nada mais do que uma proteção para a integridade do ser que vive:

Possuir direitos morais é ter um tipo de proteção que poderíamos imaginar como um sinal invisível dizendo: “Entrada proibida”. O que o sinal proíbe? Duas coisas: Primeira: os outros não são moralmente livres para nos causar mal; dizer isto é dizer que os outros não são livres para tirar nossas vidas ou ferir nossos corpos como bem quiserem. Segunda: os outros não são moralmente livres para interferir na nossa livre escolha; dizer isto é dizer que os outros não são livres para limitar nossa livre escolha como bem quiserem. Em ambos os casos, o sinal de “Entrada Proibida” visa proteger nossos bens mais importantes (nossas vidas, nossos corpos, nossa liberdade), limitando moralmente a liberdade dos outros. (REAGAN, 2006, p. 47).

Somos, segundo Reagan, “sujeito de uma vida”. Então, quais de nós, seres humanos, são sujeitos de uma vida? Todos.

As pessoas menos capacitadas não existem para servir os interesses dos mais hábeis, nem são meras coisas para ser usadas como meios para os fins deles. Do ponto de vista moral, cada um de nós é igual porque cada um de nós é igualmente “alguém”, não uma coisa; o sujeito de uma vida, não uma vida sem sujeito. (REAGAN, 2006, p. 61, 62).

Assim: “Nosso direito mais fundamental, então, o direito que unifica todos nossos outros direitos, é nosso direito de sermos tratados com respeito” (REAGAN, 2006, p. 51).

Então, eis nossa pergunta: entre os bilhões de animais não-humanos existentes, há animais conscientes do mundo e do que lhes acontece? Se sim, o que lhes acontece é importante para eles, quer alguém mais se preocupe com isso, quer não? Se há animais que atendem a esse requisito, eles são sujeitos de uma vida. E se forem sujeitos-de-uma-vida, então têm direitos, exatamente como nós. (REAGAN, 2006, p. 65, 66).

Fica claro que ainda que os humanos estejam acostumados à utilização da exploração animal nas mais diversas esferas de sua vida este fato não justifica, legítima, nem anula



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



a crueldade a que os animais estão submetidos nas dimensões mais fundamentais de sua existência.

Os direitos animais nunca devem ser violados para que algumas pessoas possam se divertir, ou para que outras possam ganhar um bom dinheiro com isso. Os benefícios que nós humanos podemos ter – sejam poucos, muitos, ou cada vez maiores – nunca justificam a transformação de animais em artistas. (REAGAN, 2006, p. 172).

Portanto, para o autor, a regulamentação para fins de melhora de tratamento para continuar a exploração, o bem-estarismo representa um perigo, pois:

Quando se trata de como os humanos exploram os animais, o reconhecimento de seus direitos requer abolição, não reforma. Ser bondoso com os animais não é suficiente. Evitar a crueldade não é suficiente. Independentemente de os explorarmos para nossa alimentação, abrigo, diversão ou aprendizado, a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas. (REAGAN, 2006, p. 12).

Assim sendo a principal corrente pelos Direitos Animais luta pelo Abolicionismo animal, meta ainda utópica, porém fundamentada e difundida em muitas partes do mundo. Ele requer o fim definitivo de todas as formas de exploração animal, e não uma regulamentação de seu uso, ou uma melhora no seu trato na continuação de ver os animais como “coisas” a continuar nos servindo.

A questão central na discussão dos Direitos dos Animais é a de ser ou não conforme a Moral e o Direito tratar seres sencientes – sejam eles humanos ou não – como meios para as finalidades de terceiros. Assim é que a posição em prol da abolição de uso dos animais como recursos não deve ser encarada como uma “preferência” em favor dos animais em detrimento dos seres humanos. O problema é maior. Trata-se de uma questão de moralidade e não de mero benefício. O que se deseja é incrementar o status moral dos animais e, não, de diminuir o dos seres humanos, em um movimento que, ao aumentar o respeito pela vida, fortalece também as bases para o respeito pela vida humana. (LOURENÇO, 2008, p. 532).

Pertinente explicar ainda que:

Aplicarmos o princípio da igual consideração aos animais não quer dizer que estejamos comprometidos com a posição de que os animais são o mesmo que os humanos (...) ou que eles são nossos “iguais” em todos os aspectos. Quer dizer apenas que se os humanos e os animais de fato tiverem um interesse semelhante, devemos tratar esse interesse da mesma maneira, a menos que haja alguma boa razão para não fazer isso. Nossa sabedoria convencional sobre os animais nos faz entender que eles *são* semelhantes a nós ao menos em um aspecto: eles são



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



sencientes e, como nós, têm interesse em não sofrer. Nesse sentido, nós e eles somos semelhantes, e dessemelhantes a *tudo mais*, no universo, que não seja senciente. (grifo do autor) (FRANCIONE, 2013, p. 28, 29).

Também é importante reparar que respeito e afeto não devem se confundir, e ambos podem e devem estar claros quando tratamos de Direitos Animais na Educação:

Pessoas que acreditam em direitos animais sentem em relação a águias e elefantes e porcos e toninhas, a mesma coisa que a maioria sente em relação a gatos e cães. Não me entenda mal. Nós, defensores dos animais, não queremos porcos dormindo nas nossas camas nem elefantes guiando nossos carros. Não queremos fazer desses animais nossos “bichos de estimação”. O que nós queremos é mais simples: só queremos que as pessoas parem de fazer coisas terríveis com eles. (REAGAN, 2006, p. 3).

Analisando assim é hora de pensar em lutar por “humanos mais humanos”, crescendo e aprendendo, e cedendo cada vez menos às “tentações da matéria” quando isto não é algo neutro para outros seres que possuem um grande interesse pela sua própria vida e bem estar. Que possamos ter, cada vez mais esse claro conhecimento para nossa própria evolução de espírito. A maioria dos nossos confortos cotidianos, se colocados numa balança ética, não pesariam mais do que o interesse pela vida que o outro lado da balança representa, e no valor dela por si mesma.

Sabemos que a parte massiva da exploração animal (pelo menos em estatística) pertence à indústria alimentícia (animais-recursos) e a indústria farmacêutica (animais-instrumentos), e que essas duas atividades estão intrincadas de tal forma no sistema capitalista que os debates fervorosos em volta dela, repletos de denúncias e desmascaramento da verdade dificilmente saem do plano do debate. Isso porque a revolução (alimentícia) é individual e lenta e as empresas são titânicas, milionárias e dinâmicas, em prol do capital. Mesmo assim toda a luta é válida. E, o mais importante a lembrar, em tempos que assistimos a luta dos DDAs (Defensores dos Direitos Animais) ser sugada pelos gigantes do marketing e do capital, é fazer o que está ao nosso alcance.

O interesse primordial defendido pelos Direitos Animais é o da vida e da liberdade. Não é necessário, e nem possível mensurar o valor da vida, em especial para aquele que a percebe ameaçada. Não é apenas porque já sabemos que os mamíferos pensam, e inclusive possuem culturas, que podemos negar que outras espécies, com



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



menos complexidade fisiológica ou psicológica não se importem em preservar suas vidas e bem-estar. Essa é uma cegueira que muito acomoda nossa tradição, e para que nossas angústias morais permaneçam adormecidas. A luta pelos Direitos Animais também segue o intuito de prezar pelo fim de, qualquer tipo de violência. Certamente seria muito desprovido de sentido um movimento que visasse proteger os bois e ignorar crianças, ou que se importasse apenas com uma parcela da sociedade, como ainda temos visto em nosso tempo, constrangedoramente. Posso afirmar que “veganos” que ignoram a negligência e a violência praticada contra seres humanos não representam a maioria de nós.

Os paradoxos são muitos. Mas há quem opte por causar o menor dano possível no ambiente, e nos outros seres sencientes, sempre na medida do praticável. E isso está conectado com a diminuição da violência e, portanto, com suas consequências éticas. Importar-se em fazer o melhor possível, ou o menos ruim, ao próximo, seja ele quem for, é um dos degraus desta colossal escada em busca de encontrarmos no *Homo sapiens* menos agressividade, e mais compaixão. Menos individualização e mais senso de coletivo. E colabora, sim, na fomentação da razão de existir dos Direitos.

A violência reside no violador, não na vítima. Reconhecer Direitos é colaborar com a diminuição da violência, devendo estar disposto a lutar contra as barbáries, internas ou externas a nós. E a ver como iguais todos aqueles que apresentem a mesma rejeição à violência do que nós, apenas pelo fato de que sofrer é ruim e não sofrer é bom. Aí também reside o vínculo entre a ética e os Direitos. A negação filosófica da dor e a coisificação da vida é uma cegueira biológica.

Não podemos mais endeusar filósofos cujas teorias são presas no mundo frio e intocável da abstração das ideias explicando, metafisicamente, a origem de todas as coisas sem considerar sequer que seus pés tenham experimentado a textura da terra, e sua pele a energia do vento e do Sol. Podemos e devemos acessar a diversidade de ideais de outros tempos históricos, mas elas não podem mais nos representar enquanto “sujeitos de uma vida” do século XXI. Só posso abraçar uma filosofia que parta do



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



mundo concreto e de suas sensações concretas. Os animais estão aqui com a gente, eles existem e sentem. Isto é um fato biológico e também filosófico.

Então, em suma, por que os animais têm Direitos?

– Porque eles precisam.

Como afirma Steven Wise, citando Winston Churchill, “Now this is not the end. It is not even the beginning of the end. But it is, perhaps, the end of the beginning.” (Isso não é o fim. Isso não é nem o começo do fim. Mas talvez este seja o fim do começo...)².

Toda a consideração para com os animais é válida. Acredito que devemos valorizar qualquer atitude, e não somente a vida vegana, que é nosso ideal, mas que ainda permanece longe de atingir a maioria da população. Alegro-me em ver pequenas atitudes das pessoas em prol dos animais de rua, ou a não concordância com o tráfico, e com o mercado pet, ou mesmo alguém que, por ter visto um filme, diminuiu seu consumo de carne vermelha. Mesmo sabendo que isto não é suficiente, entendo que, quanto mais pessoas tiverem essas intuições, maior é o alcance de uma racionalidade pertinente ao nosso tempo e, para além dela, da compaixão, da empatia e da solidariedade, sentimentos obrigatórios para nossa convivência na Terra.

Não há dúvidas de que podemos comprovar cientificamente que a vida do animal não é diferente da nossa, nem menos valiosa, também não há dúvidas de que podemos afirmar que eles devem estar protegidos pelo mesmo Direito que nos protege, muito menos há dúvida de que é imoral o tratamento e a condição de existência a que estão submetidos muitos animais. Racionalmente os Direitos Animais vencem a resistência. Mas a prática do conceito dessa racionalidade só será melhor propagada por meio dos afetos, pela subjetividade humana, pela compreensão do outro, pelo respeito, pela solidariedade e compaixão. Para tanto é preciso apelar para todas as esferas, e não

²

Disponível

em:

<https://www.ted.com/talks/steven_wise_chimps_have_feelings_and_thoughts_they_should_also_have_rights?utm_source=newsletter_daily&utm_campaign=daily&utm_medium=email&utm_content=button__2015-05-20>. Acesso em: 31 jan. 2018.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



aguardar, de braços cruzados, a solução do Direito. Uma das esferas eleitas para compreender, estudar, debater, ensinar e viver os Direitos Animais é a Educação.

4.2 – LEGISLAÇÃO

O histórico dos Direitos Animais no campo do Direito é longo, e é ainda hoje, apesar da marginalização da área, nesta esfera que o tema tem maior visibilidade. Não cabe aqui a descrição da receptividade dos Direitos Animais enquanto luta pública ou política pública. Mas afunilar para as ações pontuais em nosso município, uma vez que já explicitamos a relevância do tema enquanto valorização da vida.

Portanto é coerente citar a LEI Nº 7581 DE 1º DE ABRIL DE 2014 que:

cria a coordenadoria municipal de defesa dos direitos animais, cria o fundo municipal dos direitos animais e institui o programa permanente de controle populacional de animais domésticos de pequeno porte e dá outras providências.

Já a Constituição Federal de 1988 disciplina, em seu artigo 225, que: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações³.” Ainda no município de Rio Grande também está de acordo que os Direitos Animais sejam trabalhados na educação básica a Lei Municipal nº 8146, de 04 de setembro de 2017, que dispõe sobre a campanha de conscientização a ser desenvolvida nas escolas da rede pública municipal sobre a posse e propriedade de animais domésticos e de estimação, e determina que a Prefeitura Municipal do Rio Grande seja responsável por esta campanha.

Pode-se depreender que o Direito é decorrente das transformações sociais e das demandas criadas em razão dessas modificações da estrutura social. As normas jurídicas são fruto, portanto, da necessidade de o Estado regular em conformidade com as novas demandas da sociedade. Ademais, não há como ignorar a conjuntura histórica de cada

³ <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_225_.asp>. Acesso em: 01 jan. 2018.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



período como causa geradora da produção legislativa correspondente. (MEDEIROS, 2013, p. 45).

Já existem, no Direito, congressos e conferências sérias sobre o tema, constando de advogados e juízes de diversos cantos do mundo, sem que o assunto seja diminuído. Há uma considerável quantidade de leis e argumentações legais a serem interpretadas acerca desta demanda, que não nos cabe aqui relatar. Mas faz-se fundamental lembrar que os juristas já não ignoram o tema, e que, alguns deles confiam em nós, trabalhadores(as) em educação a expectativa de proporcionar uma mudança mais efetiva e ética na direção dos Direitos Animais

5. DIREITOS ANIMAIS NA EDUCAÇÃO

Aqui nosso discurso receberá o aporte da Educação Ambiental, lembrando que ela não é a única responsável por pensar e repensar a temática referida, mas porque não podemos ignorar sua profunda implicação no processo.

Aprender e ensinar sobre Direitos Animais é, ao mesmo tempo, fácil e difícil. Fácil porque tanto a informação racional acerca da exploração dos animais, quanto o apelo emocional, são medidas eficazes de argumentação. São pertinentes em diversos discursos, diferentes disciplinas e contextos para as mais diversas faixas etárias. Por outro lado os estigmas tradicionais e culturais fazem do tema um arcabouço de verdades inconvenientes de que se evita falar. Quando o assunto vem à tona em meio ao contexto social – familiar, escolar, ou outro – o desfecho é sempre o mesmo: “a natureza é assim mesmo”, “Deus fez as coisas assim”, ou ainda: “Não podemos abandonar nossas tradições”. A resistência e a intolerância são grandes, e infelizmente são renovadas a cada geração.

Levar o tema para o contexto escolar poderia ser uma tarefa específica da Educação Ambiental, uma vez que para além das justificativas pontuais já apresentadas a exploração animal está absolutamente conectada com a exploração dos recursos naturais. E há maneiras homeopáticas de fazer isto. Está claro que dependendo do tema específico e da intensidade com que é trabalhado, ele vai atingir os educandos de forma



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



avassaladora, e isso poderá representar problemas de cunho pedagógico-burocrático junto aos pais e responsáveis.

De qualquer forma os fundamentos da Educação Ambiental mostram-nos que não é mais do que coerente introduzir, cada vez mais, este tema na escola. Às vezes se faz necessário ajudar a escola a se reciclar no ensino-vivência de uma Educação Ambiental, pelo ponto de vista crítico e ativo: do consumo, dos costumes, do que cada criança e adulto pode fazer para “ajudar o planeta”, para além de fechar a torneira para escovar os dentes ou produzir artefatos com lixo reciclável; não que esses atos sejam irrelevantes, muito pelo contrário, mas porque não bastam para entender a nossa responsabilidade na exploração de recursos; e, ainda mais, os estragos que o fator mercadológico faz a partir das vontades que achamos que temos.

O tema Direitos Animais, quando trabalhado na educação, tanto institucional como familiar, abre portas para muitos dilemas éticos que poderão desenvolver reflexões morais nos indivíduos em qualquer tempo de sua vida. Logo a educação ambiental desenvolvida por meio de projetos de zoológicos por exemplo, e aceita na comunidade escolar, é muitas vezes um desserviço, por conta de privar os alunos da reflexão ética, já que se preocupam muito mais com as aprendizagens de cunho exato-biológicos sobre espécies, aumentando a coleção de informações dos humanos, e não enxergando no animal um sujeito de uma vida.

Esforços estão sendo conduzidos para que o tema chegue às escolas, muito devagar, mas com relatos importantes. Leon Denis, um professor de filosofia vegano, em Minas Gerais, foi chamado a comparecer na escola que lecionava, na cidade de São João Evangelista. Ele foi proibido de lecionar em seu Estado por defender os Direitos Animais. Ele nos ajuda a entender a problemática, afirmando que: “Desde muito cedo se ensina ao filho ver animais ditos exóticos e selvagens enjaulados em zoológicos como vejo uma peça de roupa pela vitrine de uma loja” (DENIS, 2010, p. 174). Seguindo o modelo cartesiano, nossa educação pública e privada, mesmo a do Ensino Fundamental, acostumou-se a separar o humano da natureza tal que:

O ensino fundamental frisa sistematicamente uma divisão científica onde o homem colocou a si mesmo no topo de uma cadeia alimentar



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



(...)e concluindo com um ensino médio onde a filosofia passada ao aluno é aquela que se orgulha de ser antropocêntrica. A história é a do homem, branco e burguês. A geografia é a que ignora a origem alimentar dos impactos socioambientais. A biologia é a apologista da experimentação animal e da visão de que tudo que não é humano é um recurso para benefício humano. A química é a naturalizadora dos impactos ecossistêmicos pela industrialização, já que esse processo é facilitador da vida humana em sociedade. (DENIS, 2010, p. 176).

Assim, infelizmente e num ciclo vicioso:

A escola acaba sendo: reprodutora da milenar tradição moral especista e apologista da dominação humana sobre a natureza. Todas as disciplinas escolares, sem exceção, reproduzem a visão especista e capitalista que denomina todas as formas de vida não humana como produto, coisa, mercadoria e recurso. (...) A escola não é o lugar onde se produz conhecimento novo como muitos acreditam, é um local onde se reproduz um saber estabelecido por poucos para a manutenção da exploração de muitos, humanos e não humanos. Portanto, se uma geração após outra é sistematicamente formada em casa e na escola por uma tradição coisificadora da vida, fica fácil entender por que é tão difícil o exercício da reflexão ética. Temos um sistema de ensino irreflexivo, superficial e vazio de pensamento. (DENIS, 2010, p. 176).

Além do tema específico da ética para com os animais, uma modificação no ensino representaria outras aberturas, em outras lógicas:

Os direitos animais trazem para o campo educativo a necessidade urgente da abolição de um ensino pautado na incoerência lógica, moral e científica da tradição antropocêntrico-especista de que somos herdeiros. A força pedagógica dos direitos animais já é perceptível (...) Portanto, uma educação fundamentada nos direitos animais não permitirá que o capital cultural especista seja reproduzido, que as crianças e jovens cresçam tendo como natural a banalização do mal e a coisificação da vida. (...) Esse novo paradigma educacional não permite que a violência institucionalizada, a crueldade consentida aos animais humanos e não humanos em estado de vulnerabilidade e a banalidade do mal sejam mimeticamente transmitida às novas gerações. (DENIS, 2010, p. 178).

A fundamentação destes ideais orienta-se por um contexto histórico e vínculos com uma Educação Ambiental problematizadora, tais como: crescimento de uma nova filosofia, pertinente ao avanço de todas as outras áreas do conhecimento; crítica ao modelo político e social, ao antropocentrismo e à subtração do poder de pensar e sentir das pessoas diante das mídias alienantes em relação ao consumo e conservadorismo de ideias ultrapassadas e preconceituosas; fortalecimento de ideias que buscam transformações significativas nos campos do Direito, da Política e, especialmente, da Educação; esclarecimento sobre a pressão em relação ao fim dos recursos naturais, e a



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



ênfase na humanidade como principal vítima e motivo único para que tentemos mudar isso, ou seja, um adestramento irrefletido pela própria “sobrevivência”; recriação do entendimento de que o Humano faz parte da natureza, é um animal, que assim como vários outros, transformou seu ambiente para que este melhor lhe atenda, mas também é capaz de raciocinar, observar, sentir e solidarizar-se com o outro, assim como renovar sempre seu modo de pensar e viver; entendimento de que a lógica da exploração e escravidão é a mesma em relação a pessoas e animais; ênfase no valor intrínseco da vida. Uma educação ambiental problematizadora deve levar e levantar questões que abarquem o local em que vivemos e outros locais onde vivem outros. Por excelência a tarefa da Educação é ajudar a pensar, para além do que aprendemos, essa liberdade pode parecer (e deve) inconveniente ao conservadorismo e aos valores amorais do capital. Basicamente, também deveria ser pretensão da educação ascender à promoção da atenção às coisas mais importantes da vida, como por exemplo, a própria vida⁴.

A freqüente ridicularização do tema ou, no mínimo, o riso, o constrangimento e os diminutivos nas frases que tratam os animais como “coitadinhos”, ao invés de tratar o caso da exploração e violência de forma minimamente séria é apenas um sintoma da sociedade esquizofrênica em que vivemos. Não há nada de engraçado ou vergonhoso em repudiar a violência. Um animal não precisa ser pequeno, bonito ou parecido com o ser humano para ter direito a não ser agredido, e essa colocação não deve ser repetida apenas quando algum defensor dos Direitos Animais encontra-se no círculo de conversa. Essa não é uma questão que deve seguir um protocolo social, ou uma predileção de respeito a quem respeita. É uma questão de necessidade do respeito por si só. Para os animais o modo como se fala deles nada importa. O que os afeta são as ações. Precisamos ultrapassar o nível do discurso, especialmente do discurso que se autojustifica, se desculpa com palavras vazias, e não leva a nenhuma reflexão efetiva. Enquanto os olhares ainda forem estes, antiquados, encharcados de desconhecimento, anestesiados, a crueldade ativa e sangrenta continuará velada, mesmo em meio às pessoas consideradas de grande esclarecimento cultural, informativo e alto nível de escolaridade.

⁴ Valor intrínseco da vida, seja ela qual for.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



A compaixão, mesmo e principalmente na infância, é um sentimento genuíno e uma forte estratégia de reconhecimento do Outro enquanto ente que merece respeito. Não há absolutamente nada de ambíguo nisto. A empatia pode e deve ser ensinada e fomentada na família e na escola, não apenas pela obviedade da importância da atuação deste sujeito em seu meio, mas também enquanto constituição básica do indivíduo aprendiz.

Porém, na maior parte das vezes em que tratamos da nossa relação com os animais, para além do ativismo, são necessárias as argumentações racionais e científicas em torno da questão. O que não é absolutamente nenhum problema para aqueles que dedicarem um pequeno tempo ao olhar empírico e aos estudos teóricos sobre o tema.

O importante é que, de uma forma ou de outra, mostremos à sociedade que este assunto não é tão secundário quanto parece, e que o riso inesperado que escapa dos lábios daqueles que ainda não abriram seus horizontes para alguns fatos é apenas um princípio natural de manutenção de uma cultura doentia, e que tem custado a se deixar resignificar. Todos podemos superar esta sensação de “não estarmos falando de uma coisa séria ou suficientemente relevante para nossos educandos”.

A falta de conhecimento que as pessoas, de todas as idades, têm e/ou demonstram sobre a nossa relação real com os animais hoje é cada vez mais inadequada, visto que no século XXI o acesso à informação é, literalmente, uma ordem. Não é à toa que algumas aulas chamadas, equivocadamente, de “educação ambiental” consistem em passar o conhecimento, lembrando Freire, de forma “bancária”, e enfatizando aspectos muito específicos dos animais, e principalmente, o que esses animais podem nos fornecer, num claro processo de coisificação da vida.

Para Paula Brügger (2004), que distingue Educação Ambiental de Adestramento Ambiental, é necessário entender que: Adestramento é um treinamento, um tipo de instrução, onde as pessoas são levadas a executar determinadas funções e tarefas, identificadas com um padrão utilitário-racional; e não deveria haver uma Educação NÃO ambiental; o termo e a necessidade de “ensinar” educação ambiental pressupõem que a educação tradicional a ignora.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



Sabemos assim que a Educação Ambiental crítica deve se fundamentar na contra-hegemonia, e não na escolha de temas ou áreas; deve rejeitar valores antropocêntricos e especistas e promover abordagens mais biocêntricas, zoocêntricas e ecocêntricas; deve fazer abrir mão do domínio sobre o outro; demanda reconhecer limites da ciência, e ausência na neutralidade; deve se mover de forma transdisciplinar, evitando áreas de tradição do pensamento; deve se alicerçar em paradigmas sistêmicos, reconhecendo a interdependência entre processos naturais e sociais; deve valorizar conhecimentos e racionalidades de diferentes povos e culturas; deve incorporar a dimensão do conflito, um pensamento monolítico romperia com seu caráter transformador; deve postular uma orientação ética rigorosa no que tange ao bem-estar coletivo; deve buscar um equilíbrio entre razão e emoção, racional e intuitivo, cognitivo e afetivo, no desenvolvimento do conhecimento; deve promover ideários e ações altruístas e buscar o entendimento de que nós humanos não somos a exceção, fazemos parte de um todo maior, bem como cada ser vivo.

Poderíamos pensar a Educação Ambiental da seguinte forma: Uma prática de elucidação e diálogo que liberte os indivíduos humanos da alienação social, especialmente no que diz respeito à vida, incluindo toda aquela do seu ou outros meios. Se refletirmos, porém, veremos que este conceito se encaixa também na prática educativa (não necessariamente “ambiental”), já que a separação existe.

Também sinto necessidade de afirmar o que a Educação Ambiental não é, e aproveito para dizer que a Educação “pura” também não é: ela não é um conjunto de normas formais, para as quais se exija um estudo aprofundado e inacessível à maioria; não é uma disciplina escolar separada das outras; não se limita a conhecer os benefícios da reciclagem, ignorando a febre do consumo; não é uma estratégia fantasiada de brindes, festas ou projetos pelas quais as grandes empresas pedem “desculpas” à sociedade; tampouco consiste em construções com o dinheiro de multas das mesmas; não é só ensinar as crianças através do não exemplo, ou seja, mostrar o animal preso para dizer que é errado prender; não pode ser biologizante (é também social); não pode ser antropocêntrica (porque deve ser sistêmica); não pode ser absoluta (os paradoxos e



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



contradições fazem parte de sua essência); não pode ser tradicional (senão não seria crítica e reflexiva); não pode ser incoerente entre o que diz ser e o que é.

Dessa forma o presente texto, como já introduzido, constitui-se numa base para a construção de um projeto coletivo que será feito a muitas mãos, contando com as professoras já envolvidas na causa, que levam o tema para sua prática docente e que já possuem a experiência e exemplos vivos de práticas pertinentes à educação, envolvendo também a Coordenadoria Municipal de Defesa dos Animais. Assim, este é um pré-documento, um passo inicial, buscando fundamentar teoricamente o que construiremos, um outro documento recheado de ideias, planejamentos e anseios. Em anexo deste pré-documento está presente um conhecido texto do grande Carlos Drummond de Andrade, que nos ajuda a refletir sobre uma educação conservadora e sobre a infinita sensibilidade das crianças.

Mas, afinal, o que queremos com um projeto municipal de Direitos Animais na Educação? Tornar, de pronto, todos(as) os(as) nosso(as) alunos(as) veganos ou vegetarianos? Boicotar, junto a eles (as), atividades desprezíveis ainda vistas como naturais em nossa sociedade como os rodeios e provas de “tiro de laço”? Uma porção de atividades a serem feitas, ou a não serem feitas poderiam compor essa resposta. Nosso único objetivo tem vertentes. Trata-se de ampliar os horizontes, especialmente para a solidariedade, isso desencadeará em esclarecimentos econômico-político de por que essas questões são tão veladas e “esquecidas”; afinará a sensibilidade de crianças e jovens, inclusive para com seu semelhante; fortalecerá a luta contra a dualidade sociedade x natureza, afinal não é mistério que somos todos natureza; uma infinidade de possibilidades se abre diante de nós, dependendo de nossas práticas em sala de aula, na Secretaria, na Coordenadoria, dependendo das próprias crianças, seus anseios, seus afetos, dependendo da disponibilidade das escolas, das famílias, etc. Certo é que uma rede se tecerá em torno deste novo tema, que não exclui nenhum outro saber a não ser aqueles que instiguem a violência gratuita contra nossos semelhantes e nossos não semelhantes.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



Acreditamos que o potencial humano, ao invés de insistir em um antropocentrismo, em parte natural, deve ter como diferencial o saber e sentir ético, uma luta contra a corrente da barbárie interior do *Homo sapiens* (Edgar Morin) e de nossos hábitos de pensar. Já não importa tanto o quanto nossos sonhos demorem a encontrar o chão, quantos indivíduos atinja, ou se há consenso preliminar nas grandes massas do coletivo cada vez que uma novidade aparece. Importa acompanhar a evolução moral que existe em todo o mundo, importa trabalharmos pelo respeito ao outro, importa nossa intenção e nossa alegria em colher frutos de gentileza e igualdade, pois certamente os teremos. Importa que honremos, na prática, a Educação como sendo um expansor nas mentalidades, um motor para a inteligência em todos os níveis, um meio de civilização, cuidado e amor.

Referências:

BRÜGGER, Paula. Educação ou Adestramento Ambiental. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

DENIS, Leon. Direitos Animais: um novo paradigma na educação. In: ANDRADE, Silvana. (Org.). Visão Abolicionista: Ética e Direitos Animais. São Paulo: Libra Três, 2010.p. 172-179.

GORDILHO, Heron José de Santana. Direito Ambiental Pós Moderno. Curitiba: Juruá, 2009.

LOURENÇO, Daniel Braga. Direito dos Animais: fundamentação e novas perspectivas. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2008.

MEDEIROS, Fernanda Luiza Fontoura de. Direito dos Animais. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2013.

REAGAN, Tom. Jaulas Vazias: encarando o desafio dos direitos animais. Porto Alegre, RS: Lugano, 2006.

SINGER, Peter. **Ética prática**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



_____. **Libertação Animal.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

antropocentrismo, em parte porque o homem é considerado o ser mais evoluído e, portanto, o mais digno de respeito. Este pensamento é contrário à doutrina da liberdade animal, que defende que todos os animais são seres sencientes e merecedores de respeito e consideração. A doutrina da liberdade animal defende que os animais possuem uma vida própria e não são meros objetos para serem utilizados pelo homem. Portanto, a doutrina da liberdade animal defende que os animais devem ser tratados com respeito e consideração, e não como meros objetos para serem utilizados pelo homem.

BRÜCKNER, Paulo. *Libertação Animal: Um Tratado Filosófico*. Capote, 1998.

DEUS, José. *Doenças Animais: Uma Nova Paradigmas na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2009.

SILVA, José. *Visão Antropocêntrica: Biotica e Direitos Animais*. São Paulo: Livros Têxteis, 2010. p. 155-159.

GORDILHO, Hans-Joachim. *Doenças Animais: Uma Nova Paradigmas na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2009.

LOURINHO, Paulo. *Doenças Animais: Uma Nova Paradigmas na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2009.

MEDEIROS, Fernando. *Doenças Animais: Uma Nova Paradigmas na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2009.

REAGAN, Tom. *Justiça para os Animais: Uma Nova Paradigmas na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2009.

SINGH, Peter. *Doenças Animais: Uma Nova Paradigmas na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2009.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



ANEXO:

DA UTILIDADE DOS ANIMAIS⁵

Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós e, além disso, são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.

– Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?

– Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pelo se fazem perucas bacanas. E a carne, dizem que é gostosa.

– Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?

– Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.

– Ele faz pincel, professora?

– Quem, o texugo? Não, só fornece o pelo. Para pincel de barba também, que o Arturzinho vai usar quando crescer.

Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru:

– Bolsas, mala, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando da carne. Canguru é utilíssimo.

– Vivo, fessora?

– A vicunha, que vocês estão vendo aí, produz... produz é maneira de dizer, ela fornece, ou por outra, com o pelo dela nós preparamos ponchos, mantas, cobertores, etc.

– Depois a gente come a vicunha, né fessora?

⁵ Extraído de DRUMMOND, Carlos de. **De notícias e não notícias faz-se a crônica**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.



Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
 SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



– Daniel, não é preciso comer todos os animais. Basta retirar a lã da vicunha, que torna a crescer...

– E a gente torna a cortar? Ela não tem sossego, tadinha.

– Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabem?

– A carne também é listrada?- pergunta que desencadeia riso geral.

– Não riam da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas. Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disto. Ah, o pinguim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento – não sabem o que é? O cocô do pinguim é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo feito da gordura do pinguim...

– A senhora disse que a gente deve respeitar.

– Claro. Mas o óleo é bom.

– Do javali, professora, duvido que a gente lucre alguma coisa.

– Pois lucra. O pelo dá escovas é de ótima qualidade.

– E o castor?

– Pois quando voltar a moda do chapéu para os homens, o castor vai prestar muito serviço. Aliás, já presta, com a pele usada para agasalhos. É o que se pode chamar de um bom exemplo.

– Eu, hem?

– Dos chifres do rinoceronte, Belá, você pode encomendar um vaso raro para o living da sua casa.

Do couro da girafa Luís Gabriel pode tirar um escudo de verdade, deixando os pelos da cauda para Tereza fazer um bracelete genial. A tartaruga-marinha, meu Deus, é de uma utilidade que vocês não calculam. Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia. O casco serve para fabricar pentes, cigarreiras, tanta coisa. O biguá é engraçado.

– Engraçado, como?

– Apanha peixe pra gente.



Prefeitura Municipal
do RIO GRANDE
Aqui tem Governo Popular

Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA EDUCAÇÃO



– Apanha e entrega, professora?

– Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.

– Bobo que ele é.

– Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?

– *Entendi, a gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pelo, o couro e os ossos.*

ANEXO J - Termos de autorização de uso de imagem adulto.

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

Eu, Alexander Loureiro de Mattos,
nacionalidade brasileira, estado civil casado,
portador de cédula de identidade n° 123456789, residente à Av/Rua
1234 n° 567

município de Rio Grande - RS. AUTORIZO, o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada na Pesquisa de mestrado intitulada POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS, através do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sejam essas destinadas a divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral; (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados; ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeos digital e analógico, cinema, programas de rádios, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação das imagens, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Andriara Nunes Nunes, RG 3083357545 e CPF 01236381009.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assino a presente autorização em 1(uma) via.

Rio Grande, 15 de julho de 2021.

Alexander L. de Mattos

(Assinatura)

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

Eu, Kátia Duarte Moreira,
nacionalidade _____, estado civil _____,
portador de cédula de identidade n° _____, residente à Av/Rua
_____ n° _____

município de Rio Grande - RS. AUTORIZO, o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada na Pesquisa de mestrado intitulada POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS, através do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sejam essas destinadas a divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral; (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados; ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeos digital e analógico, cinema, programas de rádios, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação das imagens, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Andriara Nunes Nunes, RG 3083357545 e CPF 01236381009.

Por esta ser a expressão de minha declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assino a presente autorização em 1(uma) via.

Rio Grande, 15 de julho de 2021.



(Assinatura)

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

Eu, María de Fatima Maier,
nacionalidade _____, estado civil _____,
portador de cédula de identidade n° _____, residente à Av/Rua
_____ n° _____

município de Rio Grande - RS. AUTORIZO, o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada na Pesquisa de mestrado intitulada POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS, através do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sejam essas destinadas a divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral; (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados; ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeos digital e analógico, cinema, programas de rádios, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação das imagens, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Andriara Nunes Nunes, RG 3083357545 e CPF 01236381009.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assino a presente autorização em 1(uma) via.

Rio Grande, 15 de julho de 2021.

M. Fatima Maier

(Assinatura)

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

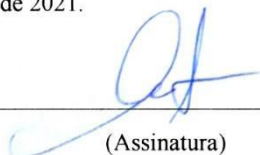
Eu, Márcia Gótti Kollírio Chaplin,
nacionalidade _____, estado civil _____,
portador de cédula de identidade n° _____, residente à Av/Rua
_____ n° _____

município de Rio Grande - RS. AUTORIZO, o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada na Pesquisa de mestrado intitulada POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS, através do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sejam essas destinadas a divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral; (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados: ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeos digital e analógico, cinema, programas de rádios, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação das imagens, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Andriara Nunes Nunes, RG 3083357545 e CPF 01236381009.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assino a presente autorização em 1(uma) via.

Rio Grande, 15 de julho de 2021.



(Assinatura)

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

Eu, Samilla Moraes Pintes,
 nacionalidade _____, estado civil _____,
 portador de cédula de identidade n° _____, residente à Av/Rua
 _____ n° _____

município de Rio Grande - RS. AUTORIZO, o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos e documentos, para ser utilizada na Pesquisa de mestrado intitulada POR UMA PEDAGOGIA ANTIESPECISTA: EXPERIÊNCIAS EM PROL DE RELAÇÕES BIOCÊNTRICAS ENTRE CRIANÇAS E ANIMAIS EM ESCOLAS DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS, através do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU e a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sejam essas destinadas a divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo o território nacional e exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral; (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados; ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeos digital e analógico, cinema, programas de rádios, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação das imagens, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Andriara Nunes Nunes, RG 3083357545 e CPF 01236381009.

Por esta ser a expressão de minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, assino a presente autorização em 1(uma) via.

Rio Grande, 15 de julho de 2021.

Samilla Moraes Pintes

(Assinatura)